Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

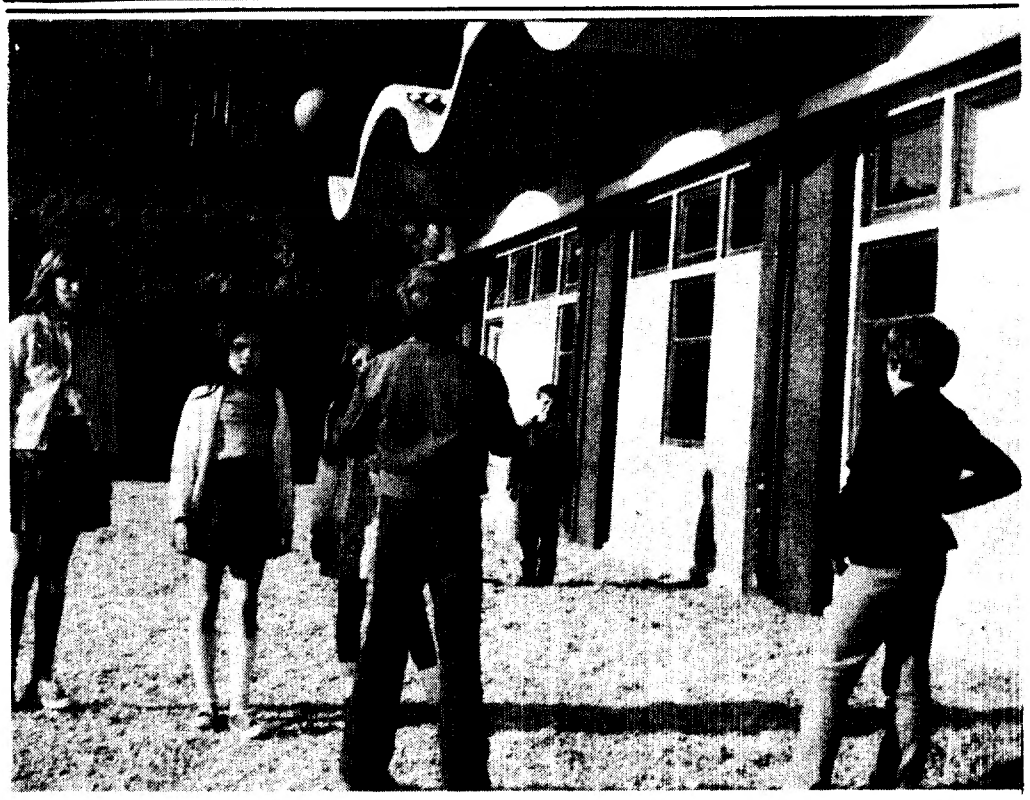
TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1973 — N.º 18066 — ANO 53 º — PREÇO 1$50

VINHO DO PORTO: EXPORTAÇÃO AMEAÇADA

As importações de álcool neutro da Jugoslávia e de aguardente vínica da Argélia, realizadas pela Junta Nacional dos Vinhos, podem comprometer gravemente as exportações de vinho do Porto para o Mercado Comum, adverte a junta de administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, também denominada Real Companhia Velha. O regime preferencial negociado entre Portugal e o Mercado Comum só será aplicável ás mercadorias que tenham sido inteiramente produzidas no nosso País. A composição do vinho do Porto com aguardentes importadas poderá servir de justificação para a não aplicação do regime preferencial. Por outro lado, verifica-se que não dispomos de vinho do Porto, nem em quantidade nem em qualidade, para responder à crescente procura no mercado nacional e nos mercados estrangeiros. É a natural consequência de não se ter agido, a tempo, no sentido de aumentar as reservas. **(Ler na página 3)**.

REPRESÁLIAS ISRAELITAS

Soldados israelitas, alguns deles disfarçados de «hippies», atacaram bases de guerrilheiros palestinianos em Beirute, no Líbano, e na cidade portuária de Sidon. Quatro israelitas, segundo Telavive, ficaram feridos na operação, aparentemente ordenados em represália pelos ataques de ontem a um avião israelita e à residência do embaixador de Israel em Nicósia. Os informadores de Israel afirmaram que a força partiu e regressou por mar. Fontes palestinianas confirmaram que os israelitas sofreram baixas.



Beirute foi surpreendida durante a madrugada pelos grupos de soldados israelitas, que para se confundirem com os frequentadores dos bares nocturnos, se vestiram à «hippie». Pelo menos três dirigentes palestinianos foram mortos durante os ataques. O ministro libanês da Defesa anunciou que foram igualmente mortos nove civis e dois polícias, tendo ficado feridos nove elementos das forças de segurança e um oficial do Exército. Segundo o comunicado do Ministério, os israelitas penetraram em Beirute em automóveis particulares com matrícula libanesa. urante o ataque, várias zonas da cidade ficaram às escuras e ouvia-se tiroteio em muitas direcções. O aeroporto de Beirute esteve encerrado durante duas horas com receio de um ataque aéreo. Os dirigentes palestinianos que foram mortos são Abu Youssef e Kamal Adwan, ambos da Fatah, e Kamal Nasser, informador oficial da OLP. Foi também atacada uma oficina de reparações de veículos no porto de Sidon. (R/DL).

MORTOS NO VIETNAME

Os corpos dos membros americanos da Comissão Internacional de Controle que seguiam a bordo de um helicóptero abatido pelos comunistas são desembarcados em Saigão. Entretanto, a Comissão suspendeu todos os voos sobre o Vietname. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

HOJE 32 PÁGINAS INCLUINDO "ECONOMIA"

O EXEMPLO DE UMA ESCOLA QUE FOGE À ROTINA

Em Pampilhosa da Serra funciona a Escola Preparatória Marcello Caetano, dirigida pela dr.ª Laurinda Maria da Piedade Augusto e cujas condições de organização constituem um desafio à estereotipia com que se pretende impugnar as nossas instituições escolares.

Das crianças que frequentam a escola, cerca de setenta, para poderem comparecer às aulas têm que percorrer distâncias que vão até 40 quilómetros, e como não há transportes, o único recurso, aliás impraticável, é o carro de aluguer.

Para garantir a escolaridade obrigatória, através de uma frequência regular, a directora daquele estabelecimento tomou a iniciativa de instalar as setenta crianças nas dependências do Hospital da Misericórdia, o que conseguiu. Assim, armou c a m a r a t a s em todos os espaços disponíveis i n c l u s i v e n o s corredores daquelas dependências e passou a viver com os seus alunos.

A fim de custear a alimentação das crianças, recorreu a direcção da Escola ao I. A. S. E. (Instituto de Acção Social Escolar) e na mesma altura apareceu um apelo no jornal local, o «Correio da Serra», para a angariação de fundos. O prof. Marcello Caetano, que é natural da Pampilhosa e deve ler aquele jornal, em Janeiro do corrente ano cobriu o défice daquela escola (cerca de 27 000$00). Por outro lado, a Casa do Concelho da Pampilhosa, através do jornal «A Comarca de Arganil», anunciou

Continua na pág. 2

Sidónio Muralha contra "O Homem Domado"

«O Homem Domado» é um «best-seller» de que, só na Alemanha, foram vendidos 500 000 exemplares. Nele, a autora, Esther Villar, na realidade Esther Katzer, filha de emigrantes alemães, nascida em Buenos Aires, tenta provar que a mulher é um ser humano de segunda classe... «Raivosamente e ao correr da pena», segundo as suas próprias palavras, Sidónio Muralha analisa este livro que tem tanto de injusto como de oportunista: o seu texto, que precisamente se intitula «A Mulher Injustiçada», começa a ser publicado na próxima quinta-feira, no «Suplemento Literário». Espera-se que, depois disto, nenhum editor português tenha a coragem de publicar o reaccionário livro de Esther Villar...

Reestrutura-se a indústria das Conservas de Peixe

Foram estabelecidas pelo Governo condições que permitem e favorecem a constituição de empresas de conservas de peixe económica e financeiramente viáveis e a criação de agrupamentos de empresas com vista à aquisição de matérias-primas e equipamentos, bem como à comercialização dos respectivos produtos. As medidas agora estabelecidas devem-se ao facto de a indústria de conservas de peixe, uma das mais importantes no quadro das actividades exportadoras nacionais, atravessar uma crise.

O decreto-lei hoje publicado determina a redução dos encargos fiscais que as concentrações normalmente implicam, «ao mesmo tempo que se concedem benefícios da mesma natureza às empresas que resultarem das concentrações, aos agrupamentos e às empresas que se agruparem. «Assim, às empresas que se constituírem no prazo de um ano e resultem da fusão de outras beneficiarão de isenção de sisa, redução a metade da taxa da contribuição industrial durante cinco anos, isenção de direitos de importação por cinco anos, prorrogáveis, das matérias-primas e equipamentos necessários, e ainda um subsídio de 40$00 por caixa relativamente à produção efectiva média anual das unidades fabris objecto da concentração, avaliada em relação aos últimos dez anos.

NACIONAL

"ONDE ESTÁ A FALÊNCIA DO REFORMISMO?"
Interrogação do prof. Marcello Caetano ao encerrar um Seminário da A.N.P.

«Não faltam burgueses e não menos respeitáveis senhoras burguesas que, com a mesma leviandade dos nobres da corte de Maria Antonieta, onde acolhiam jubilosamente as ideias novas que os levariam ao cadafalso, fazem gala em mostrar a sua simpatia ao sistema que, a ser posto em prática, se apressaria a dar conta deles...» Assim falou, a certa altura, o prof. Marcello Caetano ao presidir, na União de Grémios dos Lojistas de Lisboa, à sessão de encerramento do Seminário sobre Teorias e Políticas Económicas, promovido pela Comissão de Concelho de Lisboa da Acção Nacional Popular.

Começando por fazer a distinção entre «doutrinas», «teorias» e «ideologias», o presidente do Conselho descreveu e condenou, ao longo do seu discurso, as doutrinas políticas e económicas sobre a apropriação colectiva da propriedade. Partindo da explicação do socialismo, que começou por ser uma doutrina que **«procurava fazer prevalecer os interesses sociais sobre os interesses individuais, pugnava pela correcção das injustiças da distribuição das riquezas e da repartição de rendimentos e condenava os abusos da propriedade privada»**, o prof. Marcello Caetano referiu-se sucessivamente ao marxismo, quer na pureza comunista, quer no desvio anarquista, condenando vivamente tais ideologias. Referindo-se à «ditadura do proletariado», o prof. Marcello Caetano apontou alguns exemplos de países onde ela se praticaria, sob o nome de «democracia popular», prevenindo **«Cautela com esta democracia totalitária!»**

E mais à frente, localizando no País essas doutrinas: **«Lanço o meu grito de alerta! Cada vez mais se define claramente a opção oferecida aos Portugueses: Não se iludam! Têm de escolher, mas varonilmente, mas decididamente, entre um regime de verdadeira e sã democracia, como o nosso (...) e a opressão comunista, que de democracia só tem o nome (...)».**

Por fim, contestando as afirmações dos que falam na «falência do refirmismo», o chefe do Governo afirmou o propóstio de continuar **«serenamente, devotadamente, esforçadamente, a trabalhar por amor, e só por amor da nossa Pátria (...)».**

O cartão Sottomayor vai circular no Ultramar

Circulam já em Portugal 55 mil cartões de crédito emitidos pelo Banco Sottomayor» — foi ontem anunciado numa conferência de Imprensa que teve lugar ao fim da manhã, no Hotel «Sheraton» e, na qual tomaram parte, representando aquele estabelecimento bancário, os srs. Ribeiro da Fonseca, director do departamento de crédito e dr. Licínio Cunha, chefe do departamento de estudos económicos.

Foi o sr. Ribeiro da Fonseca quem forneceu os primeiros tópicos da conferência, afirmando que o êxito tem coroado estes três primeiros anos do lançamento em Portugal do sistema «Bank Americard», traduzido, entre nós, pela emissão dos cartões de crédito Sotto mayor, aceites sem dificuldade em 2500 locais e com circulação extensiva, não só à Metrópole, como também à Madeira e aos Açores, estando projectada a sua penetração para breve nos territórios de Angola e Moçambique. Depois de ter revelado que o cartão de crédito é utilizado sobretudo por pessoas que viajam, informou que existem em todo o mundo mais de 30 milhões de cartões do sistema Bank Americard, que muitos países da Europa, a princípio relutantes, aceitaram o sistema como o melhor, estendendo-se mesmo aos países do Leste. A própria França resolveu aderir com a sua «Carte Blanc», o que veio trazer novas perspectivas à difusão do cartão de crédito. A adesão da França foi, aliás, um triunfo da diplomacia do grupo «Bank Americard» e da eficiência já demonstrada do cartão de crédito emitido por esse grupo.

Em seguida, o dr. Licínio Cunha entraria em pormenores justificativos do aparecimento do cartão de crédito, dizendo, entre outras coisas, que «a criação e difusão dos cartões de crédito não é mais que um aspecto de um fenómeno mais vasto: o crescente esforço de libertação do homem da sujeição a esquemas que entravam ou dificultam os actos decorrentes das relações mútuas».

Uma escola que foge à rotina

Continuação da pág. 1

uma contribuição de 2.900$00.

O Ministério das Obras Públicas está neste momento interessado em construir, em terreno já cedido, as instalações indispensáveis para o alojamento dos alunos, dispondo-se já para a obra uma verba de 2000 contos.

De qualquer maneira, decorre em Pampilhosa da Serra uma experiência inédita e que revoluciona completamente todo o tipo de convívio escolar experimentado nos estabelecimentos oficiais. Com admirável dinamismo, a respectiva directora tem conseguido dominar uma situação que só de pensar nela alarmaria a maioria dos directores escolares.

Estamos deste modo perante uma nova experiência escolar, das mais audaciosas e que põe à prova as estruturas burocratizadas do nosso ensino.

ESCOLA DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA DE LISBOA

Na Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, Rua José Carlos dos Santos n.º 7-3.º em Lisboa, Telefone 77 50-74, estão abertas as inscrições para o Curso de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica de 15 de Março a 15 de Abril.

Para a frequência do referido Curso são exigidas como habilitações literárias o 1.º Ciclo dos Liceus ou equivalente.

Lisboa, 19 de Março de 1973

O PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA,
Roberto Pegado

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luis Henriques Gomes-Mini-Golf armação DE PERA

COLISEU DOS RECREIOS

(Empresa Ricardo Covões, Herd.)

Grupo B — 10 anos

O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS apresenta, em récita popular

A M A N H Ã — pelas 21,30 horas

CONCERTO

com:

Boris Christoff
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Maestro-Director Silva Pereira

PROGRAMA: Abertura da ópera «A Força do Destino», VERDI; Ária de Fiesco, da ópera «Simão Bocanegra», VERDI; Grande cena de Banquo, da ópera «Macbeth», VERDI; Abertura da ópera «As Vésperas Sicilianas», VERDI; Grande cena de Filipe II, da ópera «D. Carlos» («Ella giammai m'amo»), VERDI; Abertura da ópera «Guilherme Tell», ROSSINI; Ária de D. Basílio, da ópera "«O Barbeiro de Sevilha» («A Calúnia»), ROSSINI; Nas estepes da Ásia Central, BORODIN; Despedida e morte de Boris, da ópera «Boris Godunov», MUSSORGSKY.

No dia 2 de Maio, pelas 21,15 horas — «PARSIFAL» (Grupo C-14 anos).

O CINEMA LYS

vai encerrar amanhã para importantes obras de remodelação terminando, desse modo, a sua actividade de muitos anos como cinema de reprise.

A sua reabertura marcará o início duma actividade de estreia. A esta mudança de aspecto e de actividade, juntou-se a do próprio nome da sala que reabrirá brevemente sob a designação de

CINEMA ROXY

acompanhando os mais prestigiosos cinemas de estreia de Lisboa. A sua programação, seleccionada por Filmes Castello Lopes e Filmes Lusomundo, terá a garantia da qualidade e do prestígio destas Empresas.

EXPOSIÇÃO DE APARELHAGEM DE AQUECIMENTO ELÉCTRICO

CONVITE

EXPO—SHERATON FRIPORTUS 73

Convidamos todos os distribuidores de aparelhagem de aquecimento e imprensa, a visitarem a mostra da nossa linha 73 no Hotel Sheraton, sala de Ouro, no próximo dia 25 de Abril, pelas 18.30 horas.

Forneceremos convite às Empresas que o solicitarem para: FRIPORTUS — Apartado 22 — Águeda.

Durante a mostra será oferecido um cocktail.

FRIPORTUS — Frigoríficos de Portugal, SARL

A G U E D A

DL/OPINIÃO

QUEM TEM MEDO DA CULTURA?

Enquadrado pelo parecer da Câmara Corporativa e pelo relatório da Comissão de Educação Nacional, Cultura Popular e Interesses Espirituais e Morais, vai iniciar-se finalmente na Assembleia Nacional o debate sobre a Reforma do Sistema Educativo, matéria sobre todas controversa, mas que certamente nesta sua nova fase de apreciação não receberá sensíveis alterações de fundo, tão condicionada ela estará pelo aparato crítico daqueles dois documentos. Não se espera que as contribuições parlamentares venham a inflectir o sentido da Reforma numa orientação que se oponha ou contrabalance certas tendências expressas no relatório da Comissão, a qual, como já foi notado, manifesta um retrocesso em relação à proposta de lei inicial. A influência das comissões parlamentares nas decisões finais, que foi objecto de vivos reparos e de críticas que mais vivamente se formularam fora da Assembleia do que dentro dela, vai surgir, desta vez, com uma clareza que dissipará, em definitivo, as dúvidas expectantes que ainda restassem...

Aponta a Comissão, no relatório, «que, no seu seio, não só não se suscitou qualquer restrição ao princípio da igualdade de oportunidades de educação para todos os portugueses, como ainda, neste domínio, foi possível ir-se além dos altos propósitos contidos na proposta de lei». Há-de parecer extrema singularidade ao mais desprevenido cidadão português que, mesmo só por simples admissibilidade retórica, se refira a ausência de «qualquer restrição ao princípio da igualdade...etc. etc.»: um deputado que subscrevesse tal princípio estaria, certamente, equivocado na função e no lugar...Mas uma vez que a Comissão declara ter ido além, neste domínio, dos propósitos da proposta de lei, pode e deve passar-se por cima de uma redacção pouco afortunada e seguir adiante, à procura desse prometido «além». E que vamos encontrar? Onde a proposta de lei se determinava a «proporcionar uma educação básica a todos os portugueses» (fórmula que, efectivamente, cobre apenas um vago compromisso), a Comissão parlamentar supõe ir mais longe ao votar este outro texto: «Tornar efectiva a obrigatoriedade de uma educação básica generalizada como pressuposto indispensável da observâncua do princípio fundamental da igualdade de oportunidades para todos». O compromisso não se tornou mais amplo nem mais firme, mas a fórmula rodeou-se de um barroquismo quase impenetrável, exemplo significativo de um estilo à procura de assunto...

Não se diga que em tudo isto nada mais há que simples questões de forma. No nosso entender, pelo contrário, a forma está aqui a reflectir um estado de espírito que, porventura, traz a lume as hesitações entre a recente consciência da necessidade de uma total reforma educativa e o peso morto (mas estará realmente morto?) das opções que, em pontos de cultura, ainda há bem pouco tempo tinham preferência, sanção e defesa oficial. No fim de contas, são os mesmos homens que mantinham antes e propõem agora: não seria sensato exigir-lhes o milagre sucessivo da despersonalização e da personalidade nova...

Em discurso recentemente proferido, o ministro Veiga Simão afirmou que «a ímpar tarefa da educação nacional é preparar a grande massa dos cidadãos para a vida da liberdade responsável e para a participação activa no progresso nacional». Nada mais certo. Mas este sempre foi o programa desejável de uma educação que respeitasse os direitos do homem, e não aquele que o próprio ministro afinal denuncia e estigmatiza, ao acrescentar: «Já não podemos adiar decisões: já não suportamos o arrastar de congeminações contraditórias, hesitando por medo, apatia ou falta de convicção». Terríveis palavras estas quando se trata da vida de um povo: medo, apatia, falta de convicção...Assumindo o risco da banalidade, perguntamos: quem tem medo da cultura?

Ex-Maoistas

A organização maoista no Líbano dissolveu-se — anunciou o seu chefe, Jamil Chatila, numa entrevista o jornal «Al Nahar».

Chatila dirigiu ao Comité Central do PC Libanês (favorável aos soviéticos) uma carta pedindo a sua readmissão e justificando a reviravolta com as consequências da «revolução cultural chinesa e os acontecimento do Sudão».

O primeiro partido maoista, organizado no Líbano em 1964, reunia um determinado número de dissidentes do Partido Comunista Libanês, diz Chatila, revelando também que, além do auxílio recebido da Embaixada da China em Damasco, o grupo maoísta doi ajudado pela Albânia.

O grupo maoista teve a sua «pior desilusão» — acentua Chatila — quando Pequim aprovou as medidas tomadas pelo presidente sudanês, Gaafar El Numeiry, depois do golpe de Estado que falhou em Julho de 1971, medidas essas que se concretizaram pela supressão do Partido Comunista e a execução dos seus dirigentes.

Indios

«O índio brasileiro, «uma vez integrado» terá os mesmos direitos — e os mesmos deveres — que qualquer cidadão do País. Além disso, os seus hábitos e tradições serão protegidos pelas autoridades: é o que prevê nomeadamente o projecto de lei governamental sobre o «Estatuto do Índio» que foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e que deve passar em breve ao senado antes de entrar em vigor.

Este projecto de lei, tornado necessário pela conquista da Amazónia pelo homem brancõ e pela ameaça de extinção da raça índia, visa não só regulamentar a integração progressiva dos cerca de 180 000 Índios do Brasil e a fazer deles cidadãos de pleno direito, mas também a proteger os seus costumes e, sobretudo, as suas terras cobiçadas.

Segundo o «Estatuto do Índio», qualquer indígena nascido ou instalado no Brasil, é brasileiro. O projecto de lei define três categorias de índios, há assim:

1 — O índio «isolado» do qual o homem branco ainda não se aproximou;

2 — O índio em vias de integração, que já entrou em contacto, parcial ou permanente com a civilização, que conserva o seu próprio estilo de vida, mas que já adoptou certas práticas da comunidade branca. Nestes dois casos, o índio é protegido directamente pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e, de certo modo, um «Pupilo de Estado».

3 — Por fim, há o índio «integrado» que já está integrado na comunidade Nacional. Goza então de plenos direitos cívicos e políticos, mesmo se conserva as suas tradições, cultura e costumes.

Segundo o projecto de lei, o Estado brasileiro compromete-se a garantir aos índios a «posse permanente» das terras em que habitam assim como o «Usufruto Exclusivo» das riquezas que contêm. Nestas terras, nenhum estranho poderá caçar ou pescar ou realizar qualquer exploração.

A distribuição deste território, que ainda não foram delimitados, será efectuada de acordo com o grau de integração do índio, em reservas parques e colónias.

Resta agora saber quais serão, para os índios e colonizadores da Amazónia as consequências desta lei, e também se será respeitada a longo prazo.

Ameaçadas as exportações de Vinho do Porto para o Mercado Comum

A produção e exportação de vinho do Porto estão ameaçadas pela falta de aguardente vínica para benefício, pela falta de vinhos generosos em quantidade indispensável para obter capacidade de exportação, pela falta de autorização para plantar vinhas das melhores castas nas regiões do Alto Corgo, e pela inflação — escreve-se no relatório da junta de administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, também denominada Real Companhia Velha, correspondente ao exercício de 1972.

No próximo dia 1 de Julho, entra em vigor o calendário de redução de direitos a aplicar ao vinho do Porto exportado para o Mercado Comum, cujos países componentes constituem os mercados tradicionais do «vinho fino de Riba Doyro». A redução dos direitos prevista no acordo entre Portugal e o Mercado Comum é da ordem de 60 por cento para vinhos engarrafados, até ao limite anual de 20 mil hectolitros, é da ordem de 50 por cento para vinho encascado, para um contingente anual de 265 mil hectolitros. Estas reduções de direitos repartem-se pelos próximos três anos, à média de 20 por cento ao ano. Às exportações efectuadas para além daqueles limites serão aplicados por inteiro até ao fim do respectivo ano civil, os direitos de importação normais.

Nos termos do acordo entre Portugal e o Mercado Comum, as reduções de direitos ś serão aplicáveis às mercadorias que possam ser consideradas originárias de Portugal, isto é, que tenham sido inteiramente produzidas no nosso país. Para que um produto possa beneficiar do tratamento preferencial, é necessário que satisfaça os requesitos oficiais das chamadas «regras» de origem qualidade que será atestada mediante documento emitido pelas nossas autoridades aduaneiras.

Segundo a junta de administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, o condicionalismo das «regras de origem» põe em evidência o problema das aguardentes vínicas para benefício do vinho do Porto, tal qual o levantou o deputado Fausto Montenegro, em Dezembro passado, na Assembleia Nacional.

O deputado Fausto Montenegro atacou vigorosamente alguns organismos de coordenação económica por ingerência que considerou perniciosas à política dos vinhos do Porto. Afirmou que os lavradores do Douro estão fartos: «Não mais permitirão a ingerência de organismos estranhos». Defendeu a independência, muito ameaçada, da

Continua na pág. 8

Exclusivo «LE MONDE»/«DL» Por CHARLES VANHECKE

Uma barragem divide o Brasil e a Argentina

A barragem do Itaipu continua a ser motivo de grandes títulos ma Imprensa brasileira. Será ou não o futuro Governo argentino capaz de impedir, ou pelo menos atrasar, a construção da que seria a maior barragem do Mundo? Oficialmente, a posição do Governo de Brasília consiste em reafirmar o seu direito soberano de explorar a parte brasileira do rio Paraná, onde deverá ser construída a central hidroeléctrica. Mas um grande jornal económico do Rio, «O Jornal do Comércio», anunciava recentemente, referindo-se a fontes governamentais, que a assinatura do acordo com o Paraguai país que também tem fronteira com o rio Paraná, poderia vir a ser adiada. Previa-se que este acordo fosse assinado por ocasião da visita que deve realizar o presidente Stroessner a Brasília a partir de 23 de Abril

A importância da barragem parece ser vital para os dois países. Com uma produção calculada entre 10 e 12 milhões de Kilowates por ano, esta barragem fornecerá uma quantidade de energia eléctrica igual à que hoje produz o Brasil na sua totalidade. O custo de produção está calculado em 200 dólares por Kilowatt, o que é considerado porticularmente barato. É certo que a central ficará situada no sudoeste do país, no Estado do Paraná, relativamente afastado, portanto, do grande centro consumidor de energia que é São Paulo. Mas há quem defenda que a localização numa zona deserta mas fértil permitirá criar «uma nova frente agrícola».

Os trabalhos deveriam começar no próximo ano e estar concluídos em 1980. A construção da fábrica fica em 2 biliões de dólares e os trabalhos de infra-estrutura em 1 bilião. Situada no troço do rio comum ao Brasil e ao Paraguai cerca de 20 quilómetros ao norte da fronteira com a Argentina, a barragem será financiada e explorada por uma sociedade mista, com igual participação dos dois países.

Como o Paraguai é demasiado pobre para suportar a sua quota-parte, o Brasil procurará obter para ele os necessários meios de financiamento. Metade da energia eléctrica irá para o Paraguai, mas será o Brasil o princiapl consumidor. Calcula-se que só a barragem trará ao Paraguai receitas de exportação comparáveis à totalidade das suas receitas actuais. Face a um projecto de tal evergadura, a Argentina também tem a sua palavra a dizer. Na verdade, a barragem irá captar as águas de um rio que corre em grande parte no território argentino. Alteração da navegabilidade do rio, da fertilidade das terras rebeirinhas, das correntes, e portanto das riquezas piscatórias — tais são os argumentos apresentados por Buenos Aires contra uma realização susceptível de comprometer a economia das províncias do norte da Argentina, que vivem em grande parte da pesca.

Mas existem ainda outras razões: há quinze anos, os Argentinos projectaram construír com os Paraguaios uma central hidroeléctrica no mesmo rio, perto das ilhas Yacireta-Apipe. Mais recentemente, elaboraram um outro projecto de barragem, a construir também com o Paraguai, perto de Corpus, ao sul da barragem de Itaipu. Ultrapassados pelos Brasileiros, que começaram os estudos de Itaipu há apenas dois anos, eles verificam hoje que a obra do vizinho põe em risco a realização que tinham em estudo.

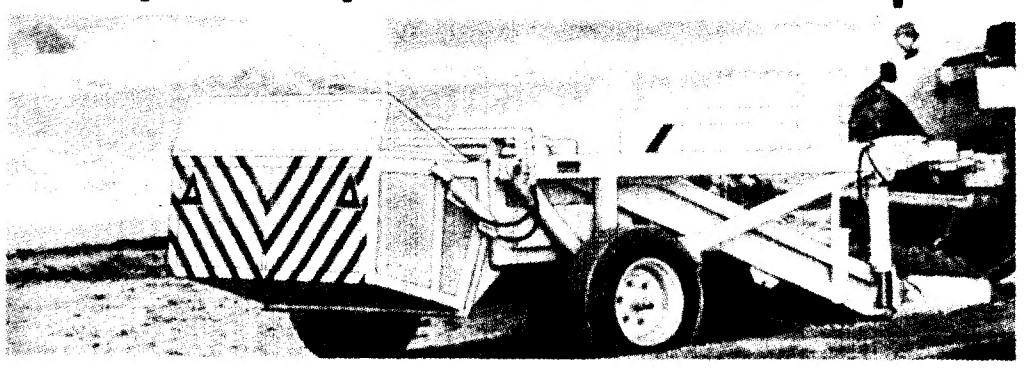
Num artigo publicado recentemente pelo jronal argentino «Clarim» que foi largamente comentado no Brasil, um antigo colaborador do presidente Frondizi, Oscar Camillion, esclarecia a questão: o pólo de atracção que irá constituír a barragem de Itaipu, dizia ele, provocará um empobrecimento trágico do Norte da Argentina o rio é multinacional, a sua exploração também devia ser multinacional, acrescentou. O assunto, amplamente explorado pelos peronistas antes e depois da campanha eleitoral argentina, transformou-se em querela jurídica sobre a utilização dos recursos do rio.

Segura da sua posição, Brasília começou por referir-se ao acordo assinado em Outubro em Nova York, à margem da Assembleia Geral da ONU, pelos chanceleres brasileiro e argentino. Nos termos deste acordo, os dois países comprometiam-se a uma troca de informações técnicas que antecederiam qualquer projecto destinado a modificar o regime dos rios desta bacia, troca esta que não podia servir do pretexto para retardar os trabalhos.

Mas, no dia 20 de Março, o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros publicou uma nota recordando um outro termo do acordo: nenhuma realização poderá prejudicar o seu vizinho, e a troca de informações não significa que se possa a seguir fazer tudo o que se quiser. É esta a verdadeira questão.

DL/NACIONAL

A limpeza das praias vai fazer-se à máquina



Os problemas relacionados com a limpeza das praias poderão ser resolvidos, graças a uma nova máquina, especialmente dotada para o efeito, experimentada há dias, na Figueira da Foz.

Acorreram a esta praia, para assistir ao ensaio, várias autoridades civis, militares e marítimas e outras personalidades ligadas ao turismo português, nomeadamente uma deputação dos encarregados do Turismo de Faro, de Coimbra e de muitas outras praias do Sul do País.

A máquina — conforme a imagem documenta, assemelha-se a um tractor — deixou após as diversas experiências óptima impressão, mostrando-se bastante eficiente. Uma pequena anomalia apenas: a rede crivadora encravou-se algumas vezes. No entanto chegou-se à conclusão que pequenas alterações técnicas resolverão completamente o problema.

Deste modo combinou-se, em data a marcar, uma outra experiência já com a máquina transformada, após o que entrará em funcionamento. Resolver-se-á assim, e da melhor maneira, o problema da falta de mão-de-obra na limpeza das praias portuguesas.

Após a demonstração houve beberete no bem apetrechado restaurante do parque de campismo da Figueira da Foz.

MORREU A MULHER DE UM JORNALISTA NUM ACIDENTE EM ESPANHA

Um grave acidente de viação, ocorrido a meio da tarde de aonteontem entre Guadalajara e Madrid, vitimou instantaneamente Natália do Patrocínio Bonet Rego Chaves, de 38 anos, professora primária, mulher do nosso colega António Rego Chaves, chefe da secção de estrangeiro do «Diário Popular», que ficou ferido, com várias fracturas de costelas. O filho mais velho de Rego Chaves, Mário Fernandes Ferreira Rego Chaves, de 9 anos, encontra-se em perigo de vida, com fractura craneana, tendo sido ontem operado e encontrando-se ainda em estado de choque. A filha do casal, Rita Bonet Rego Chaves, de 2 anos, saiu ilesa do acidente e foi enviada para Portugal, para junto de familiares.

O acidente deu-se quando um outro automóvel que seguia em sentido contrário se despistou indo embater de frente no carro que Rego Chaves conduzia. Este e o filho estão internados na clínica La Paz, em Madrid.

O corpo de Natália Bonet Rego Chaves, depois de cumpridas as respectivas formalidades, será transladado para Bragança, de onde ela é natural, devendo o funeral realizar-se pròximamente.

Àquele nosso camarada de trabalho, a quem desejamos um rápido restabelecimento, assim como ao seu filho, apresentamos sentidas condolências.

QUÍMICA BACTERIANA

Com o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada de França e a convite do Laboratório de Microbiologia do Instituto Gulbenkian de Ciências, o prof. J.P. Belaich, do Laboratório de Química Bacteriana do Centro Nacional da Pesquisa Científica, de Marselha, profere amanhã, às 16 e 30, na sede daquele organismo, em Oeiras, uma conferência sobre «Application de la Microcalorimetrie à l'etude de la Croissance microbienne».

A entrada é livre.

TRIPLO ASSASSÍNIO

PORTO, 10 — Foi dado por concluído o exame às faculdades mentais de Armando da Silva Arnoud, de 27 anos, solteiro, da Póvoa de Varzim, que, no passado dia 23 de Fevereiro, como o «Diário de Lisboa noticiou, assassinara três indivíduos num escritório instalado no sétimo andar do prédio n.º 732, da Rua do Campo Alegre, da firma Francisco Macambeira, L.da.

O resultado do exame foi remetido à Polícia Judiciária.

CINEVOZ, MCCANN-ERICKSON - 4º ANIVERSÁRIO

Um pequeno ciclo de «conversas profissionais», um encontro com todos os clientes e um almoço de confraternização, constituíram a «Semana Cinevoz, McCann-Erickson». O pretexto foi o 4.º aniversário desta agência de publicidade.

Durante a semana foram abordados os temas «Métodos de pesquisa e criatividade na elaboração de campanhas» (dr.ª Maria da Graça Varella Cid e Baptista Cruz), «Treino na McCann-Erickson de Génève» (Marina Ribeiro de Lemos e Suzete Pinto), «A McCann-Erickson em 49 países» (David Wethey), «Posicionamento o Criatividade» (Márcio Moreira) e «Promoção de Vendas» (eng. Fernando Figueiredo).

No «cocktail» com os seus clientes estiveram presentes administradores da Cinevoz, Mc Cann-Erickson e da Interpublic Inc.

HÁ FURTOS E FURTOS

Dos furtos que diariamente são relatados à Polícia Judiciária verifica-se que a chave falsa continua a ser o grande processo de introdução nas residências alheias. No entanto, indivíduos há que são menos ambiciosos, contentando-se com 70$00 em moedas e um rádio portátil, como sucedeu no Grémio dos Industriais de Moagem do Distrito de Lisboa, na Rua da Madalena, enquanto outros querem levar o Carmo e a Trindade, como ocorreu na Rua Tomás Ribeiro, 43-7.º Dt.º, onde indivíduos não identificados retiraram um cofre portátil, contendo 600$00 e dois livros de cheques, aproveitando a ocasião para levarem um gravador e duas telefonias que estavam à mão, no valor de 6800$00. Outros há que, têm propensão para a contabilidade e aproveitam todas as ocasiões para terem a escrita dos furtos em dia e, talvez por isso, desapareceu de uma casa de móveis, na Rua Maria Andrade, 8-A uma máquina de calcular valendo 9500$00.

Os violentos, que desprezam os punhos de renda e as chaves falsas, fazem mais barulho e não recuam perante um vidro grosso que lhes tolha o caminho, como sucedeu na Rua Actor Isidoro, 3-C-4.º, onde partiram o vidro da porta que dava para a escada de serviço e introduziram-se nas instalações de uma firma retirando um gravador de cinco contos; numa cervejaria da Estrada do Poço do Chão, n.º 29-A, um indivíduo rasteirinho e amante das bebidas, aproveitou uma janela ao nível do chão para se introduzir e retirar garrafas no valor de trezentos escudos. No local, a pessoa em questão esqueceu-se de uma navalha que não pertence a ninguém do estabelecimento pelo que, certamente se devolve a quem provar pertencer-lhe.

REUNIÃO DE BANCÁRIOS

Aspectos relacionados com a assistência médica prestada no posto clínico do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa vão ser hoje debatidos pela classe no decorrer de uma assembleia geral extraordinária a realizar na Sociedade Voz do Operário, a partir das 21 horas.

Além do aspecto apontado — que inclui nomeadamente o aumento dos honorários dos médicos que no posto prestam serviço — serão abordadas questões relacionadas com a vida do Sindicato bem como a que se refere à criação da Caixa de Previdência.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa

contratos de desenvolvimento para a exportação

Indústria de Mobiliário

As empresas, ou grupos de empresas, de saudável estrutura financeira, e conscientes de que a possibilidade de um seu crescimento equilibrado se encontra cada vez mais dependente da exportação dos respectivos produtos, têm agora à sua disposição uma forma de apoio susceptível de lhes proporcionar as condições indispensáveis a uma expansão significativa. Referimo-nos aos "contratos de desenvolvimento para a exportação", relevante instrumento jurídico-financeiro especialmente concebido para proporcionar às empresas, com base nos seus próprios programas de reorganização ou fomento, o acesso a esquemas particularmente favoráveis de benefícios de diversa natureza, especialmente financeiros e fiscais. Pela importância que o mobiliário assume hoje em dia no equipamento e decoração das casas e dos locais de trabalho, pelas oportunidades decorrentes do Acordo Preferencial estabelecido entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia, e ainda por uma série de outros factores, a indústria de mobiliário antevê presentemente muito favoráveis perspectivas. Pois bem: estamos empenhados em apoiá-lo, nomeadamente através dos mencionados "contratos de desenvolvimento". Contacte-nos, por conseguinte, propondo-nos por escrito o que pretende fazer no campo da Exportação. Instituídos para o servir, ficamos aguardando que nos apresente o seu programa de actuação.

Mas... até 31 de Maio próximo – não esqueça!

Toda a correspondência (na qual se aporá exteriormente a indicação «Contratos de Desenvolvimento») deverá ser encaminhada para qualquer uma das seguintes direcções:

LINTAS 73-FFE-29

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-2.º e 3.º – Telef. 767410/767520/767573 – LISBOA 1

Delegação no Norte

Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq. – Telef. 380214 – PORTO

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

10.ª Secção de Actividade

«INDÚSTRIA QUÍMICA»

REUNIÃO DE INFORMAÇÃO

5.ª-feira, dia 12, às 21,30 horas

na Rua do Alecrim, 46 - 1.º

1. Processo disciplinar instaurado por NITRATOS DE PORTUGAL ao Presidente da Comissão Directiva.
2. Informações

Não faltes!

TV — DL/ESPECTÁCULOS

Ó CONGRESSO, ENTÃO ISSO FAZ-SE À TELEVISÃO?

No Telejornal de domingo passado foi lido por Pedro Moutinho, o seguinte comunicado:

«De acordo com o propósito de acompanhar na medida do possível, os trabalhos que decorrem em Aveiro, a RTP destacou uma equipa para registar imagens do Congresso da Opisição Democrática.

«Desde o primeiro dia temos apresentado notícias filmadas do acontecimento, com a objectividade que os senhores telespectadores puderam testemunhar.

«Hoje, porém, e quando o nosso operador procedia ao seu trabalho durante a reunião do Plenário do Congresso, foi agressivamente impedido de continuar por muitos dos presentes e logo de seguida o presidente da Mesa convidou-o a retirar-se da sala.

«Mais tarde, quando da sessão de encerramento, novamente o nosso operador foi impedido de trabalhar pelos responsáveis da reunião.

«Sem comentários, dado que os factos são, em si mesmos, reveladores do clima democrático que caracteriza o actual Congresso de Aveiro, limitamo-nos a deixar à consideração do público o que se passou».

OBJECTIVIDADE

Lido o comunicado supra, seguiram-se as notícias do Congresso, com imagens mudas pelo período de 45 segundos:

. *«Entretanto, não queremos deixar de apresentar estas imagens de algumas das sessões de trabalho que se realizaram no Cine-Teatro Avenida, de Aveiro, ontem à noite. Aliás, esta última jornada foi a que movimentou maior número de sessões (nove) sendo quatro para apresentação de conclusões.*

«O tom do temário incidiu sobre relações do trabalho, cultura e juventude, administração local e situação e perspectivas políticas.

«Alguns oradores debruçavam-se sobre problemas de índole diversa, verificando-se, em determinada altura, que as sessões de trabalho passavam a constituir também uma forma de se apresentar ao auditório um tipo de discursos que vários oradores consideravam deslocados num Congresso desta natureza».

UM PROTESTO VEEMENTE

No seu *Telejornal* de ontem, a Televisão voltou ao assunto nos seguintes termos:

. *Já ontem fizemos referência à democrática maneira de actuar evidenciada pelos participantes ao Congresso que reuniu em Aveiro, Congresso que tão esforçadamente se quis intitular democrático acabou por provar não o ser.*

«E podemos afirmá-lo com conhecimento de causa. Um nosso camarada de trabalho, o operador Artur Costa, em serviço de reportagem no local, foi impedido de trabalhar por entidades responsáveis pela orientação do dito Congresso. E, o que é mais grave, insultado muito democraticamente, pelas mesmas entidades e outras afins. Viu-se portanto o nosso funcionário e vemo-nos nós, Radiotelevisão portuguesa, na situação de reconhecer que tais insultos constituem uma atitude contra a qual protestamos veementemente, ao mesmo tempo que lamentamos não poder considerar como digno de um mínimo de consideração o nível desses tais democratas.

«Registamos que só o dr. Urbano Tavares Rodrigues interpelou no sentido de que o nosso operador não fosse compelido a abandonar a sala.

«Este o motivo por que nos recusamos a apresentar as imagens ontem colhidas, anteriormente à insólita e lamentável atitude.»

. Seguidamente, Pedro Moutinho lê um texto em que se faz referência à expulsão de um tal congressista de apelido Abreu, autor de uma tese acusada de fascista, o qual enviou depois um telegrama ao presidente do Congresso. Moutinho informa-nos que cópia desse telegrama foi recebida na Radiotelevisão **Portuguesa.**

A notícia do Telejornal fechou com transcrições da *Capital* e da *Época.*

EM FAVOR DAS CRIANÇAS COM OS OLHOS RASOS DE ÁGUA

Transcrevo uma parte da intervenção do jornalista João Coito no último TV SETE:

«Não resisto a fazer-me aqui eco de uma mensagem que recebi esta semana de uma cidade algarvia. O caso conta-se em poucas palavras.

Uma senhora que vive naquela cidade tem uma filha a estudar no liceu. Aqui há dias a rapariga entra-lhe em casa com os olhos rasos de lágrimas. A mãe, solícita, procura saber a razão da tristeza da filha e esta, magoada, começou a contar.

Tem um professor de cerca de 60 anos que lecciona História e também Geografia que de vez em quando falta às aulas por motivo de doença. Naquele dia, chegou à turma e, como algumas alunas estivessem a conversar, imediatamente pediu silêncio porque se encontrava doente e só estava alí por pura necessidade, pois tinha de trabalhar para poder comer.

Imagine-se o efeito das palavras dramáticas do professor no espírito alegre, irrequieto e também humanissimo, como se verificou, das suas alunas ainda crianças.

A mãe, espírito prático, ou não estivesse ela habituada às verdades da vida, logo retorquiu à filha:

. *— Mas por que não se reforma ele?*

. *É que o tal professor é eventual. Trabalha tanto como os efectivos, mas não tem as mesmas regalias. Quando lhe faltar a saúde, encontra o deserto ou o pecúlio que pudera aquinhoar ao longo da vida, Será justo?*

. *Aqui está uma reforma a ter em conta agora que tanto se fala em reforma educativa, para que não haja mais crianças, por este motivo, com os olhos rasos de lágrimas.*

DINHEIRO

Emprestam-se rapidamente em boas condições 100 a 2.500 contos sobre hipoteca de prédios, partes de prédios ou construção, moradias e quintas.

Trata
AGÊNCIA PREDIAL DA MADALENA
(Mediadora Autorizada)
Rua da Madalena, n.º 182-1.º Dt.º (A Santa Justa)
Telefs.: 86 75 46 - 87 24 18

DESIGNERS

Com pelo menos um ano de experiência profissional em design gráfico, precisa empresa internacional para trabalhar em projectos portugueses. Os candidatos admitidos ficarão colocados em Lisboa e terão a possibilidade de fazer estágios no estrangeiro. Óptimas condições de trabalho e pagamento e excelentes perspectivas de carreira para jovens com talento e iniciativa.

Resposta com «curriculum vitae» e disponibilidade de tempo para entrevista, a este jornal ao n.º 764.

SERVENTE DE OFFSET

Admite-se, com prática, para rotativa, em Lisboa. Resposta a este jornal ao N.º 765

Stentofon
Sistemas de intercomunicação

Lisboa	Porto	Faro	Portimão
42124 713470	483598	24338	22954

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores

Onde quer que esteja,
seja qual fôr o seu caso,
é sua a nossa dimensão.
Os nossos quadros jovens e especializados
resolvem o seu problema.
Respondemos confiadamente à sua confiança.
Com total transparência de processos.
Hoje e sempre.

BANCO TOTTA & AÇORES
Num mundo novo o Banco Novo

DL/ESPECTÁCULOS

TEATRO EM FRANÇA

SARLAT, FRANÇA — O Vigésimo Segundo Festival de Jogos do Teatro de Sarlat, na França, inicia-se a 21 de Julho com «Les Fourberies de Scapin», e «Le Medecin Volant», apresentadas pela Comédie-Française e integradas nas comemorações de homenagem a Moliére. No dia 26 será interpretado o «Julio Cesar», de Shakespeare, e a 27, é representado o «Galileu», de Brecht, peça de que serão igualmente dados mais dois espectáculos. Nos dias 7 e 8 de Agosto sobe á cena «Arlequin Serviteur de Deux Maîtres».

"DÓMUZ"

o anis que vale por três!

é bom a valer!

D1/73

CRÍTICA DE CINEMA — Raul Calado

Aconteceu cinema: Jerry

Título: O Homem das Mulheres
T. Original: The Ladies Man
Realização, produção e argumento: Jerry Lewis
Música: W. Scharf (orquestra de Harry James)
Origem: E. U. A. - 1961
INTERPRETAÇÃO: Jerry Lewis, Helen Traubel, Buddy Lester, George Raft, Kathleen Freeman e outros.

«Longe de ser um insignificante fazedor de caretas...»

Pierre Billard, in L'Éxpress

É fácil e cómodo falar de Eisenstein, de Welles, de Rossellini — homens «sérios» abordando assuntos «sérios» de forma «séria». Toda a gente pode aceitar o conceito de que se trata de «génios».

Mas o Jerry! O aspecto físico de um adolescente meio atrasado mental, tipicamente americano, ainda por cima um palhaço de que todos nós rimos quer sejamos crianças ou adultos. E depois os seus filmes não são realistas, tudo é distorcido, exagerado, caricaturado.

Não obstante, Jerry é genial — como artista, como cineasta, como citador. Ele, que ainda um dia destes estava em Lisboa, com a enorme seriedade do seu irresistível humor, a explicar como um professor universitário, mesmo aparentemente ridiculo, não pode ser comparado ao «monstro» da vulgaridade (ou «sociedade de consumo» onde estão os teus valores?) esse mesmo dr. Jerry é agora, no Apolo-70, apenas Jerry Lewis. Jerry uma pessoa ou um personagem? Eis uma questão curiosa, pois cada vez mais ele próprio parece confundir os dois termos.

«O Homem das Mulheres» é um grande filme. O seu realizador, Jerry Lewis, evidencia uma extrema originalidade, uma imaginação delirante. É verdadeiramente, notável toda a sequência do solo de trombone: durante muitos minutos, num cenário cuja natureza e construção nos são revelados sem truques, assistimos ao acordar de todo um universo, o da história, sem uma palavra e com um rtimo entusiasmante. Desde o início até ao final (o momento em que o actor Jerry entra no refeitório e vê as mulheres) toda a sequência é realmente inesquecível — um gozo para o amador de cinema. Mas, sempre insatisfeito, o realizador Jerry Lewis, dá uma versão totalmente nova e igualmente primorosa no mesmo cenário, com a sequência da preparação da emissão de T.V. — e é de novo a imaginação deslumbrante para nos revelar o frenesim desordenado de uma televisão vista «por dentro».

Pode parecer exagero — mas, para nós, Jerry Lewis é um dos mais importantes e sérios homens do cinema contemporâneo.

«O Homem das Mulheres» é um filme interpretado por um grande actor, Jerry Lewis, que evidencia um espantoso domínio fisionómico (as tais caretas) mas também uma maestria no corpo, qual verdadeiro bailarino. Quem no cinema dorme como Jerry? Quem dança um tango (com George Raft) e depois um tema de jazz com Cartilage, no «quarto da imaginação») como Jerry? Quem tem infinitas maneiras de andar, de cair, de subir escadas? Só caretas? E a cena da despedida repetida não sei quantas vezes, sempre diferente?

. «O Homem das Mulheres» é um filme muito bem escrito e planificado. O seu argumentista Jerry Lewis (em colaboração com Bill Richmond) é um mestre — observador do mundo quotidiano que o cerca. Que dizer do «gag» do som para a T.V.? E do cortar do microfone junto ao elevador? E da forma como ele odeia as mobílias, os quadros e os jarrões «antigos»? E do que ele pensa das «vedetas»? E as suas obsessões; a crueldade consigo próprio, a sátira ao sentimentalismo, o complexo do Édipo, o ridículo da sociedade de consumo, os desenhos animados, eu sei lá!

. Jerry Lewis está de novo em Lisboa. É um acontecimento de **Cinema** que não pode ser perdido. Não temos assim um tão grande número de oportunidades para desperdiçar esta. E ainda por cima, apanha-se um fartote de riso.

MÚSICA CORAL

. **O C. M. U. C. Em Gouveia, na Covilhã e no Fundão** — O Coro Misto da Universidade de Coimbra, organismo autónomo da citada academia, vai realizar uma digressão cultural e artística nas férias da Páscoa. Assim, nos dias 14, 15 e 16 do corrente actuará respectivamente em Gouveia, na Covilhã e no Fundão.

A organização destes recitais está a cargo do Clube Desportivo de Gouveia, do Orfeão da Covilhã e do «Jornal do Fundão», a quem o C.M.U.C. se mostra reconhecido pelos esforços enviados para o sucesso desses espectáculos.

Concerto Coral nas Caldas da Raínha — Organizado pela Escola Industrial e Comercail das Caldas da Rainha com a colaboração da Aliançe Française e do Rotary Club, e o apoio da Comissão Municipal de Turismo com o patrocinio da Embaixada da França, realiza-se, na noite de 15 do corrente com início às 21 horas, no Ginásio da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha um concerto inteiramente preenchido com interpretações do grupo coral «Les Petits Chanteurs de Chaillot» de Paris, sob a direcção de Roger Thirot.

Este coro, mundialmente conhecido, que reune 43 jovens de idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, actuou já nos seguintes países: Itália, Espanha, Áustria, Finlândia, Estados Unidos e Canadá. Em Portugal aonde pela primeira vez se desloca, dará concertos não só na cidade de Caldas da Rainha, mas também em Lisboa, Porto e Braga.

A primeira parte do programa é preenchido com cânticos religiosos e a segunda com cânticos do renascimento, folclore e canções modernas.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
36.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73). Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Todas as noites: 21.45 h.
3.ª feira, descanso da Companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56
LAURA ALVES
RUA DA PALMA
ÀS 21.45
Grupo C M/ 14 anos

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
16.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h.

Ajuda a suprimir a preocupação das folgas dos
Dentes Postiços
Não se preocupe mais nem se apoquente com a dentadura postiça solta. DENTOFIX um pó especial para polvilhar as suas placas. Fixa as mesmas firmemente de modo que lhe proporciona maior conforto. Acalma e refresca as gengivas causticadas pelo ácido excessivo da boca. Evite aborrecimentos acasionados pelas placas folgadas. Peça hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO
EM TODO O «STOCK» DE TAPETES
POR
REMODELAÇÃO DO ESTABELECIMENTO
A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional 116 B 1.º Esq. Politécnica Lisboa 2 Telef. 674493

DL/ESPECTÁCULOS

"Pró menino e prá menina" é apresentada amanhã

Francisco Nicholson, Mário Alberto, Gonçalves Preto e Nicolau Breyner, responsáveis pela revista «**PróMenino e Prá Menina**» que amanhã se estreia no teatro ABC, mostram-se francamente optimistas, não só porque «**as coisas lhes correram bem**», até agora, mas porque o elenco está a corresponder em 100 por cento àquilo que os autores esperavam dele. Eles falam de Io Apoloni,por exemplo, assim:

«Io anunciou o propósito de mudar completamente o rumo da sua carreira, abandonando, definitivamente, as personagens ocas a que nos vinha habituando. Ela demonstra bem isso na revista que vai estrear. Optimismo? Claro! Dela e nosso!»

Io Apoloni num intervalo dos ensaios

MÚSICA EM CONCURSO NO BRASIL

1 — O II Concurso Internacional de Piano de Guanabara será realizado no Rio de Janeiro, no período de 2 a 17 de Agosto deste ano, sendo admitidos pianistas de todas as nacionalidades nascidos entre o 1.º de Agosto de 1941 e o 1.º de Agosto de 1957.

2 — Os pedidos de informação e os boletins de inscrição devem ser enviados à Secretaria do Concurso Internacional de Piano da Guanabara — Secretaria de Cultura Desportos e Turismo — Sala Cecília Meireles, Largo da Lapa 47, Rio de Janeiro, GB, Brasil. Endereço Telegráfico: «Prestíssimo — Rio de Janeiro» Tel. 232-4779, 232-9714.

O prazo de inscrição será encerrado a 15 de Maio impreterivelmente.

CONCURSO INTERNACIONAL DE CANTO

1 — Também o Concurso Internacional de Canto terá lugar no Rio de Janeiro, de 17 a 24 de Novembro próximo, durante o Festival Villa-Lobos 1973.

2 — Os pedidos de informação e de inscrição podem ser feitos, no mês de Agosto, para o museu Villa Lobos, do Departamento de Assuntos Culturais, do Ministério da Educação e Cultura (Palácio da Cultura - 9.º andar, sala 912 — Rua da Imprensa, 16, Rio de Janeiro, GB, Brasil).

USA PRÓTESE DEFICIENTE?

Tem garantida a sua inteira recuperação na SIORTO, a empresa da especialidade que tem demonstrado na prática a proficiência da actual técnica de prótese ortopédica.
Assegure-se do valor da extraordinária evolução dos sistemas de PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS E APARELHOS ORTOPÉDICOS, quando bem executados e adaptados, consultando:

SIORTO — Soc. Industrial de Ortopedia, Lda.
Av. Almirante Reis, 173, r/c. — Telef. 4 09 82 — LISBOA

CINEMA NO MUNDO

«PARA FAZER UM ÊXITO» — O produtor Paul Monash tenciona produzir uma nova versão do filme «The Front Page», a fim de «fazer dele um êxito», com Bem Hacht e Charles Macarthur como principais intérpretes.

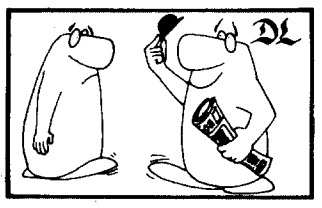
PRÉMIOS PARA CURTAS METRAGENS — O Sindicato Nacional dos Jornalistas de Cinema Italianos vai atribuir este ano pela primeira vez dois «Nastri» de prata a curtas-metragens. Os dois prémios serão atribuídos ao melhor realizador e ao melhor produtor de curtas-metragens por um júri formado por membros do sindicato escolhido pela respectiva comissão executiva.

PORTUGAL

FESTIVAL DE CINEMA AMADOR — Um documentário cinematográfico sobre relógios dos séculos XVII e XIX, obteve no «Festival de Cine-Amador-1973», em Madrid, o terceiro «Troféu de Fantasia» — trata-se dofilme «Contadores de Tempo», do cineasta amador José Barbosa, de Lisboa. Além de Portugal, participaram neste certame filmes da Espanha, Austria, Canadá, Inglaterra, Itália, Luxemburgo e Roménia.

PORTUGUÊS NA REUNIÃO DA UNICA — Partiu para Praga o arqt.º Nuno Vieira da Fonseca, para tomar parte, como membro do Comité da UNICA (Union Internationale di Cinema d'Amateur), na reunião que ali se realiza com o fim de tratar vários problemas respeitantes à actividade internacional do cinema de amadores.

Fazem ainda parte daquele comité membros pertencentes à Alemanha Ocidental (Presidente), França (Vice-presidente e Tesoureiro), Bélgica (Secretário Geral), Suiça, Checoslováquia, Austria e Polónia (Vogais).



companhia nacional de navegação
Sede: Rua do Comércio, 85 — Lisboa

AUMENTO DE CAPITAL DE 250 000 PARA 575 000 CONTOS
ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

A partir do dia 16 do corrente mês far-se-á a entrega dos títulos representativos das acções emitidas pela elevação do Capital Social desta Companhia.

Os títulos serão entregues pelas Instituições Bancárias onde se efectuaram as subscrições, contra devolução das correspondentes cautelas, nas quais deverá ser passado recibo com assinatura do titular ou seu legal representante, comprovada pelo Bilhete de Identidade, reconhecimento notarial ou abonação bancária.

Foram atribuídas as seguintes numerações:

TÍTULOS COM DIREITO AO DIVIDENDO TOTAL A ATRIBUIR AO EXERCÍCIO DE 1972

INCORPORAÇÃO DE RESERVAS

Ao Portador — n.os 250 001 e 350 000
Nominativas — n.os 350 001 a 500 000

TÍTULOS COM DIREITO A 50 % DO DIVIDENDO A ATRIBUIR AO EXERCÍCIO DE 1972

RESERVA DE PREFERÊNCIA PARA ACCIONISTAS

Nominativas — n.os 500 001 a 545 000

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

Ao Portador — n.os 545 001 a 575 000

Foi já pedida a admissão à cotação da Bolsa de Lisboa.

Lisboa, 10 de Abril de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ORIENTAÇÃO ESCOLAR
NAS FÉRIAS DA PÁSCOA

A escolha de um curso
A procura duma profissão
A solução dos problemas escolares

EXIGEM DECISÕES ACERTADAS NA ALTURA PRÓPRIA

Informamos pessoalmente, por escrito ou pelo telefone (767548-767604 em Lisboa ou 66934 no Porto), no Gabinete de Psicopedagogia da

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.
Av. 5 de Outubro, 122 — LISBOA
R. Campo Alegre, 732-6.º-A — PORTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

NÓS PODEMOS AJUDA-LO

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR
AGÊNCIA-GERAL DO UTRAMAR

CONHEÇA O ULTRAMAR
Cruzeiros Aéreos a Angola

Promovidos e subsidiados pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo ESTADO DE ANGOLA.

— 3 a 18 de Junho.
— 8 a 23 de Julho.

15 dias em Angola, incluindo viagens, hoteis (pensão completa) e excursões — 11 500$00.

Inscreva-se IMEDIATAMENTE.

INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar
Avenida Ilha da Madeira — Lisboa

DL NACIONAL

NOVO HOSPITAL EM COIMBRA

COIMBRA, 10 — O prof. dr. Bissaia Barreto, como presidente da Comissão Instaladora do Hospital Geral da Colónia Portuguesa no Brasil, reuniu na sala da Biblioteca daquele estabelecimento de assistência, todo o pessoal que ali vai prestar serviço a partir do dia 27, data da entrada em funcionamento do hospital.

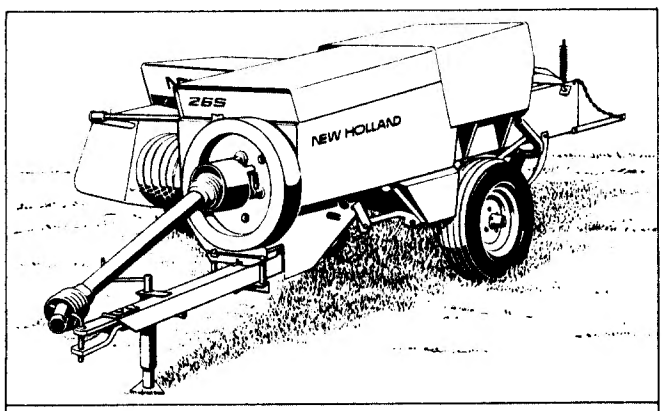
Estiveram presentes os drs. Santos Bessa, director clínico e Viriato Namora, administrador; José Pinto Teles, adjunto e drs. Pais Ribeiro e Moura e Sá, e ainda todo o pessoal, médicos, enfermeiros auxiliares e pessoal administrativo e técnico, operários, etc.

Disse o prof. Bissaia Barreto que, a partir daquele momento, entregava o hospital ao pessoal presente, certo de que saberá corresponder à responsabilidade que iam assumir. Afirmou, ainda, que este espaço de tempo que vai até ao dia 27 servirá para uma adaptação ao serviço, ficando prontos para receberem os novos doentes.

Em nome de todos, falou o dr. Santos Bessa que prometeu que todos iriam fazer o possível por corresponderem à confiança que neles era depositada.

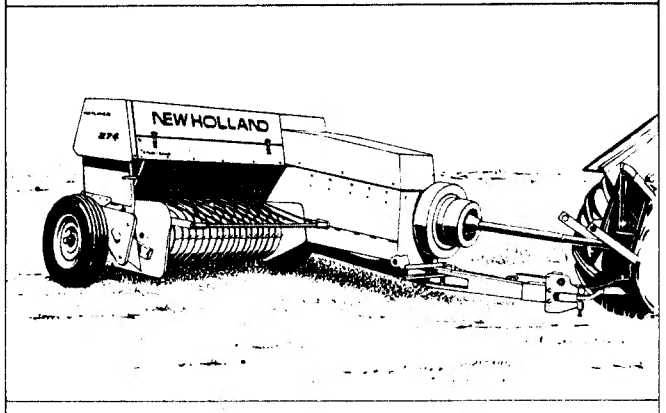
Foi, depois, distribuído todo o pessoal pelos serviços respectivos, devendo ali funcionar os serviços de Cirurgia Geral, Medicina Geral, Urologia, Cardiologia e Consultas Externas.

ENFARDADEIRAS NEW HOLLAND



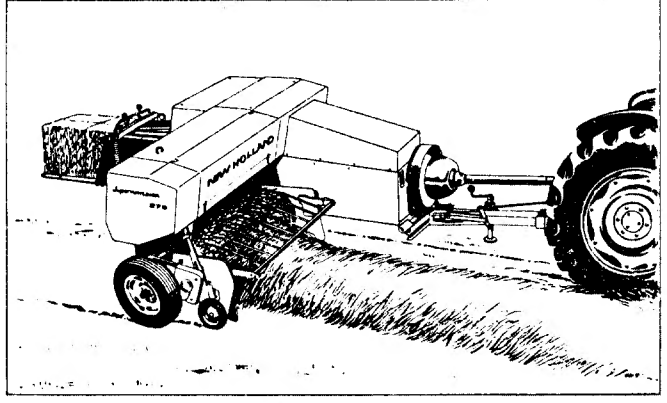
NH265

Faz fardos densos e ligeiros; passa em toda a parte; atador a fio.



NH274

A enfardadeira para varios fins com caracteristicas para fins especiais. 68 pancadas por minuto. Atador a fio ou a arame.



NH276

A enfardadeira com grande rendimento que reune todas as caracteristicas que V. só encontrará nas enfardadeiras New Holland. Atador a fio ou a arame. 80 pancadas por minuto.

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
ao serviço da lavoura
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA
AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) LISBOA-4 - TEL. 794095/8

72NHCL-18

AMEAÇADAS AS EXPORTAÇÕES DE VINHO DO PORTO PARA O MERCADO COMUM

Continuação da pág. 3

Casa do Douro. Criticou violentamente a centralização na Junta Nacional dos Vinhos do fornecimento da aguardente necessária para a composição do vinho do Porto. A breve trecho, disse o deputado Fausto Montenegro, a Junta não dispunha de reservas e começou a importar da Jugoslávia alcool neutro, que não servia o fim em vista, uma vez que o segredo do vinho do Porto está na utilização de aguardentes vínicas da região do Douro. Além das compras de alcool neutro à Jugoslávia, a Junta Nacional dos Vinhos projecta importar aguardente vínica da Argélia, o que lhe mereceu o seguinte comentário: «O vinho do Porto que atinge este ano a comercialização de 93 mil pipas, fica à mercê do jogo comercial da Jusgolávia e da Argélia».

Aos perigos inerentes à dependência de fornecedores exteriores, neste caso de países com que Portugal nem sequer tem relações diplomáticas e que são activamente hostis à política ultramarina prosseguida pelo governo, juntar-se-á, em breve, o risco do Mercado Comum não considerar o vinho do Porto como inteiramente produzido no nosso país, o que arrastaria a não aplicação do regime preferencial.

NÃO SE PREVIU A TEMPO

A falta de aguardente vínica para benefício não é o único agravo da agricultura do Douro. Também faltam vinhos em quantidade para exportação. E faltam vinhos das melhores castas. Ter-se-iam podido evitar estes males? Escreve a junta de administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro: «Todas as previsões que temos feito sobre o assunto confirmaram-se plenamente, conforme o demonstram certas passagens dos nossos relatórios de 1965 e 1966, que infelizmente, naquela altura, não mereceram qualquer aceitação por quem de direito».

Na verdade, o relatório de 1965 apresentava um plano para a criação de reservas de vinhos velhos a preço abordável, mediante benefício de vinhos em regime de bloqueio até à concorrência de cinquenta a cem mil pipas. Utilizar-se-iam mostos para além do benefício normal e a preço livre e, bem assim, aguardente fornecida a um preço especial, permitindo-se o seu armazenamento tanto no Douro como no Entreposto de Gaia, a fim de se aproveitar, no máximo, o vasilhame e o espaço disponível. A constituição de «stocks» pela lavoura e pelo comércio, bloqueados pelo período de cinco anos, além de permitir a obtenção de vinhos velhos a um preço razoável, aumentaria consideravelmente a qualidade das existências beneficiadas em regime normal, pela possibilidade de incorporação de vinhos velhos nas lotações tradicionais. Se este projecto houvesse sido tomado em consideração, seria possível aproveitar inteiramente, hoje em dia, a crescente procura de vinho do Porto no mercado nacional e nos mercados estrangeiros.

O aumento de benefício em regime de bloqueio ainda teria a vantagem de pôr a economia do vinho do Porto a coberto de eventuais quebras de produção, dizia o relatório de 1965, repetia o relatório de 1966. Os condicionalismos a que tem estado sujeita, a comercialização do vinho do Porto criam situações aparentemente paradoxais. Depois de recordar que nos tempos bíblicos a prosperidade residia na abundância das colheitas e a miséria na magreza das mesmas, a junta administrativa escrevia em 1966: «Hoje em dia, parece que se dá o inverso, porquanto a sucessão de colheitas abundantes veio ceiar problemas de armazenamento, de escoamento e de preços, cujas consequências são sobejamente conhecidas». E o relatório de 1966 previa um período de recuperação para negócios de vinho do Porto pelo aumento do consumo em todos os mercados. Foram palavras vãs. Não tiveram poder bastante para contrariar a política a curto prazo que caracteriza muitos dos nossos organismos de coordenação económica.

AS CONTAS DA REAL COMPANHIA VELHA

As vendas e exportações gerais de vinho do Porto mantiveram em 1972 o ritmo ascendente dos últimos anos: 49 milhões de litros o ano passado, contra 42 milhões em 1971. A Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro vendeu e exportou cerca de 13 850 pipas, colocando-se em primeiro lugar na comercialização do produto. Mais teria exportado se a Casa do Douro não tivesse recusado a entrega dos vinhos comprados mediante amostras: «Se recordarmos que em 1951, se criaram normas para o escoamento obrigatório dos vinhos em poder da Casa do Douro, não deixa de ser estranho o procedimento daquele nosso Organismo da Lavoura».

As vendas e exportações efectuadas em 1972 ultrapassam os 200 mil contos. As previsões para 1973 são de um aumento de vendas de ordem dos 10 por cento, o que obrigou a Companhia Velha a aumentar extraordinariamente as existências em vinhos e aguardentes. O aumento das existências representa um investimento da ordem dos 344 mil contos, ou seja um acréscimo de 149 mil contos em relação ao ano anterior.

Os lucros auferidos foram os maiores desde a instituição da companhia por alvará régio de 1756, pois ascenderam a cerca de 13 mil contos. E tudo leva a crer que o ano corrente seja igual em resultados, senão superior.

Fiel a uma tradição que infelizmente não é partilhada por outras empresas, o relatório da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro é acompanhado pela relação dos accionistas, com indicação dos que têm assento na assembleia geral.

Juntamente com o relatório da junta de administração da Real Companhia Velha, foi distribuido o relatório e contas da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal. As actividades agrícolas, comerciais e industriais das duas empresas são exploradas conjuntamente. A Real Companhia Velha detem a exploração, a Real Companhia Vinícola ocupa-se da administração dos bens imobiliários, sua conservação e ampliação. Depois de feitas as amortizações e reintegrações julgadas convenientes, no valor de 4 756 contos, a Real Companhia Vínicola do Norte de Portugal dispoẽe de um saldo de 816 contos.

PARA A HISTÓRIA DO VINHO DO PORTO

Ambos os relatórios são acompanhados, em anexo, de documentos que recordam o seu passado e que excitarão a curiosidade de todos os que se interessem pela história do vinho generoso do Douro. Infelizmente, é uma prática rara entre nós. A maior parte das nossas empresas, reflectindo o menosprezo em que a história é tida entre nós, não cuida de conservar e divulgar os documentos que traçam o seu passado. E o que se passa com as empresas passa-se com as próprias associações económicas. Ainda há dias nos chegou a notícia de que a Associação Industrial Portuguesa destruiu recentemente toda a documentação antiga que possuia.

Em anexo ao relatório da Real Companhia Velha publicam-se cinco documentos, que ocupam 160 páginas, dados à estampa entre 1822 e 1826. Constituem uma defesa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro contra as pretensões de alguns negociantes ingleses estabelecidos na cidade do Porto e outros detractores daquela sociedade mercantil.

O relatório da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal é acompanhado de extracto das noticias respeitantes à empresa insertas em «O Comércio do Porto» e o «Diário do Governo», desde 12 de Abril de 1889 a 4 de Junho de 1890, seguido do texto do Processo arbitral entre o governo e a Real Companhia Vinícola, transcrições que ocupam 191 páginas. O leitor de hoje espantar-se-á da liberdade com que foi discutida e contestada nas Cortes, na imprensa e em reuniões públicas a constituição da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal.

Necrologia

D. Cremilde da Conceição Magalhães de Aguilar

Faleceu a sr.ª D. Cremilde da Conceição Magalhães de Aguilar de 80 anos, natural de Leceira-Barcarena-Oeiras, viúva de António Francisco de Aguilar, mãe do sr. Aires Pereira da Rocha Aguilar casado com a sr.ª D. Maria Emília Coimbra dos Santos Aguilar. O seu funeral a cargo da Agência Alfredo Magno e Jaime Gomes, Ld.ª, realiza-se amanhã, às 11 horas da Igreja de S. João de Brito para o cemitério do Lumiar. Pelas 10.30 horas, será celebrada Missa de Corpo Presente.

ELECTRIFICAÇÃO RURAL

SANTARÉM — Foi concedida à Federação de Municipios do Ribatejo a comparticipação do Estado de 1142 400$00, para execução dos trabalhos de electrificação dos lugares de Casais Romeiros e Filhós, da freguesia de Bugalhos (Alcanena).

O respectivo orçamento compreende: materiais, 890 000$00; mão-de-obra, 259 000$00 e diversos, 195 000$00, totalizando 1344 000$00.

O 52.º aniversário do "Diário de Lisboa"

. Por motivo da passagem do 52.º aniversário do «Diário de Lisboa», enviaram-nos saudações, que muito agradecemos, mais as seguintes individualidades: dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; dr. Pedro Feytor Pinto, director dos Serviços de Informação; dr. Sabino Alonso Fueyo, conselheiro de Informação e Turismo da Embaixada de Espanha em Lisboa; dr. Motta Veiga, presidente do conselho de administração da Caixa Geral dos Depósitos; dr. Queiroz Nazareth, chefe do Serviço de Relações Públicas da Caixa Geral dos Depósitos; almirante Roboredo e Silva; actriz Beatriz Costa; coronel Celso de Magalhães, vice-presidente da direcção do Grémio Nacional da Imprensa Diária; dr. Manuel Telles, presidente da direcção da Corporação dos Espectáculos e, ainda, em representação da Sociedade Estoril-Sol; direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas; e comandante Albano de Oliveira.

Igualmente nos felicitaram o pintor António Soares; o director-geral da Educação Física e Desportos, dr. Armando Rocha; dr. Carlos Barbosa; comandante Galeão Roma; Casimiro José Vigário, responsável das relações públicas do I.N.I.I.; dr. Suleiman Valy Mamede, presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa; prof. Guilherme Rosa, director da revista «Actividades Económicas» e do «Jornal do Técnico de Contas e da Empresa»; Graciano Agostinho de Figueiredo, de S. Pedro do Sul; o nosso amigo Mário Silva Braga, do Porto; dr. Elio Cardoso, chefe das relações públicas da C.P.; Joaquim de Lemos Pantoja; D. Maria Antónia de Barros; dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho; coronel Fernando Cavaleiro, secretário-geral da Liga dos Combatentes; Dutra Faria, director executivo da ANI; Agência Pátria; Felix Naggar, director da agência France-Presse; Carlos de Oliveira, pelo Centro Difusor de Informação; gerência de Larangeira, Ld.ª; Prevenção Rodoviária Portuguesa; Grupo Onomástico «Antónios de Portugal»; Companhia Portuguesa Rádio Marconi; Editorial Verbo; Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria; Amigos de Lisboa; Cindusta — Consultores Industriais, Ld.ª; Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa; Centro de Documentação e Informação de Seguros; Lisboa Ginásio Clube e Mário de Almeida, nosso solícito correspondente em Ponte de Sor.

FLORES PARA OS TURISTAS

. Este ano o «Dia do Turista» decorrerá a 25 de Abril.

Entre as várias manifestações que envolverão os turistas, que nesse dia se encontrem ou cheguem ao nosso País, destacam-se os passeios fluviais no Tejo, em barco da CP, com exibição de ranchos folclóricos e prova de vinhos verdes em colaboração com a Junta Nacional do Vinho e Comissão de Viticultura do Vinho Verde; os circuitos turísticos oferecidos o «aperitivo português» oferecido pelo Clube dos Barmen em bares de estabelecimentos hoteleiros; a actuação de Bandas de Música, nomeadamenteno Mercado da Primavera; «Provas de Vinhos Portugueses» promovidas pela Associação dos Escanções de Portugal; um espectáculo de variedades dedicado pela Rádio Televisão Portuguesa aos turistas, a realizar no Teatro Maria Matos, cujos bilhetes serão distribuidos pelos Hotéis e Agências de Viagens.

Para além das visitas aos museus e palácios, será lançado, no «Dia do Turista», o primeiro volume de uma colecção de autores portugueses, especialmente preparado, em várias línguas, com vista a possibilitar aos nossos visitantes um conhecimento das melhores obras de literatura nacional.

Como no ano anterior o «Dia do Turista» obedecerá ao signo da flor, a distribuir profusamente nas agências e postos de turismo, em todas as fronteiras, e pelos estabelecimentos turísticos.

Confraternização

. SÃO BRAS DE ALPORTEL — Decorrerá no dia 21, pela sétima vez, o almoço de confraternização são-brasense, durante o qual será prestada homenagem ao comandante da corporação dos Bombeiros Voluntários, sr. Manuel Pires Rico.

Associam-se à reunião de confraternização, além das entidades oficiais concelhias, a Liga dos Bombeiros Portugueses e as corporações dos Bombeiros de Faro, Loulé, Olhão e Tavira.

. As inscrições podem fazer-se, até o dia 16, na sede da União Desportiva e, em Lisboa, na Casa do Algarve.

Acordo Colectivo das empresas de tabacos

. Foi indeferido pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência o requerimento feito pela direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa para a adesão da empresa Tabaqueira, S.A.R.L. ao Acordo Colectivo de Trabalho celebrado entre a Intar, S.A.R.L. e os Sindicatos representativos do pessoal ao seu serviço.

O indeferimento filia-se em razões de ordem económica (condecionalismos socio-económicos das duas empresas) e também jurídica, dado estar actualmente na base de conciliação o Acordo Colectivo de Trabalho com a Tabaqueira, iniciado em 5 de Dezembro último.

20 CARROS ROUBADOS

POR DIA EM LISBOA

ALARMES DESDE 300$00

MONTAGEM GRÁTIS

FENÍCIA — CASA DOS PNEUS, LDA.

Rua da Prata, 132 — Telefs. 32 16 45 - 32 42 97
LISBOA-2

APOLO 70 — Avenida Júlio Dinis, 10 — L I S B O A

MONTAGENS E VENDAS:

Avenida Miguel Bombarda, 122-B — Telef. 779424
LISBOA

Menino João Paulo Pinto Teixeira Pimenta

Comfortado com os sacramentos da Santa Igreja

FALECEU

Seus pais, avós, tios e de mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, e que o seu funeral se realiza amanhã, 4.ª feira, pelas 9 horas, da residência de seus pais à Rua Álvaro Castelões, n.º 332, Matosinhos para a Igreja de Matosinhos.

Matosinhos, 10 de Abril de 1973
João Teixeira Pimenta
Isabel Burguete Pinto Pimenta

DESCOBRIU A GALINHA DOS OVOS DE OURO?...

Consulte-nos

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

BANCO DE ANGOLA
S. A. R. L.
CONVOCATÓRIA

De conformidade com o artigo 37.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Banco de Angola para o dia 4 do próximo mês de Maio, na sua Sede, na Rua da Prata, n.º 10, em Lisboa, pelas 11 horas para:

1.º — Apreciação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1972;

2.º — Proceder, nos termos estatutários, às eleições da Mesa da Assembleia Geral e de um membro para o Conselho de Administração.

Lisboa, 31 de Março de 1973.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Fazenda Pública

António Cândido Mouteira Guerreiro
(Director-Geral da Fazenda Pública)

METROPOLITANO DE LISBOA S.A.R.L.

SEDE SOCIAL AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 28 — LISBOA

EMISSÃO DE 150.000 OBRIGAÇÕES

de valor nominal Esc. 1 000$00

Autorizada por Decreto-Lei 113.73 de 22 de Março de 1973 e por Despacho de S. Excelência o Secretário de Estado do Tesouro publicado no Diário do Governo, III Série, n.º 80, de 4 de Abril de 1973

TAXA NOMINAL 6 3/4 % — 1.ª Série de 1973/88

RENDIMENTO LIQUIDO 6,41 %

com a garantia da Câmara Municipal de Lisboa

Preço de subscrição	Esc. 1 000$00
Vantagens fiscais	Isenção total do imposto de capitais e do imposto complementar
Vida máxima	15 anos
Vida média	10 anos aproximadamente
Vencimento de juros	1 de Abril e 1 de Outubro O primeiro cupão será pago em 1 de Outubro de 1973, pelo valor proporcional ao tempo de efectivo desembolso do obrigacionista
Amortizações	Em 24 sorteios semestrais com início em 1 de Outubro de 1976

Esta subscrição sujeita a rateio, estará aberta de 11 a 13 de Abril em todos os balcões dos seguintes estabelecimentos de crédito que tomaram firme a emissão:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco Agrícola e Industrial Visconde
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London South America
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral
Pancada, Morais & Companhia

DL/NACIONAL

Processo judicial ao jornal "Ribamar" de Algés

A direcção do Grémio da Imprensa Não-Diária vai instaurar um processo disciplinar e outro judicial, por difamação e calúnia, ao jornal «Ribamar» e respectivo director, Oliveira Charrua.

Em notícia recente o «Diário de Lisboa» informava do envio de circulares pelo «Ribamar» a outros colegas da Imprensa Não-Diária, no intuito de conseguir para o respectivo Grémio uma Comissão Administrativa, que segundo o jornal de Algés teria por missão «**pôr a casa em ordem, harmonizar as partes e proceder depois a eleições**». Alegava ainda irregularidades no acto eleitoral daquele Grémio.

Em carta enviada ao nosso jornal a direcção do Grémio solicita a rectificação da notícia, informando que «**o recenseamento eleitoral processou-se normalmente**»... «**que desde o dia 30 de Janeiro as listas expostas continham 163 sócios registados no recenseamento**» e referindo que só poderão estar inscritos no recenseamento os sócios, que no decurso dos nove meses anteriores às eleições, tenham pago as quotas. Afirma depois que, «**a empresa do jornal «Ribamar» era uma das que não estavam em dia com a sua quotização de Janeiro**». Esclarece que por isso não poderia fazer parte das listas e que é falsa a afirmação daquele jornal de que no dia 22 de Março havia listas com 37 eleitores e no dia seguinte com 162.

TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO PARA ACTUALIZAR OS SALÁRIOS DO PESSOAL DOS LANIFÍCIOS

. Iniciam-se hoje os trabalhos relativos à tentativa de conciliação entre a Federação Nacional dos Sindicatos do Pessoal da Indústria de Lanifícios e a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios para alteração da tabela de remunerações mínimas do Contrato Colectivo de Trabalho actualmente em vigor. Os Sindicatos apresentaram a sua proposta em Janeiro — na qual estipulavam o salário mínimo de três mil escudos a partir de Novembro próximo — a qual foi rejeitada pela Federação dos Industriais em Fevereiro, com a informação de que não seria apresentada qualquer contraproposta. Face à resposta, a Federação dos Sindicatos requereu a tentativa de conciliação que agora começa.

Na fundamentação da proposta, a Federação dos Sindicatos referia que «**a justificação da nova tabela de salários assenta por um lado na recuperação dos aumentos do custo de vida, isto é, a tabela actual entrou em vigor em Novembro de 1971 e os salários nominais que dela constam sofreram uma desvalorização por efeito da subida dos preços durante o período da sua vigência, que vai de 1 de Novembro de 1971 a Novembro de 1973. Deste modo surge como primeira razão justificativa da nova tabela evitar a descida do nível de vida, o que, no fundo, mais não é do que a manutenção do salário real. Mas, por outro lado, há também que determinar o salários que corresponde ao mínimo de subsistência e suprimir todos os salários abaixo desse mínimo, de modo que o mais baixo escalão de remuneração não seja inferior a esse valor.**»

. No ofício de resposta, a Federação dos Industriais de Lanifícios afirmou nomeadamente que «**a proposta, independentemente da fundamentação apresentada pelo exagero percentual no aumento pretendido das remunerações, torna inviável qualquer contraposta que não ferisse as certezas de V. Ex.as, quando nos afirmam que a tabela de salários que nos apresentam constitui uma base mínima perfeitamente justificada, não só em relação com a realidade da indústria mas com a própria realidade nacional. (...) podemos adiantar que a tentativa de conciliação que, porventura V. Ex.as entendam requerer se nos afigura antecipadamente malograda pelos motivos já expostos**».

Em questão prévia à fundamentação da proposta os Sindicatos do pessoal da indústria dos lanifícios referem-se ao teor de uma exposição enviada ao secretário de Estado do Trabalho e Previdência logo que foi conhecida a decisão da Comisssão Arbitral relativa ao actual Contrato Colectivo de Trabalho, na qual afirmaram: «**O Contrato resultante da arbitragem não satisfaz nem mínimamente as necessidades e anseios dos trabalhadores que representamos; não conseguimos vislumbrar qual a utilidade da celebração dum Contrato que, tal como a contraposta da Federação dos Industriais, quase se limita a transcrever fielmente o disposto na lei geral e a estabelecer níveis salariais inferiores aos já praticados, em média, na industria de lanifícios, na grande maioria dos casos; ainda menos compreensível é que o novo Contrato venha a estabelecer condições inferiores ás constantes do Contrato de 1959**».

Juros e contribuições

. Durante todos os dias úteis deste mês, encontram-se a pagamento nas tesourarias da Fazenda Pública, as seguintes contribuições e impostos: contribuição industrial (grupo C) e imposto de capitais (secção A).

A contribuição industrial (grupo C) deverá ser paga em duas ou três prestações iguais com vencimento em Abril e Julho ou em Abril, Julho e Outubro, quando superior a 200$00 e 300$00, respectivamente. As colectas até 200$00 deverão ser pagas na sua totalidade este mês.

Tanto a contribuição como o imposto de capitais, não sendo pagos dentro do prazo legal, começarão a correr juros de mora e passados 60 dias, haverá lugar a procedimento executivo.

FILGRÁFICA 1973

VEJA NO STAND DE **LELLO & IRMÃO--EDITORES** GALERIA A-A-N.º 399 — A EDIÇÃO MONUMENTAL, COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO DE

OS LUSÍADAS

ILUSTRADA POR **«GOUVÊA PORTUENSE»**
PREFACIADA E REVISTA PELO PROFESSOR DOUTOR **MANUEL LOPES DE ALMEIDA**

ESTA OBRA FOI INTEIRAMENTE REALIZADA EM PORTUGAL — IMPRESSÃO OFFSET — A 9 CORES — NAS OFICINAS

«ARTES GRÁFICAS» — PORTO

ESTARÁ BREVEMENTE À VENDA

Portugal participa no XXIV Congresso da Câmara de Comércio Internacional de 19 a 26 de Maio no Rio de Janeiro

Representantes de empresas comerciais e industriais de todo o mundo estarão presentes, de 19 a 26 de Maio, no Rio de Janeiro, onde se realiza o XXIV Congresso da Câmara de Comércio Internacional. Do âmbito da discussão, que incide sobre os assuntos de maior importância para a economia mundial, com vista a facilitar as trocas comerciais, apenas estão excluídos os «países de Leste» que, no entanto, podem participar no Congresso, com o estatuto de observadores.

A Câmara de Comércio Internacional reúne-se de dois em dois anos, para analisar as principais dificuldades surgidas ao longo do período anterior, em matéria de comércio internacional e para, a partir do estudo desses problemas, estabelecer determinadas conclusões que depois são apresentadas aos Governos dos países participantes e aos organismos económicos internacionais. Essas conclusões poderão, eventualmente, servir de base a acordos e convenções internacionais, com vista a facilitar as relações comerciais entre as empresas de diferentes países.

MISSÕES COMERCIAIS AO LESTE EUROPEU

A Delegação Nacional Portuguesa da Câmara de Comércio Internacional, através da direcção da Associação Comercial Portuguesa convocou os representantes dos órgãos da Informação para um encontro em que seriam dados a conhecer os objectivos do XXIV Congresso da CCI, bem como as perspectivas que a sua realização no Brasil abre para o estreitamento das relações comerciais luso-brasileiras.

Aí foi revelado que o Congresso cuja língua oficial é o português tratará de dois temas principais: «crescimento urbano — um desafio a Governos e empresas privadas; e «um novo quadro institucional para o comércio e pagamentos internacionais».

Sobre o primeiro ponto, uma empresa com capitais brasileiros que se dedica à actividade turística na Madeira vai apresentar uma comunicação escrita, que pretende demonstrar como uma experiência urbanística pode provocar um retorno da emigração». Sobre o segundo assunto, a contribuição portuguesa resume-se, até este momento, à promessa de uma comunicação verbal.

O Congresso reunirá cerca de 2 400 participantes. Sobre a participação portuguesa, diria um membro da delegação, que, «seria muito triste se o grupo não tivesse, pelo menos, 150 pessoas...» As vantagens da participação das empresas portuguesas nesta reunião foram sintetizadas pelo presidente da Associação Comercial Portuguesa, em dois pontos:

— O Congresso é um local de contactos valiosos, fontes de relações comerciais entre empresas;

— O facto de se realizar no Brasil, permitirá intensificar «uma coisa em que se fala muito e que é necessário traduzir um plano concreto — a comunidade luso-brasileira».

Sobre este último ponto, acrescentaria que «ninguém melhor que as empresas o poderá fazer».

A reunião com os representantes dos órgãos da Informação serviu ainda para dar conta da acção da CCI, que conta mais de meio século, congrega as principais empresas do mundo e tem como objectivo promover o comércio e a cooperação internacionais, através de contactos com os respectivos meios económicos, tanto no sector privado como a nível governamental.

Foi ainda anunciada a «ressurreição» da Câmara de Comércio Brasileira em Portugal, «que estava adormecida, tal como as relações comerciais entre os dois países».

Por fim, já no capítulo das «perguntas e respostas informais», foram dadas algumas notícias sobre as relações comerciais com os «países de Leste». Sob a égide da Câmara de Comércio, foi constituído um grupo de trabalho destinado a preparar várias missões àqueles países, estando a primeira prevista para breve.

— **Temos o maior interesse em intensificar as relações comerciais com todos os mercados, e também com os de Leste** — justificou o presidente.

GENERAL ADELINO MENDES MOURA DOS SANTOS

FALECEU

Maria Raquel Neto de Carvalho Moura dos Santos, Maria da Graça Moura dos Santos Garcia Leandro, José Eduardo Martinho Garcia Leandro, Emílio Mendes Moura dos Santos, Branca da Conceição Mendes Moura dos Santos, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, irmão e parente e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas da Capela do Hospital Militar (Estrela) para o Talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João.

A FUNERÁRIA LISBONENSE — TELEF. 844547

UMA INOVAÇÃO EM SEGURANÇA IMPÉRIO
PASSAPORTE INTERNACIONAL DE SEGURO

A Companhia de Seguros Império introduz em Portugal um novo serviço no campo da segurança privada — O PASSAPORTE INTERNACIONAL DE SEGURO — que constitui uma medida completa de previdência para quem se desloca além fronteiras.

Até agora, um segurado, ainda que possuidor de um seguro de vida ou de acidentes pessoais, deparava no estrangeiro com certos obstáculos quando necessitava de dispor dos serviços da sua seguradora. Efectivamente as pessoas encontravam-se a sós com os seus problemas e ficavam à mercê dos seus próprios recursos. Numerosos viajantes têm esta experiência e não ignoram dificuldades, insucessos e, sobretudo, despesas que uma tal situação pode provocar.

Foi este, de facto, o móbil para uma inovação no campo do seguro privado.

No dia 26 de Março de 1973 algumas importantes companhias de seguros europeias concluiram em Viena um acordo sobre a introdução de um passaporte internacional de seguro. Fazem parte deste grupo as seguintes seguradoras:

. IMPÉRIO, Companhia de Seguros — Lisboa

AUSTRIA, Versicherungen — Vienne

BARMENIA, Versicherungen — Wuppertal

CATALANA / OCCIDENTE, Grupo Assegurador Sant Cugat — Barcelona

LA FONDIARIA, Compagnia Italiana di Asicurazioni — Florenza

MUTUELLE GENERALE FRANÇAISE — Le Mans

PATRIA SOCIETE MUTUELLE SUISSE D'ASSURANCE SUR LA VIE — Bâle. O passaporte internacional de seguro, aplica-se em viagens de negócios ou turísticas. O passaporte de seguro e as cartas de crédito internacionais que o acompanham, garantem ao segurado detentor, vítima de um sinistro, a assistência das correspondentes companhias atrás enumeradas. Esta assistência foi acordada, particularmente, sob a forma de uma ajuda financeira. Todos os segurados de posse de um seguro de vida ou de acidentes pessoais podem pedir um passaporte internacional para as suas viagens ao estrangeiro. Simultâneamente é-lhe passada uma carta de crédito, com um montante determinado, que lhe garantirá em caso de acidente no estrangeiro a cobertura de despesas hospitalares, médicas, etc. até ao máximo dessa verba.

Assim, se no estrangeiro, o segurado é vítima de doença ou acidente, a companhia correspondente responsabiliza-se pelos encargos respectivos baseando-se na carta de crédito.

Além disto oferece ainda o passaporte internacional de seguros e assistência nos seguintes aspectos:

. Conselhos sobre o procedimento a seguir quando o desaparecimento de bagagens, problemas de responsabilidade cívil, necessidade de protecção jurídica ou defesa legal, etc.

Esta assistência é, para o segurado, de **grande interesse**, pois o conhecimento dos usos e costumes do país visitado ou a escolha de um advogado qualificado são de **grande importância.**

Futuramente o detentor de um «passaporte internacional de seguro» poderá solicitar ajuda e conselhos em todos os escritórios da companhia correspondente. Esta recebê-lo-á como a um dos seus segurados.

A Companhia de Seguros Império ligada a esta Convenção tem o prazer de comunicar aos seus clientes que muito brevemente poderão usufruir de uma protecção eficaz nos países europeus onde existem companhias aliadas, através do passaporte internacional de seguros.

Prevê-se ainda que num futuro muito próximo este acordo se propague a outros países.

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

CLUBE NUMISMÁTICO DE PORTUGAL

— Associação cultural que pretende ter dimensão nacional à qual todos os autênticos Coleccionadores da especialidade podem pertencer e a constituir-se com Estatuto legal, sem objectivos lucrativos.

— O C. N. P. seria o porta-voz dos Numismatas portugueses, associados, juunto das Organizações congéneres no Mundo; um centro de informações e de permuta entre os seus Membros.

— Um Boletim informativo periódico seria distribuído aos Sócios. Quota mensal a ser fixada.
— Aceitam-se sugestões e projectos de Organização.
— Se pretende ser Membro Fundador do C. N. P., escreva a

Nestor Fatia Vital
RUA DO SOL AO RATO, 57, 2.°, ESQ. — LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho do Barreiro em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8/49733, para o estabelecimento na freguesia de Palhais, concelho do Barreiro, da modificação de uma linha aérea a 30 kV, para o posto de transformação da Escola de Fuzileiros de Vale de Zebro, incluindo a substituição de apoios e de condutores e passando o traçado a ficar com o comprimento total de 1006 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Março de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8/49512, para o estabelecimento na freguesia de Trafaria, concelho de Almada, de uma linha aérea a 15 kV, com 155 m, do apoio n.º 3 da linha para o posto de transformação 15-1-080 em Cabra Assada (Almada) ao posto de transformação do Batalhão de Reconhecimento de Transmissões, na Trafaria.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 29 de Março de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo Pereira Paiva, Rua Bastos Nunes, 6-1.º Esq.º QUELUZ

O caso da herança Sommer - "Anti

Com uma assistência numerosa e interessada — e em que continua a notar-se uma grande presença de advogados e de candidatos à advocacia — prosseguiu ontem, na sala de audiências do 1.º Juízo Criminal, mais uma audiência de julgamento, que foi inteiramente preenchida com a parte final das alegações orais da acusação particular que esteve a cargo do dr. Eridano de Abreu.

Na última sessão estava eu a explicar o meu ponto de vista relativamente ao grupo familiar que na pronúncia se referiu com a designação de grupo Sommer-Champalimaud.

Efectivamente tinha dito que não se fez uma prova da existência de um grupo com esse nome e com as características que realmente os assistentes lhe atribuiram durante as suas declarações. Em todo o caso os nomes interessam pouco, e o que interessa realmente evidenciar — e eu creio que o demonstrei a V. Ex.ª — é que efectivamente existia um grupo familiar a que nós podemos atribuir a designação de grupo Sommer-Champalimaud ou grupo de Sommer de Ferro como V. Ex.ªs entenderem, de harmonia com aquilo que referiu nos autos António Champalimaud.

Aliás das citações que eu fiz a respeito da ideia de grupo familiar, o que António Champalimaud disse existir quando prestou declarações nos autos, eu posso acrescentar, e ainda no vol. 30 a fls. 6.702 ele volta a referir-se à mesma ideia, dizendo que foram em número de sete as empresas que o declarante fundou desde 1944 para cá, formando assim este grupo, pela extensão enorme que lhe deu, a segunda casa industrial do País.

Continuou o dr. Eridano de Abreu com o seu «memorandum» referindo a percentagem accionista do grupo que se contrapunha ao Grupo Cardiga, grupo «pouco interessado na actividade industrial», e prosseguiu:

Mas para V. Ex.ªs verem que a existência do grupo familiar dominava não só a existência da Empreza de Cimentos de Leiria, que o digno representante do Ministério Público classificou como empresa — holding, mas de todas aquelas que dela dependiam, V. Ex.ªs têm no processo os mapas apresentados por António Champalimaud a respeito do movimento de acções, mapas esses que estão a fls. 7.462 e segs., e onde se diz que o local em que se encontram as acções à data da morte de Henrique Sommer, e depois se atribui várias deslocações.

«O ÚLTIMO DETENTOR DO GRUPO»

E refere-se expressamente o último detentor no grupo: a encimar realmente na 4.ª coluna desse mapa, lê-se precisamente esta designação «o último detentor do grupo».

Diz-se nessa coluna que as acções que foram de Henrique Sommer, estiveram em Sommer e C.ª, Ld.ª, em nome de António Champalimaud, em nome de Sommer e C.ª, Ld.ª, depositadas no Crédit em nome de Montez Champalimaud, etc., etc., — V. Ex.ªs dipensam-me de estar a fazer uma leitura deste mapa, mas se porventura quiserem fazer uma análise, chegarão à conclusão que efectivamente essa ideia do grupo ainda perdurava no momento da elaboração desse mapa.

Ora, o que era esse grupo, quais as características desse grupo, como é que ele existia, como é que actuava esse grupo?

Tira-se dos autos a ideia, como toda a facilidade, de que não havia por assim dizer nenhum elemento do grupo que dominasse qualquer das empresas, ou qualquer accionista a ter preponderância dentro das empresas.

Quem dominava efectivamente era o conjunto accionista, ou era o conjunto de pessoas da família que há pouco referi, lendo a passagem do requerimento de Sommer e C.ª, Ld.ª, de fls. 8.043 e 8.044.

OS EMPRÉSTIMOS

V. Ex.ªs recordam-se, porque fundamental deste grupo, têm logo a demonstrar o interesse colectivo desse grupo, o interesse que transcendia o próprio grupo através dos empréstimos que eram realizados em benefício das empresas a quem estavam agregados os membros do grupo familiar a que me estou a referir.

V. Ex.ªs recoram-se, porque consta dos autos a fls. 6.597, do empréstimo de 1.500.000$00 celebrado por Montez Champalimaud, Ld.ª, na casa Totta a 22 de Dezembro de 1942. Foi caucionado por 3.000 acções, sendo 1.000 de António Champalimaud, 1.000 de Carlos Champalimaud e 1.000 de Henrique Champalimaud. Quer dizer, muito embora se tratasse de um empréstimo obtido a favor de Montez Champalimaud, Ld.ª, e muito embora os sócios de Montez Champalimaud, Ld.ª não fossem apenas estas pessoas que acabei de designar, a verdade é que quem dispõe de acções para garantir esse empréstimo são efectivamente estes sócios e não quaisquer outros, nem a própria Montez Champalimaud, porque nessa altura pelo menos não consta dos autos, que tivesse dela própria quaisquer acções.

São efectivamente os três sócios, Carlos, António e Henrique, quem depositam as acções pertencentes a eles para garantir o empréstimo que não é deles, mas sim da sociedade a que pertencem.

Este empréstimo sabem V. Ex.ªs perfeitamente a que se destinou: destinou-se a ser adquirida a firma Atkinson e V. Ex.ªs recordam-se certamente por quem era formada essa sociedade: era Montez Champalimaud Ld.ª, uma das sócias, e outro sócio era Henrique Champalimaud, com uma quota minúscula que dá a ideia perfeitamente que essa firma foi adquirida para Montez Champalimaud, Ld.ª, grande produtora de vinhos do Porto e esta Sociedade dedicava-se depois à exportação, o que V. Ex.ªs tiveram oportunidade de ouvir referir, aqui em julgamento.

Esse empréstimo foi liquidado, através de outro empréstimo realizado no Crédit em 12 de Fevereiro de 1944, e o saldo foi pago com o produto dum desconto aceite por Montez Champalimaud, Ld.ª e saque de Robert Atkinson que teve lugar também no Banco Lisboa e Açores. Essa letra é paga mais tarde em 7 de Agosto de 1944 com fundos da conta caucionada aberta no Crédit em Maio desse ano no montante de 5.000 contos e o empréstimo do que V. Ex.ªs se lembram perfeitamente.

Quer dizer, muito embora quem tenha entregue as acções para caucionar este empréstimo tenham sido três sócios de Montez Champalimaud, L.d.ª, muito embora o empréstimo tenha sido contraído por Montez Champalimaud, Ld.ª, depois é liquidado esse empréstimo pela forma que em acaso de referir.

V. Ex.ªs têm também outro empréstimo que é feito pelos mesmos.

Mas desta vez é a Sociedade Comercial Financeira Ld.ª quem em 22 de Dezembro de 1952 (?) contrai um emprestimo de 1.000 contos na casa Totta, como se verifica a fls. 5.741, empréstimo esse que é caucionado com 412 acções de António Champalimaud 789 acções de Henrique Champalimaud e 799 pertencentes a Carlos Champalimaud.

Ora como V. Ex.ªs também sabem, e é claro que isso levar-me-ia meses inteiros a estar aqui a descrever a V. Ex.ªs toda esta factualidade, V. Ex.ªs sabem perfeitamente que a Sociedade Comercial, Ld.ª não era apenas constituida por estes três sócios. Esta sociedade como teve oportunidade de referir o digno magistrado do Ministério Público era constituida por mais sócios que eu também me dispenso de escrever.

Todavia quem entrega acções para caucionar esse esmprétsimo da Sociedade Comercial são os três irmãos António Champalimaud e Henrique, na proporção que já referi a V. Ex.ªs.

Referiu-se exaustivamente o advogado dos assistentes a outros empréstimos, e continuou, de seguida, com a questão das **contas correntes:**

Outra característica que nós podemos apontar ao grupo e de que resulta a forma como eles, os membros do grupo, viviam, era a das contas correntes de todas as sociedades; e é curioso apontar a V. Ex.ªs a conta-corrente que existia em Sommer entre os irmãos Champalimaud.

Mas António Champalimaud, esse tinha três contas chamando a uma «conta-corrente normal», a outra «conta-especial» e a outra «conta Leiria».

Se V. Ex.ªs verificarem todas as contas constantes de fls. 3835, chegarão à conclusão de que António Champalimaud não era credor de Sommer e C.ª Ld.ª, mas sim devedor dela, muito embora pretenda fazer acreditar que foi ele quem lhe acudiu para realmente serem subscritas acções aquando da 9.ª emissão.

Isto também é uma problemática que eu quero passar de corrida para não demorar, porque V. Ex.ªs são realmente conhecedores desta matéria.

UMA FAMÍLIA UNIDA

A família que constituía este grupo tinha também esta característica que ele próprio, António Champalimaud, reconhece no vol. 23 a fls. 4913.

Dizia eu que era um grupo unido, porque era uma família unida, e quando se refere a Afonso Sommer no vol. 28 a fls. 6326 e quando pretende explicar porque comprou o direito de subscrição à 9.ª emissão, diz que não se podia esperar que ele fizesse equipe com os restantes membros do grupo.

É ele próprio que reconhece uma certa ideia de equipe a este grupo familiar. Mas não é só ele que reconhece essa circunstância.

O prof. Gomes da Silva quando faz, ou quando elaborou o seu parecer, que está junto aos autos — e V. Ex.ªs podem verificar isso a fls. 52 desse parecer — refere que Sommer e C.ª Ld.ª e os seus sócios constituiam ao tempo um grupo unido e solidário.

Mas António Champalimaud também reconhece que no vol.º 7.º a fls. 1725 v.º que as empresas não se podiam considerar como estranhas umas às outras.

De modo que eu não sei, snrs. Juízes, perante toda esta factualidade, como possa negar-se a existência do grupo e as características que já apontei a V. Ex.ªs.

Morto Henrique Sommer, V. Ex.ªs tiveram ocasião de ouvir a história relativa à ascensão de António ao lugar de director delegado. V. Ex.ªs ouviram a este respeito do dr. Fernando Cruz, José Pedro Sommer Ribeiro e têm nos autos várias declarações em que se pretende explicar que foi a tia Maria Luísa quem determinou, ou quem ajudou António Champalimaud, a ir para administrador-delegado da Empreza de Cimentos de Leiria, e V. Ex.ªs ouviram também referir este ponto ao digno representante da Acusação Pública.

ANTÓNIO CHAMPALIMAUD: «CHEFE DA FAMÍLIA»

Não vale a pena demorar-nos muitò sobre este assunto, porque seja como for, é uma verdade indiscutível a de que António Champalimaud passou a desempenhar o lugar de chefe da família.

A D. Albana, a fls. 5409, explica a razão que levou seu irmão a chamar António na hora da morte e a confiar-lhe a empresa e as suas últimas vontades.

Nós sabemos perfeitamente e isso já foi explicado pelo digno representante da Acusação Pública as razões que levaram António Champalimaud à chefia deste grupo. Não vou repetir essas razões: A inteligência, o trabalho, a capacidade de António Champalimaud para que efectivamente ascendesse à chefia do grupo e ao lugar que passou a desempenhar dentro da família.

Mas, eu gosto de referir factos que constem do processo. E. V. Ex.ªs vão ouvir realmente qual era a opinião que tinha da posição de António Champalimaud dentro da família e dentro das empresas: Barros Leito no vol.º 7.º, a fls. 1523 e seguintes fornece-nos um perfil da personalidade de António Champalimaud, afirmando que: «Por temperamento, gostava de dominar toda a vida das empresas que dependiam do grupo, frequentemente dava ordens directas ao declarante, independentemente da presença dos gerentes constituídos. Esses nada decidiam quanto a assuntos importantes da administração sem ouvirem primeiro a opinião de António, o qual era sempre a pessoa que dava a última palavra.»

O declarante esclarece que os gerentes apenas decidiam, sem qualquer consulta de António, os assuntos rotineiros de administração, os quais por sua natureza estavam implícitos em decisões já sancionadas por António Champalimaud.

E mais adiante afirma esta mesma testemunha Barros Leite que quem efectivamente decidia era António Champalimaud. E referindo-se a Henrique Champalimaud, acrescenta que quanto à sua capacidade não era susceptível de comparação com o irmão.

A mão do próprio réu António Champalimaud, e eu chamo a atenção de V. Ex.ªs para esta declaração, diz a fls. 4192 v.º do vol.º 20 que: «Ele — António Champalimaud — tem mais valor e capacidade do que eles — os irmãos — e tanto assim é que é a ele que a família deve a posição desafogada que hoje ocupa, pois sendo ele muito novo foi ele quem tomou a chefia da família, ocupando-se do negócio da mesma.»

O próprio Gastão Benjamim Pinto refere-se a António Champalimaud e à influência que ele exercia, dizendo: «Essa influência era-lhe devida de todo o direito, não só por fazer parte da firma Sommer e C.ª, mas pelos seus dotes de invulgar competência, inteligência muito superior à dos irmãos os quais não tem qualidade de iniciativa, nem de trabalho.»

V. Ex.ªs podem ler estas declarações a fls. 4734.

É claro que V. Ex.ªs não obstante ter sido contraditado a testemunha Sobral, podendo V. Ex.ªs dar-lhe o crédito que realmente entendem que ela merece, diz esta testemunha que: «Ser aquele, António Champalimaud, que possuía qualidades para ser chefe, e que toda a família o aceitou sem qualquer relutância, uma vez que todos estavam convencidos que ele procuraria engrandecer as empresas, não para proveito próprio mas para bem de toda a família. Foi nessa convicção, estando todos de boa-fé que não se preocuparam pelo menos durante 12 anos, após a morte de Henrique Sommer, a saber ao certo quanto é que pertencia a cada um.»

D. Maria Luísa a fls. 5676 v.º a respeito de Fernando Sommer, a quem determinada testemunha — V. Ex.ªs devem lembrar-se — atribuía uma inteligência invulgar, uma capacidade e uma iniciativa, que se metia pelos olhos dentro de qualquer pessoa, «sabia uma porção de línguas, conhecia negócios de ferro como ninguém», a esse respeito D. Maria Luísa dizia o seguinte: «Quanto a Fernando Sommer ninguém duvidava da incapacidade».

A própria senhora diz que: «Meu irmão Fernando, não tinha espírito de iniciativa, nunca o teve.»

É claro que Esteves Sobral diz também o que V. Ex.ªs ouviram aqui no julgamento, que ele, Fernando Sommer assinava o que lhe era apresentado.

Gastão Benjamim Pinto emite uma opinião concordante dizendo que ele era uma pessoa sem qualquer iniciativa.

V. Ex.ªs também ficaram a fazer o juízo de Afonso Sommer.

V. Ex.ªs ficaram a saber como é que actuava e em que circunstâncias o fazia Henrique Champalimaud, quando morreu o tio Henrique de Araújo Sommer, e também o que fazia e qual era a competência de Carlos Champalimaud para poder dirigir qualquer empresa.

Portanto, impunha-se aceitando todos e ninguém podendo duvidar, que era António Champalimaud o único chefe da família que devia realmente tomar as directrizes para poder encaminhá-la nos negócios a que se dedicava.

OS PODERES DE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD: «É ELE QUEM DÁ ORDENS»

Quais eram os poderes que tinha António Champalimaud?

O que é que ele fazia dentro da família? Quais eram os poderes que reconhecia e que entregaram a António Champalimaud?

Também vou referir a V. Ex.ªs a matéria que consta dos autos.

A este respeito, D. Maria Luísa, no vol.º 1 a fls. 217, diz que «em virtude da confiança que tem em seu sobrinho António Champalimaud que é quem dirige normalmente os assuntos da família, dentro das empresas, não se tem preocupado em saber em pormenor o que se passa pelas empresas».

Estas declarações são prestadas pela D. Maria Luísa em 19-12-1960.

A D. Maria Ana, também prestou declarações no vol.º 1 a fls. 223 e diz também que era ele, António Champalimaud, quem resolvia todos os assuntos referentes à declarante sem lhe dar conta deles por ter nele absoluta confiança. Que apenas pode dizer do seu irmão António Champalimaud, nas empresas em que tem cargos, é ele quem dá ordens.

Wagner, a testemunha Hermenegildo Wagner, chega a dizer, no vol.º 7.º, a fls. 1592, que ordens grandes eram sempre dadas por António Champalimaud.

E Henrique Champalimaud, numa altura em que ainda de braço dado com ele, ao lado dele nas lutas contra seu irmão Carlos, afirmara a fls. 1748, do vol.º 7.º, «que quem desempenhava o papel de chefe da casa e orientava superiormente os assuntos capitais, era o sr. António Champalimaud, incontestavelmente». Mas a importância das declarações agiganta-se com estas da mãe de António Champalimaud.

E ela própria quem refere, no vol.º 20, a fls. 4192, «nunca se preocupou com negócios sendo seu filho António quem resolve todos os assuntos da declarante por ter nele absoluta confiança».

Albana, nas suas declarações de 11 de Janeiro de 1962, no vol.º 26.º, a fls. 5658, quando Carlos Champalimaud lhe faz a pergunta «no seu entender, de minha tia, a quem merece ser e quem foi o chefe incontestado e absoluto das sociedades familiares da própria família deste pelo falecimento de Henrique Sommer?

A esta pergunta responde D. Albana o seguinte:

«À pergunta responde que foi António, o mais velho.»

— Gastão Benjamim Pinto também referindo-se mais propriamente aos poderes que António Champalimaud tinha dentro da Empresa de Cimentos de Leiria, refere que em todos os assuntos de administração e seu **enfiamento**, era ele quem superintendia.

V. Ex.ªs podem ver estas declarações a fls. 6289 do vol. 28.

E para terminar este convencimento que havia a respeito da chefia de António Champalimaud àcerca dos interesses familiares, eu não me posso dispensar de ler aquilo que a este respeito disse também Constantino Esteves Sobral.

«O declarante pretende no entanto acentuar que o orientador incontestado da família Sommer Champalimaud, ou mais precisamente de todos os negócios, era António. Na empresa Sommer, embora fosse Henrique o executante, quem tomava decisões e orientava efectivamente era o António, uma vez que aquele nada fazia sem uma prévia troca de impressões com este.»

V. Ex.ªs podem realmente ler estas declarações a fls. 7535 do vol. 34.

Mas logo a seguir, a fls. 7537 do mesmo volume, diz o seguinte: «Ao fim de 12 anos, mais ou menos, o Carlos Champalimaud e o Henrique Champalimaud começaram por verificar que afinal quase nada possuiam nas empresas que eles julgavam pertencer a toda a família, sendo seu dono e senhor António Champalimaud».

Claro que nós temos nos autos esta certeza: António Champalimaud, por morte do pai, recebe precisamente o mesmo número de acções que os irmãos.

Quando faleceu o tio Henrique Araújo Sommer, cada um tinha 1799, o que não correspondia sequer a 1,5 por cento do capital da Empresa de Cimentos de Leiria.

Claro que António Champalimaud faz um grande alarde àcerca das facilidades que lhe foram concedidas por virtude do seu casamento, mas, se V. Ex.ªs verificarem, efectivamente António Champalimaud nunca recebeu por parte da família da mulher qualquer benefício que não fosse aque que resulta dos empréstimos, a que há pouco me referi, concedidos pela casa Totta.

Simplesmente a casa Totta nunca faz um empréstimo a António Champalimaud sem exigir as garantias usuais, as mesmas quantias que os outros bancos oferecem e até se V. Ex.ªs compararem os contratos por exemplo que fez António Champalimaud com outros bancos, se V. Ex.ªs compararem os contratos contraídos no Totta com o contrato contraído pela Companhia de Cimento de Moçambique junto do Banco Nacional Ultramarino, hão-de ter ocasião de verificar que são bem mais gravosas as condições exigidas pelo Totta do que propriamente aquelas que foram exigidas pelo Banco Nacional Ultramarino.

E mais adiante, disse:

ónio Champalimaud: um génio"

Faiecido o sr. Henrique Sommer, António Champalimaud o queno accionista António ampalimaud, que tinha as tais 99 acções precisamente como irmãos, António Champalimaud que tinha os mesmos pronos que os irmãos, excepto que diz respeito ao ordenado Empresa — como aqui se feriu o assistente Henrique ampalimaud, estabeleceu um no que em poucos meses o na o maior accionista da Emsa de Cimentos de Leiria.

V. Ex.ª ouviram do digno reentante do Ministério Públiuma descrição pormenorizada movimentação das acções xadas por Henrique Sommer u tinha aqui apontado toda a movimentação para V. ª realmente averiguarem ou narem em consideração o que feito das acções deixadas por nrique Araújo Sommer.

Não vale a pena porque V. ª sabem, através não só do disse o digno representante Ministério Público, mas até aquilo que referiram os srs. itos qual foi o destino dessas ões. Essas acções deixadas Henrique Sommer nunca eram na posse, nem nunca am entregues, nem nunca ram parar às mãos dos assistes, nunca vieram parar às os dos herdeiros de Henrique mmer.

Quem lhes traçou o destino, m realmente movimentou pre todas essas acções, quem servia dessas acções, não há ida nenhuma, foi o réu Anio Champalimaud.

V. Ex.ªs podem averiguar, lem através do exame peri, através das declarações duzidas pelos srs. peritos, l foi o destino das 9996 ões da herança e que pertenm ao espólio de Henrique mer.

V. Ex.ªs sabem que, em 1944, ve a 8.ª emissão através da l estas acções passaram para lobro; V. Ex.ªs sabem que s 9996 acções, depois de se m transformado, por virtude 8.ª emissão, em 19 992 por ude da p.ª emissão passaram r 41 652, e V. Ex.ªs realmenabem qual foi o destino de s estas acções. Não vale a esmiuçar esse problema que está demonstrado nos auqual foi o seu caminho.

pergunta que se faz ou que pretendo fazer, e de certo do responder a ela, é esta: o é que foi possível a Anio Champalimaud passar a inar e a aproveitar-se de s esses valores; de todas esacções, e porque é que Anio Champalimaud faz rodo todas as acções de lado pado, durante anos a fio, sem os irmãos tenham tomado lquer atitude para com ele nte todos estes anos e não a havido qualquer reacção arte deles?

este problema que eu vou ntar e vou procurar responà pergunta que a esse respeipode formular.

Ex.ªs, através das declaões que eu li há pouco já ficaram que António Chammaud por virtude da chefia grupo a que pertencia, por ude dos poderes que lhe m concedidos, tinha a conça geral de toda a família. já referi a V. Ex.ªs aquilo disse a própria mãe de Anio Champalimaud.

No vol. 1.º, a págs. 213 efectiente refere a confiança ilida no seu filho António.

Nunca se preocupou com neos sendo este seu filho Anquem resolve todos os astos, por ter nele absoluta fiança. E disse ainda que se preocupa com os neios das empresas de que faz te, aceitando bom tudo quanle possa fazer, porque a conça que tem nele a leva a a certeza de que tudo quanto fizer é feito com honestidade, para bem da declarante, considerando-o incapaz de a prejudicar.

D. Albana, como já referi, quanto a si foi o chefe incontestado das sociedades familiares e da própria família de Henrique Sommer, foi António Champalimaud.

E a sua confiança nele era absoluta, V. Ex.ªs podem ver isso no vol. 1 a fls. 216 e no vol. 26 5658.

Maria Luísa exprime igualmente essa confiança ilimitada, dizendo que em virtude da confiança que tem em seu sobrinho António Champalimaud, é ele quem dirige normalmente os assuntos de família, dentro das empresas, não se tendo preocupado em saber em pormenor o que se passa dentro das empresas.

Já referi também o que a este respeito a D. Maria Ana, em que refere que com seu irmão António esteve sempre de boas relações até 1957, e era ele quem resolvia todos os assuntos referentes à declarante sem lhe dar conta deles, por ter nele absoluta confiança.

A fls. 7583, do vol. 34 refere que depositava a maior confiança no irmão mais velho, todos estavam confiados que estaria a administrar os bens da família em proveito de toda a família e até do próprio António Champalimaud a fls. 1689, do vol. 7.º diz: «O clima de confiança em que o ora declarante vivia em relação a Carlos Champalimaud e Henrique Champalimaud era um facto.»

Ora, em determinada altura, surgem da forma relatada pelo declarante António Champalimaud determinadas desconfianças.

Não vou abordar este tema também porque ele está realmente expresso nos autos de forma a não ter que estar a referi-los em pormenor.

V. Ex.as sabem que foi Carlos Champalimaud o primeiro que efectivamente levantou os problemas de uma certa desconfiança em relação a António Champalimaud; depois D. Maria Ana que assistiu à assembleia geral de 25/3/51, por virtude de determinada atitude que ele tomou nessa Assembleia, e que V. Ex.as se recordam lindamente do que a este respeito esta senhora aqui declarou a V. Ex.as e por virtude disso tomou o partido de Carlos Champalimaud, defendendo realmente a posição dele nesses litígios.

Henrique tomou o partido de António a determinada altura e V. Ex.as sabem também qual foi a razão que determinou Henrique passar para o lado de seu irmão e efectivamente o reconhece que quem tinha razão era o Carlos e não António Champalimaud nas suas reivindicações.

O dr. Eridano de Abreu teceu outras considerações, e passou a referir-se ao problema que denominou **ponto de crise.**

Chegados a este ponto, temos de aprontar o problema que nos propusémos analisar na última sessão e que respeita àquele ponto que eu chamei ponto que entrou em crise, um ponto de crise, relativo às alegações do sr. representante do Ministério Público.

Ora, não há dúvida de que nenhuma acção que foi de Henrique Sommer se encontra nas mãos dos assistentes.

Os herdeiros de Henrique Sommer até hoje não receberam nenhuma dessas acções. Essas acções encontram-se nas mãos de António Champalimaud. Já assentámos, ou pelo menos parece não haver dúvidas, de que essas faziam parte do remanescente da herança, já chegámos à conclusão de que não houve qualquer acção em vida. Já chegámos à conclusão de que a defesa de António Champalimaud no sentido em que essas acções haviam sido transmitidas para as tias através da conta solidária não era admissível, já chegámos à conclusão de que não pode dizer-se que as acções que estivessem nas mãos das tias de António Champalimaud, tivessem conduzido à usocapião. E chegámos à conclusão também de que o inventário, embora com determinadas irregularidades, se encontrava inatacável e que havia sido proferida uma sentença a determinar o destino legal das acções que haviam sido distribuídas e inventadas.

Aqui chegados o digno representante do Ministério Público não viu que se tivesse verificado a entrega por parte dos herdeiros de Henrique Sommer a António Champalimaud muito embora admita que para a existência deste requisito relativo à existência de abuso de confiança não é necessário haver uma entrega material.

E que basta, efectivamente que a coisa objecto de abuso de confiança esteja na disponibilidade daquele que foi arguido desse crime.

Pelo menos estavam eles convencidos de que esse facto era verdadeiro, e então, no pressuposto, que para haver entrega mesmo a entrega no sentido diferente daquilo que pode julgar-se estar expresso no Art. 453.º do Código Penal de que é necessário entrega material o digno representante do Ministério Público, partindo do princípio que era necessário deu-a ou julgou-a inexistente em virtude desse convencimento por parte dos herdeiros de Henrique Sommer.

Depois, quanto à existência do dolo, obteve-se opinião do prof. F. Correia dizendo que outorgando ele as acções às tias no convencimento de que elas a estas pertenciam, não havia realmente dolo da parte dele uma vez que esse convencimento era ou podia ser sincero na medida em que também os irmãos e a D. Maria Helena estavam convencidos que essas acções tinham passado para as tias.

DESACORDO COM A POSIÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Ora, sobre este ponto, eu creio que é o único em que há desacordo entre mim e o digno representante do Ministério Público, eu queria dar uma achega para a solução deste problema.

Não há dúvida nenhuma que é preciso haver entrega e o correlativo recebimento e que tanto a entrega como o recebimento resulta de qualquer dos títulos enumerados no artigo 453.º do Código Penal.

Mas, em que consiste a entrega, o que deve entender-se por entrega? O prof. Beleza dos Santos tem a esse respeito um estudo publicado e que tem feito doutrina neste ponto.

Vale a pena eu ler a V. Ex.as, o que disse este ilustre mestre para daí tirarmos as conclusões que interessam para o caso presente.

No acordão de 6/Out./60 que eu já referi aqui a V. Ex.as a propósito dum problema que foi o problema dos depósitos solidários, publicado no boletim n.º 100 a pág. 449 e que interessa realmente muito para este caso, se disse que para que se verifique o crime de abuso de confiança não é necessário que tenha havido previamente um acto material de entrega.

Bastando que o agente se encontre investido em um poder sob o objecto que lhe dê a possibilidade de o desencaminhar e dissipar. A decisão deste acordão não fez mais do que prosseguir realmente a jurisprudência dos tribunais até adoptar os ensinamentos do prof. Beleza dos Santos explanados na «Revista de Legislação e Prudência», ano 82 a pág. 33, onde depois de acentuar que o n/ Código Penal — reparem V. Ex.as — o nosso Código Penal quando prescreve a estrutura típica do crime de abuso de confiança exige que os objectos ou valores a que refere tenham sido entregues ou recebidos.

Este prof. depois de referir que não é necessário — como já disse há pouco — que o agente receba materialmente o objecto, afirma: «E evidente, porém, que a qualificação criminosa compreende igualmente os casos em que o agente se encontra investido num poder sobre o objecto que lhe dá a possibilidade de o desencaminhar ou dissipar não tendo havido previamente um acto concreto de entrega e recebimentos materiais».

E em nota acrescenta: «E de notar que a palavra **entregar** tanto significa o acto material de **pôr nas mãos de,** como a **acção de passar para o poder de** ou **confiar a outrem independentemente** dum facto material de entrega do próprio objecto».

A palavra «receber» tem correspondentemente aqueles dois sentidos. E o mesmo prof. assentou também, na Rev. de Legislação e Jurisprudência, ano 86 a págs. 172 que o nosso Código Penal se desviou da legislação penal do tipo francês que de facto só punia neste crime o abuso de confiança de quem faz entrega, o que pressupunha um acto fiduciário como causa jurídica dessa entrega.

O Código Português deu uma larga latitude de incriminação que abrange assim outros casos de abuso de confiança e aproximou-a da conhecida nos códigos estrangeiros, pelo nome de desvio ou de apropriação indevida. Quer dizer este prof. não entende que não é necessário aquela relação de confiança de que nos falou o digno representante do Ministério Público ou pelo menos não lhe deu o entendimento que Sua Excelência lhe pretendeu dar.

O ABUSO DE CONFIANÇA

Comete este crime o que tendo recebido 10.000 pesetas em vez de 5000, nega depois a recepção, pois que o agente assim se por aquilo que por 1 título recebe, por um título que produz obrigação de restituir. A questão, que eu saiba, não foi tratada nos nossos tribunais superiores, nem na nossa Imprensa jurídica, embora, em geral se repita o ensinamento do Direito francês de que a coisa deve ter sido confiada ao agente. «Revista de Legislação e Jurisprudência», ano 25, págs. 28 e 75). São elementos deste crime: ter o agente recebido o objecto da confiança, donde resulta a obrigação de restituir. Na 1.ª edição destas notas, diz L. Osório, segui também esta doutrina, a págs. 871, levado pelo nome deste crime, mas como se tem visto as epígrafes não fornecem elementos de valor para, por si só, limitarem o texto da lei e a divergência entre o nome do crime e o seu conteúdo provem da combinação que se fez do Cód. Penal francês com o espanhol.

O que se torna decisivo é a existência ou não da obrigação de restituir ou de apresentar, verificando-se o crime todas as vezes que o título produz essa obrigação. E o mesmo distinto magistrado, a págs. 243 do citado volume cita a opinião da Escola Positiva 1913 — págs. 559, segundo o qual a entrega pode ser tácita, como se alguém, por esquecimento, deixa alguma coisa em casa do agente.

A nosso ver, acrescenta a Revista, o Art. 453º autoriza estas opiniões, e o acordão decidiu, embora sem fundamentar juridicamente a solução que adoptara em caso similar, e que era efectivamente a de o agente do crime receber no troco qualquer nota que vai fazer a um banco uma importância superior àquela que efectivamente entregou, por virtude de um engano em que incorreu o caixa dando-lhe, por hipótese, o troco de 1000 escudos quando lhe devia ter dado o troco de 100 escudos. Onde é que há aqui realmente a relação de confiança de que nos falou o digno agente do Ministério Público?

Eu comecei no último dia com um exemplo que não pode deixar de impressionar relativamente à colaboração, ou à atitude de que deve tomar o ofendido para com o arguido, quando da entrega, ou quando da tal relação de que referiu o digno representante do Ministério Público, a tal relação de confiança. Então, se porventura um comerciante em nome individual deixar o seu estabelecimento entregue a um comerciante e este desencaminhar o dinheiro que lhe vãoo dando todos os dias as pessoas que compram os objectos desse estabelecimento, como é que não comete o crime de abuso de confiança, que não se estabeleceu a tal relação de confiança entre o dono da coisa e o próprio arguido? Melhor dizendo: E necessário haver a colaboração, haver o conhecimento por parte do ofendido do abuso de confiança, de que efectivamente a coisa lhe pertence.

Eu quando ouvi o digno representante do Ministério Público apreciar a conduta dos meus constituintes e a conduta da Maria Helena até tive a impressão de que eram eles que estavam a responder perante V. Ex.as e que havia que indagar se eles tinham realmente a consciência e a convicção de que as acções eram das tias ou eram deles. Mas para quê? No caso que eu apontei — há pouco bem podia acontecer que esse comerciante a quem depois da sua morte o empregado dissipa o dinheiro que lhe vai sendo entregue, bem pode acontecer dizia eu, que nessa altura nem sequer se indagará até o proprietário do estabelecimento. Não. O que importa é esta realidade: é necessário existir uma confiança por parte da pessoa, ou na pessoa que se apropria do objecto, não que lhe tenha sido confiado pelo dono da coisa, mas que foi confiado por virtude do título. E isso é o que interessa, é realmente saber se o título de que se serviu para se apossar da coisa lhe permite essa confiança, se lhe empresta essa confiança.

A relação de confiança nunca existe entre a pessoa do proprietário e o arguido, é entre a coisa e o próprio arguido. Mas não podemos ficar por aqui srs. juízes. Não podemos ficar por aqui.

Quando António Champalimaud toma conta da chefia do Grupo, as acções estão na disponibilidade, e é ele quem as manobra, é ele quem pratica realmente todos os actos que já referi, é ele quem lhes determina o destino, é ele quem sabe onde estão as acções, é ele, que no final de contas, pode saber perfeitamente de quem elas são, onde estão e o destino que lhes dá.

Os irmãos, não há dúvida nenhuma, que o investiram, por virtude da sua qualidade de chefe do Grupo, numa certa posição de confiança.

Ora essa posição de confiança não é estabelecida num momento em que ele toma conta das acções, em que estas foram postas à disposição dele.

Esse estado de confiança gera-se em virtude do clima que havia na própria família.

Até se podia dar o caso, senhores juízes, de não serem todos os irmãos, mas ser só um deles, ou até ser só a própria Maria Ana a licitar as acções, e não importar até qual era a convicção que teriam os outros herdeiros de Henrique Sommer, a respeito da transmissibilidade destas acções.

Não! O que importa é realmente saber se António Champalimaud, depois de ter as acções na sua disponibilidade, depois de poder traçar o caminho que quis e para os fins que quis, realmente estava convencido de que as acções pertenciam às tias e não a ele e aos irmãos.

O convencimento dos irmãos e da prima Maria Helena não interessa para coisa nenhuma: eles inclusivamente podem, como no caso presente se deu, ter sido enganados posteriormente à entrega, à entrega formal, à entrega tácita.

A disponibilidade até se encontra na posse dos títulos.

Mas aqui o digno representante da Acusação Pública foi para a solução do prof. Ferrer Correia e como este afirma o convencimento de António Champalimaud de que as acções eram das tias, retira-lhe a existência do dolo.

Mas desde que nós assentamos na validade e na eficácia do inventário, como é que pode sustentar-se semelhante doutrina?

Nós não podemos acolher-nos à doutrina do prof. Ferrer Correia, porque esta doutrina parte do princípio de que o inventário é inválido, foi simulado. E assim, se porventura o inventário foi simulado, então aí o caso é diferente.

Mas se nós assentámos anteriormente que o inventário é válido, que a partilha é válida, que produz os seus efeitos, António Champalimaud tem na sua mão uma sentença a mostrar-lhe o caminho, e ele não pode invocar erro, porque esse erro — se o invocasse — era censurável na medida em que tinha uma sentença para determinar o seu comportamento.

É claro que — V. Ex.ªs perdoem-me se repiso este assunto — mas eu também aderiria à tese do prof. Ferrer Correia se anteriormente não tivesse chegado à conclusão de que o inventário era válido e que a cada um dos herdeiros pertencia um determinado número de acções, e que essa sentença foi indigitada a António Champalimaud e que ele tinha na sua mão todos os elementos para poder afirmar que essas acções eram dele e dos irmãos e não das tias.

Mas a coisa vinha de muito longe. Isto não foi preparado por qualquer pessoa.

Isto foi preparado por António Champalimaud, **o génio de António Champalimaud é que preparou isto tudo.**

Sobre isto V. Ex.ªs têm que formar uma convicção e o dolo só pode nascer através de uma convicção que V. Ex.ªs formem.

Porque V. Ex.ªs não podem estar dentro da consciência de António Champalimaud, do pensamento de António Champalimaud, para poder dizer que ele estava convencido disto ou daquilo. V. Ex.ªs têm de ver todo o comportamento de António Champalimaud, para verificarem se efectivamente é reprovável ou não o seu comportamento, pois saber se ele estava efectivamente convencido disto ou daquilo é um problema de facto que V. Ex.ªs têm de inferir através de todos os comportamentos de António Champalimaud.

Para mim, há dois elementos do processo que me impressionaram muitíssimo e para os quais eu nunca poderei encontrar explicação, que não seja efectivamente a de que havia por parte de António Champalimaud um convencimento e um conhecimento profundo de tudo quanto se passou.

(...) a que se limitou a aderir aos irmãos, ele quando pela primeira vez é ouvido leva logo para se defender as célebres declarações de quitação que V. Ex.ªs encontram no volume 30, a fls. 6752.

E reparem V. Ex.ªs: esta declarações são escritas pelos her-

Continua na pág. 19

DL/ESTRANGEIRO

Nixon vai pedir amplos poderes para proteger a indústria americana

O presidente Nixon vai hoje pedir ao Congresso amplos poderes para proteger a indústria americana da concorrência estrangeira, sempre que considerar necessário.

No momento em que os sentimentos proteccionistas se fazem sentir novamente, cada vez com mais intensidade, nos Estados Unidos, o presidente parece disposto a pedir uma autoridade quase discricionária para vedar o mercado americano aos produtos de países que, por seu turno, não abram o seu mercado aos produtos americanos.

Nixon salienta que o seu Governo precisa de dispor de liberdade de movimentos para elevar ou baixar as barreiras alfandegárias, de modo a poder negociar com total eficácia nas conferências internacionais de comércio que vão decorrer este ano.

Os Estados Unidos, a braços com um saldo negativo da balança de comércio externo pelo terceiro ano consecutivo, pretendem obter maiores concessões comerciais do Japão e dos países europeus.

O presidente precisa, primeiro, de obter do Congresso os poderes que lhe permitam negociar com esses países. Esses poderes estão contidos num projecto de lei — o «Trade Reform Act 1973» — que Nixon vai apresentar hoje aos dirigentes do Congresso durante uma reunião na Casa Branca.

O presidente também gravou uma mensagem para ser transmitida pela rádio e televisão a explicar ao povo americano a importância que atribui a essa legislação sobre o comércio externo.

Nomeadamente, Nixon pretende autoridade para impor cotas de importação limitando a entrada de produtos dos países que na, sua opinião, exerçam discriminação contra a indústria americana. Por outro lado, pretende poderes para negociar uma redução ilimitada das barreiras alfandegárias com os países que adoptarem procedimento recíproco, rompendo assim todas as restricções que anteriormente limitavam a acção presidencial neste sector.

Nixon, que tem afirmado repetidas vezes ser a favor do levantamento das restrições comerciais em vez do seu agravamento, espera não ser utilizar os poderes proteccionistas que solicita ao Congresso.

Esses poderes, que o Congresso deverá conceder-lhe, dado o actual clima favorável ao proteccionismo, destinam-se, no entanto, a servir de dissuasires perante os outros países, que serão forçados a fazer concessões para não sofrerem represálias.

Depois de ter desvalorizado o dólar por duas vezes, o que torna os produtos americanos mais competitivos nos mercados internacionais, o Governo dos Estados Unidos tenciona agora fazer pressão para que esses mercados se abram à indústria americana, dizem fontes ligadas à administração.

"Ponte aérea" americana para a capital do Camboja

PHNOM PENH, 10 (UPI/ANI/R/FP) — A Força Aérea dos Estados Unidos foi autorizada a estabelecer uma «ponte aérea» para transportar produtos derivados de petróleo para Phnom Penh — declarou um informador da Embaixada norte-americana na capital do Camboja.

O informador recusou-se a revelar mais pormenores, quer do estilo da operação quer da data do seu início, porque — salientou — «isso viria fornecer aos comunistas informações valiosas».

Todavia, disse ainda que a decisão tinha sido tomada devido à escassez dos fornecimentos de produtos derivados do petróleo que estavam a chegar a Phnom Penh através das vias normais».

Em círculos militares afirma-se ser provável que a «ponte aérea» seja realizada com aparelhos do tipo «C 130 Hercules», que possuem grandes reservatórios onde podem ser transportadas centenas de galões de gasolina, de «full oil» e de petróleo.

As principais vias de abastecimento da capital ou estão ocupadas em diversos troços por tropas comunistas ou não são seguras devido à presença de atiradores comunistas. A falta de produtos de primeira necessidade faz-se já sentir em Phnom Penh, mas a mais grave é a escassez de produtos derivados do petróleo. Todas as estações de abastecimento de combustível esgotaram já as suas reservas, apesar do rigoroso racionamento imposto pelo Governo.

Entretanto, tropas governamentais, apoiadas pela aviação norte-americana, reabriram a estrada nacional número quatro, que liga a capital ao porto de Kompong Som, 140 quilómetros a Sudoeste — anunciou o Alto Comando cambojano. Há três semanas que os comunistas ocupavam esta via.

Por outro lado, o general Alexander Haig, enviado especial do presidente Nixon, chegou hoje a esta capital cercada, a fim de apreciar os últimos acontecimentos na guerra do Camboja. A sua visita coincide com uma tentativa comunista de cortar as vias de abastecimento de Phnom Penh com o mundo exterior.

Oito navios conseguiram romper o bloqueio durante as últimas 48 horas, subindo o rio Mekong com abastecimentos vitais, mas dois outros foram atingidos e destruídos por fogo das baterias comunistas instaladas nas margens do rio.

O general Haig devia discutir esta manhã a situação com o presidente Lon Nol, antes de almoçar com o embaixador do seu país, Emory Swank, e outros funcionários americanos.

Entretanto, o príncipe Sihanouk fez um apelo a todos «os países e Governos estrangeiros, que desejam sinceramente facilitar o regresso da paz entre os Khmers», para que façam pressão sobre o presidente Nixon no sentido de este pôr cobro à «agressão» da aviação americana no Camboja e de deixar de se imiscuir nos assuntos internos desse país.

VAN THIEU EM LONDRES

LONDRES, 10 (UPI/ANI) — O presidente Van Thieu, do Vietname do Sul, chegou a esta cidade para uma breve escala, antes de partir para Bona. Funcionários do Ministério inglês dos Negócios Estrangeiros declararam que o visitante permanecerá em Londres algumas horas, mas salientaram não saber se vai conferenciar com elementos do Governo. Presume-se, no entanto, que se encontrará com Heath.

Van Thieu passou dois dias em Roma, tendo conferenciado com o presidente italiano Giovanni Leone e sido recebido em audiência por Paulo VI.

Situação explosiva no reino do Sikkim

GANGTOK, 10 (R.) — O Governo indiano, após assumir a administração do minúsculo reino do Sikkim, nos Himalaias, enfrenta hoje uma situação potencialmente explosiva.

Os elementos mais jovens dos grupos oposicionistas, que instigaram o movimento de reformas políticas no reino, encontram-se, segundo se afirma, ainda descontentes. Um grupo do Congresso da Juventude desfilou ontem nas ruas desta capital exigindo que o «chogyal» (governante) Palden Thondup Namgyal abdique imediatamente.

Funcionários indianos não têm ilusões acerca da tarefa delicada à sua frente. Observadores julgam que, embora o «chogyal» continue como chefe de Estado, não será mais, no futuro, do que uma figura decorativa.

Avtar Singh, um alto funcionário do Ministério indiano dos Negócios Estrangeiros, que se deslocou de avião a Gangtok quando a situação piorou na semana passada no protectorado indiano, declarou ao regressar a Calcutá que teriam de ser tomadas em breve decisões sobre reformas políticas.

Se essas reformas não fossem introduzidas poderia haver uma revolução no Sikkim — disse Avtar Singh.

Para a Índia, a continuação da agitação no Sikkim, um Estado-tampão junto à China, constituiria uma grande preocupação, segundo observadores.

A primeira tarefa que terá B. S. Das, que chega hoje para assumir o cargo de administrador principal, a pedido do «chogyal», é o de restabelecer a ordem num país que se encontra sem Governo virtualmente há duas semanas.

General Adelino Moura dos Santos

Faleceu com 65 anos na sua residência o sr. General Adelino Mendes Moura dos Santos. Nasceu em Lisboa em 30 de Julho de 1907, tendo ingressado na antiga Escola Militar com 19 anos onde completou o curso de Infantaria, em 1929 foi promovido a Alferes para o antigo Batalhão de Caçadores N.º 7 aquartelado no Castelo de S. Jorge onde permaneceu até 1934, já promovido a Tenente prestou serviço na G. N. R. até 1941 data em que foi promovido a Capitão e nomeado para prestar serviço em Angola onde se manteve até 1946. Ao regressar foi colocado no Batalhão de Engenhos na Amadora onde esteve até 1950 data em que foi promovido a Major. Prestou então serviço no regimento de Infantaria 4 em Faro e na Direcção de Arma de Infantaria, colocado na Arma de Infantaria N.º 1 em Lisboa ali foi promovido a Tenente-Coronel em 1955 e seguidamente nomeado comandante de Caçadores Vasco da Gama expedicionário do Estado da Índia onde permaneceu até 1957 data em que ascendeu a Coronel. Frequentou o curso de Altos Comandos em 1959/60. Tendo depois deste exercido as funções de 2.º Comandante desta Região Militar de Lisboa. Em 1961 quando do início do Terrorismo em Angola foi escolhido para 2.º Comandante desta região Militar e em seguida promovido ao posto de Brigadeiro. Regressando de Angola em 1963 desempenhou sucessivamente as funções de Director Adjunto da Instrução do Exército e Professor do Curso de Altos Comandos do Instituto de Altos Estudos Militares. Foi promovido a General em 1964 e em Abril de 1966 nomeado Governador Militar de Lisboa cargo em que se manteve até à sua passagem de situação de reserva em 30 de Julho de 1972. Possuía muitos louvores e inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras, sendo de salientar a medalha de Ouro de Serviços Distintos com Palma, e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Aviz.

O extinto, que era natural de Lisboa, deixa viúva a sr.ª D. Maria Raquel Neto de Carvalho Moura dos Santos, pai da sr.ª D. Maria da Graça Moura dos Santos Garcia Leandro casada com o sr. Capitão José Eduardo Martinho Garcia Leandro, avô das meninas Maria Alexandra e Ana Rita Moura dos Santos Garcia Leandro, irmão do sr. General Emílio Mendes Moura dos Santos e da sr. D. Branca da Conceição Mendes Moura dos Santos. O préstito fúnebre realiza-se amanhã às 11 horas, da Capela do Hospital Militar Principal para o Talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João.

Os serviços fúnebres estão à cargo da Funerária Lisbonense.

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

3.ª, 4.ª, 5.ª, às 19 horas 6.ª e Sábado, às 22 horas Domingo, às 16 e 22 h.

OH PAPÁ POBRE PAPÁ

A mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...

De ARTHUR KOPIT.

Marc. T. 677299—Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

D. CREMILDE DA CONCEIÇÃO MAGALHÃES DE AGUILAR

FALECEU

Aires Pereira da Rocha Aguilar e sua esposa Maria Emília Coimbra dos Santos Aguilar, António Carlos Cimbra dos Santos Aguilar e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu ente querido e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Igreja de S. João de Brito para o cemitério do Lumiar. Pelas 10,30 horas será rezada Missa de Corpo Presente.

ALFREDO MAGNO E JAIME GOMES, LD.ª

Avenida Almirante Reis, 129-A

Telef. 51586

CALEIDOSCÓPIO

A DINAMARCA REGRESSA À NORMALIDADE — Terminaram ontem as greves e os «lock-outs» que afectavam a Dinamarca desde 21 de Março. O conflito terminou com a aprovação de um projecto de compromisso elaborado pelo «conciliador» oficial. Este projecto estabelece novos contratos colectivos de trabalho de impõem a igualdade de salários para homens e mulheres. Durante os dois anos em que os novos contratos serão válidos, os salários sofrerão aumentos de 7,5 por cento, além do que será instaurada a semana de 40 horas de trabalho depois de Dezembro de 1974. (FP).

OPERAÇÕES NA RODÉSIA — Foi abatido um terrorista e capturados outros, durante as operações lançadas nestes últimos dias — anuncia em Salisbury um comunicado das forças de segurança. Mais uma loja pertencente a um proprietário africano, na zona nordeste, foi saquada e queimada — acrescenta a comunicação. Há dosi dias houvera um incidente do género na mesma zona. (UPI e ANI).

WALDHEIM VAI À ZÂMBIA — O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, tenciona visitar Lusaka, capital da Zâmbia, dentro em breve — declarou um informador do ONU. Desconhece-se a data da viagem. (UPI e ANI).

GREVE DE TIPÓGRAFOS — Grandes áreas da Alemanha Ocidental não terão jornais hoje devido a uma série de graves não oficiais dos tipógrafos. O sindicato dos tipógrafos disse a noite passada que mais de 60 jornais não se publicarão hoje. Este número representa cerca de um terço dos principais diários da Alemanha Ocidental. (R).

BOMBA NUMA IGREJA — Uma igreja católica em Larne, a 32 quilómetros ao norte de Belfast, ficou severamente danificada pela explosão de uma bomba às primeiras horas de hoje. A bomba foi colocada num portal, fora do templo. A deflagração estilhaçou janelas de vitrais e causou estragos no interior da igreja. Foi o terceiro ataque contra a Igreja da Sagrada Família em Lower Ballygowan desde que começou a agitação na Irlanda do Norte, em 1969. (R.).

PERÓN VISITARÁ O BRASIL — O vice-presidente eleito da Argentina, Vicente Solano Lima, ao passar no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, anunciou a visita do antigo presidente Juan Perón ao Brasil. Solano Lima, que seguia de Madrid para Buenos Aires, declarou que Perón virá ao Brasil para obter a desão «a uma política continental, que defenda a América Latina da agressão económica e do imperialismo internacional». E acrescentou: «a política idealizada por Perón visa estabelecer um bloco político-ideológico na América Latina, com a participação de todos os Governos». (UPI-ANI).

MORREU JOSEF PAVEL — Josef Pavel, ministro do Interior checoslovaco no regime liberal de Alexandre Dubcek de 1968, faleceu ontem — informaram fontes dignas de crédito. Pavel, que contava 64 anos, foi uma das figuras principais nas mal sucedidas tentativas de Dubcek para introduzir reformas liberais, as quais levaram à invasão da Checoslováquia, em 1968, por tropas do pacto de Varsóvia.

Pavel conseguiu limpar o seu Ministério de funcionários que usavam meios ilegais de investigação, mas foi obrigado a demitir-se 10 dias após a invasão. (R.).

CAIU UM AVIÃO COM 148 PESSOAS

BERNA, 10 — (R) — Um avião britânico fretado despenhou-se hoje perto de Hochwald, próximo de Solothurn, no noroeste da Suíça, com 139 passageiros e 9 tripulantes a bordo. Segundo a agência noticiosa Suíça ATS, o acidente não teria feito mortos, mas apenas feridos.

DL/ESTRANGEIRO

O corpo de Picasso levado secretamente para Vauvenargues

MOUGINS (França), 10 (UPI/ANI) — A família de Pablo Picasso levou secretamente o seu corpo da vivenda onde se encontrava para o sepultar na cripta do castelo que o pintor possuia em Aix-en-Provence, a 100 quilómetros de distância — revelou um funcionário da agência funerária.

Quando o corpo foi depositado na capela particular do castelo de Vauvenargues apenas se encontravam presentes a viúva, Jacqueline, de 46 anos, o único filho legítimo de Picasso, Paolo, e uma sobrinha natural de Espanha, Dolores Vilato-Ruiz.

O informador da agência funerária salientou que não houvera cerimónia fúnebre e acrescentou:

«O pintor está sepultado na cripta do seu castelo. A família recebeu autorização para levar o corpo para lá».

HOMENAGEM NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 10 (F.P.) — A Imprensa brasileira prestou larga homenagem a Pablo Picasso, cuja fotografia ocupa a primeira página dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O «Jornal do Brasil» consagra duas páginas inteiras à evocação do grande pintor, que «deixou a imagem de uma vitalidade transbordante e indisciplinada». Para o «Jornal da Tarde», de São Paulo, a sua obra constitui «uma revolução permanente na arte». «Picasso morreu — acrescenta o jornal — mas terá ele realmente desaparecido82

Um grupo de artistas brasileiros dirigiu um telegrama de condolências ao Governo francês e ao presidente de um país «onde o pintor encontrou atmosfera propícia para se poder tornar um génio admirado no mundo inteiro».

ARLEQUIM A CHORAR

CIDADE DO MÉXICO, 10 (F. P.) — Também os jornais mexicanos descrevem a vida e a obra de Picasso. O «Excelsior» reproduz na primeira página o «Arlequim», de 1923, que o desenhador Marino faz chorar. Na mesma página, uma fotografia de Picasso destaca-se sobre um pormenor de «Guernica».

«MULHER NUA»

WASHINGTON, 10 (F. P.) — A National Gallery de Washington anunciou, um dia depois da morte de Picasso, que adquirira um dos grandes quadros da época cubista do pintor. O quadro, «Mulher Nua», será exposto ao público amanhã, pela primeira vez.

A compra foi efectuada por intermédio de um comerciante suiço pela Fundação Alison Mellon Bruce. O preço não foi revelado mas corre o boato de que custou um milhão de dólares, o que seria um recorde para Picasso.

O quadro foi pintado por Picasso em 1910 na aldeia catalã de Cadaques, onde o pintor e a sua amiga Fernande Olivier passaram o Verão.

Em 1939, o quadro fazia parte da colecção da sr.ª Merci Callery de Nova Iorque. Em 1960 teria pertencido ao casal Dei Angeli de Milão.

editorial estúdios cor

«O Povo Científico», disse o viajante no tempo, sabe muito bem que o *tempo* é só uma variedade do *espaço.*
«Há muito teve um vago pressentimento da possibilidade de uma máquina que pudesse viajar indiferentemente em qualquer direcção do *espaço* e do *tempo* como o condutor determinar...»

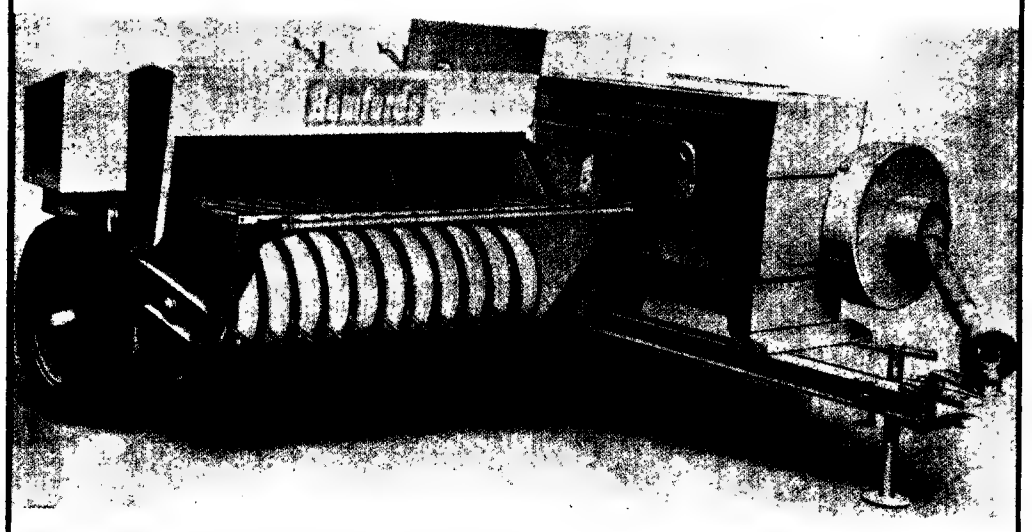
a máquina do tempo

Eis a história fantástica que H. G. WELLS, um dos gigantes da literatura inglesa e mundial do nosso século, nos descreve neste livro, admirável expoente da literatura de ficção científica.

COLECÇÃO **MOCHO** N.º 11 — 40$00

editorial estúdios cor s.a.r.l.
Rua João Pereira da Rosa 20-A Lisboa 2 Tel. 328889

ENFARDADEIRAS Bamfords



BL49, BL58, BL62. ATADORES DE ARAME OU CORDEL, OU AMBOS, INTERMUTÁVEIS
CORTA FORRAGENS E ESPALHADORES DE CHORUME DA MESMA MARCA

A MELHOR ASSISTÊNCIA PARA A MELHOR ENFARDADEIRA
GRANDE STOCK DE PEÇAS

TRACTORES SAME E HOLDER, CEIFEIRAS DEBULHADORAS ARBOS, CORTA-FORRAGENS ESPALHADORES DE CHORUME, REGA POR ASPERSÃO SEPPIC, ALFAIAS DIVERSAS, ADUBOS, BATATA DE SEMENTE, PESTICIDAS, INSECTICIDAS, ETC...

SOCIEDADES REUNIDAS REIS S.A.R.L.

FILIAIS EM: BEJA, CHAVES, FARO, MATOZINHOS, PAMPILHOSA, SACAVÉM, SANTARÉM
ROSSIO, 102, 1º LISBOA · TELF: 362521/2/3
AGENTES EM: CABECEIRAS DE BASTO, BRAGANÇA, EVORA, LEIRIA, TORRES VEDRAS
TIMBRE
DELEGAÇÃO - PORTO - RUA FERNANDES TOMÁS, 565-573

HERDADE COUTADA

Muita caça todas as espécies, boa casa antiga de habitação, muitos cómodos, telefone e estrada alcatroada. Caça a patos, pesca e desportos náuticos em grande barragem. Fica a pouco mais de uma hora de Lisboa de automóvel. Óptima para férias, fins-de-semana e bom rendimento seguro. Pode interessar a empresa turística, grupo amigos ou só para uma pessoa. Preço 12.000 contos, sujeito a oferta, vendo ou troco por terrenos ou casas para demolir nas cidades de Lisboa, Setúbal ou Porto ou nestes 3 distritos. Trata o proprietário. Carta para apartado 1.048, Lisboa-1.

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Abril 23 e 29
Maio 6, 13, 20 e 27
Junho 3, 10, 17 e 24

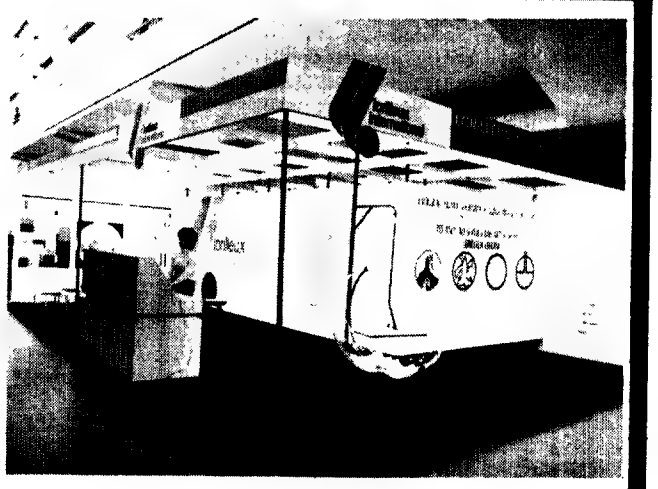
PREÇO EXCEPCIONAL 3050$

INCLUINDO:
- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
- TAXAS HOTELEIRAS
- ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu

PREÇO PARA JOVENS 2750$

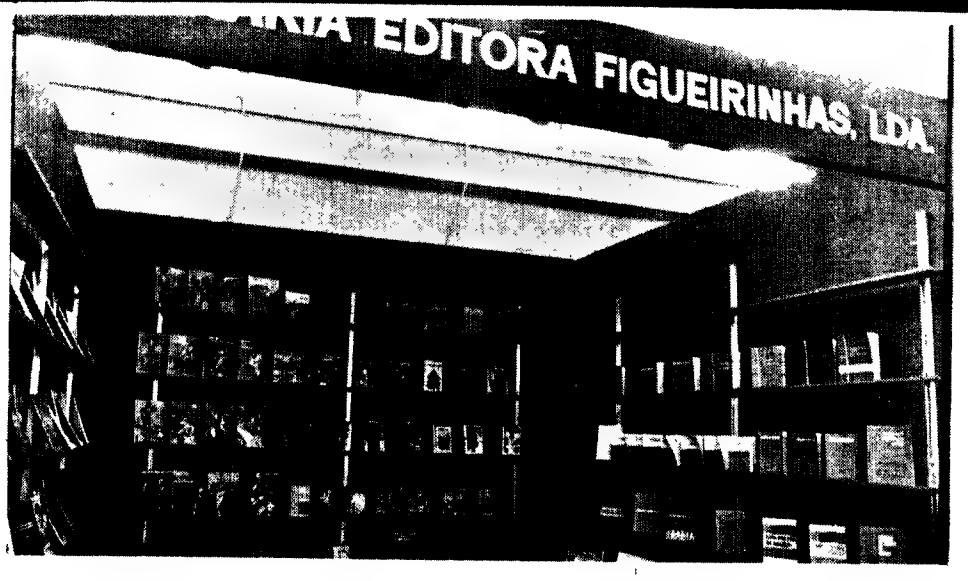
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (13 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (13 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27001/27002



Lorilleux—Le Franc

O NOSSO FORNECEDOR DE TINTAS DE IMPRESSÃO



LIVRARIA FIGUEIRINHAS

EM EXPOSIÇÃO DICIONÁRIO DAS LITERATURAS PORTUGUESA/ /GALEGA E BRASILEIRA, DE PRADO COELHO.
DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL, DE JOEL SERRÃO.
HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL.

VISITE O STAND N.º 401

FILGRÁFICA 73

INSTITUTO NACIONAL DEL LIBRO ESPAÑOL

1.000 EDITORES
FERRAZ, 11

——

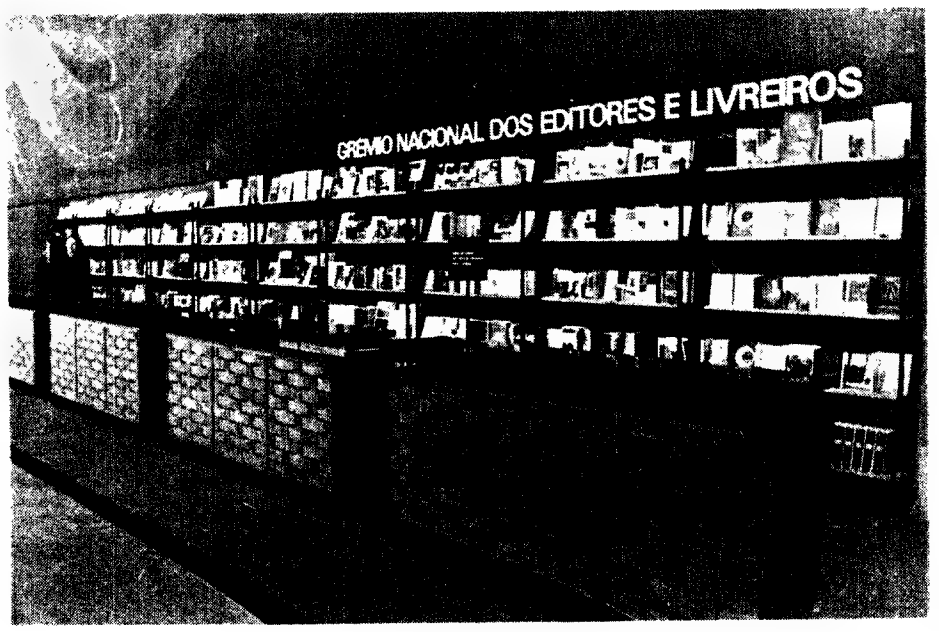
5.000 LIVROS
MADRID - 8

PRESENÇA NA FIL GRÁFICA 73
DE 7 A 15 DE ABRIL

RAUL DE ALMEIDA NUNES, LDA.

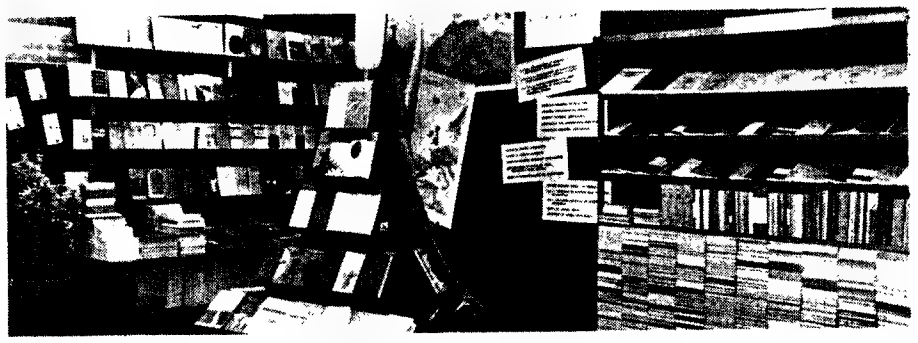
IMPORTADOR - DISTRIBUIDOR
DE ARTIGOS PARA FELICITAÇÕES

Convida os seus clientes a visitarem a s/ exposição no STAND N.º 419/424
(Junto do Stand da Imprensa Nacional, na Galeria Central)



VISITE O NOSSO STAND
NA FILGRÁFICA

LIVRARIA PORTUGAL



REPRESENTA OS ORGANISMOS ABAIXO DISCRIMINADOS:

NACIONAIS

Academia Nacional de Belas-Artes
Academia Portuguesa da História
Arquivo Histórico Ultramarino
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Associação Industrial Portuguesa
Centro de Estudos Geográficos
Centro de Estudos Históricos
Centro de Estudos Históricos Ultramarinos
Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar
Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra
Edições Ocidente — Revista de Portugal
I. I. C. A. (Instituto de Investigação Científica de Angola)
I. N. I. I. (Instituto Nacional de Investigação Industrial)
Junta da Acção Social
Sociedade de Língua Portuguesa

ESTRANGEIROS

O. C. D. E. — Organisation de Coopération et de Développement Économiques
U. N. E. S. C. O — Organisation des Nations Unies pour l'Éducation, la Science et la Culture
S. E. V. P. E. N. — Services d'Édition et de Vente des Productions de l'Éducation Nationale — FRANÇA

STAND N.º 394/97

SKIVERTEX

LUÍS SOARES (Sobrinho)

RUA IGREJA DE CEDOFEITA, 27
Telef. 36625 — PORTO

FILGRÁFICA 73

S. T. A. G. — Sociedade Técnica de Artes Gráficas, Lda.

LISBOA — PORTO — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

FORNECEDORES DE TODA A GAMA DE MÁQUINAS, EQUIPAMENTO E MATÉRIAS PARA A INDÚSTRIA GRÁFICA

POLÓNIO BASTO & C.ª

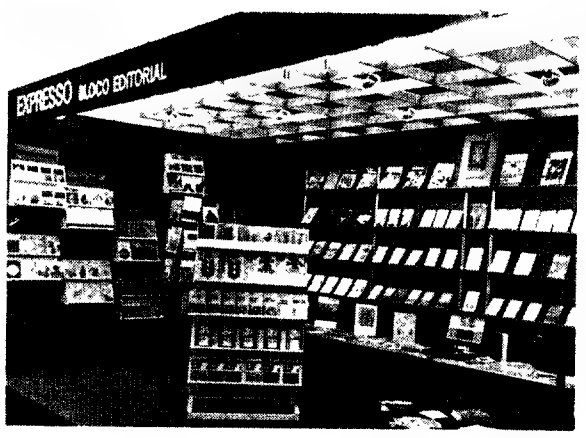
PORTO — LISBOA — LUANDA

HÁ 50 ANOS A SERVIR AS ARTES DE IMPRIMIR

ASPECTO GERAL DO STAND

GRAFOPEL — Monteiro & Barquinha

ONDE APRESENTAM UMA VARIADA GAMA DE MÁQUINAS GRÁFICAS COM PARTICULAR RELEVO NOS SECTORES DE **OFFSET**, ENCADERNAÇÃO E FORMULÁRIOS **SNAP-OUT**



Visite o Nosso STAND N.º 463 na FILGRÁFICA

EXPRESSO BLOCO EDITORIAL

Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B

O LIVRO É UM PRAZER ● É UMA FERRAMENTA ● É UM CAMARADA

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO, LIVROS HORIZONTE. PRELO EDITORA, EDITORA PRESENÇA, ESTÚDIO COR EDIÇÕES DELFOS, SEARA NOVA, EDIÇÕES 70, ODDEON — DIFFUSION.

LIDEL EDIÇÕES TÉCNICAS, LIMITADA

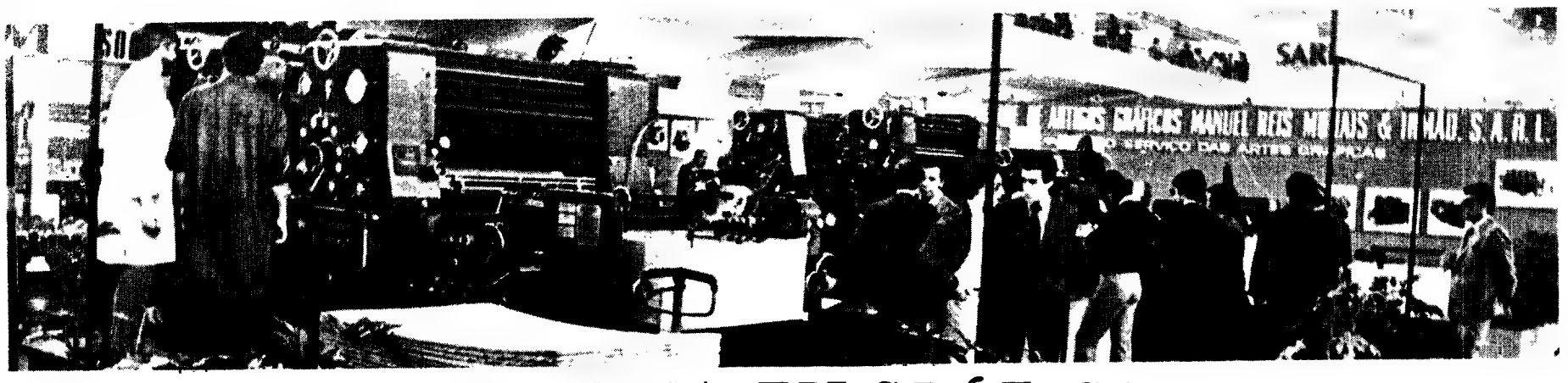
Av. Praia da Vitória, 14-A — Telef.: 5 48 98

Distribuidores de LIVROS: FRANCESES DE MEDICINA, CIRURGIA, ENGENHARIA, INFORMÁTICA, DIREITO, ECONOMIA, AGRICULTURA e REVISTAS TÉCNICAS

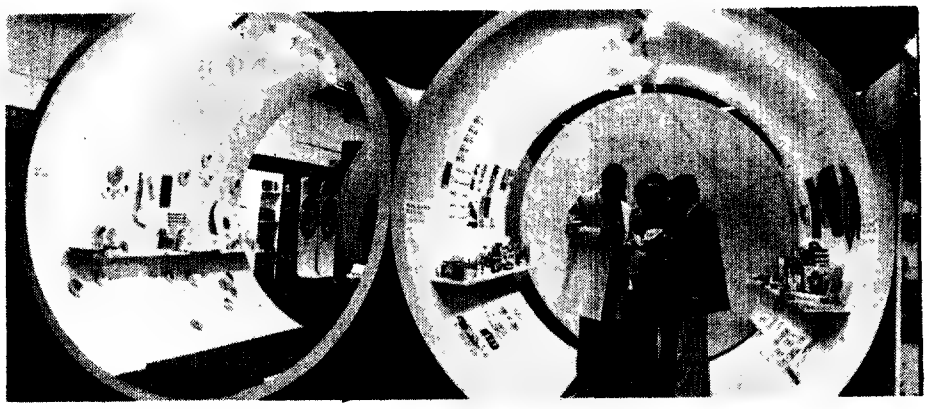
Visite o Stand da MODERN OFFICE

ONDE SE ENCONTRA EXPOSTA TODA A SUA GAMA DE EQUIPAMENTOS PARA ARTES GRÁFICAS

FILGRÁFICA 73



VISITE NA FILGRÁFICA
O STAND DA
Sociedade de Artigos Gráficos
MANUEL REIS MORAIS & IRMÃO, S. A. R. L.



CESTUCOL - CENTRO DE ESTUDOS E REALIZAÇÕES COMERCIAIS, LDA.

ESCRITORIOS EDIFICIO AVIS-13 ° A
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 35
LISBOA-1 PORTUGAL
TELEFONE 4 91 03 — TELEGRAMAS CESTUCOL

SARRIÓ
AO SERVIÇO
DAS ARTES GRÁFICAS
E DA INDÚSTRIA PORTUGUESA

Stand da PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA., uma das mais antigas livrarias editoras, pois comemora este ano o seu 125.° Aniversário.

Entre as suas principais actividades editoriais destacam-se a reedição de obras de Camilo Castelo Branco, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, Wenceslau de Morais, Alberto Pimentel e Mário Braga. Na sua «Colecção de Literatura Universal» foram publicados «AS DELÍCIAS», de Jacques Laurent (Prémio Goncourt-1971), «O TEMPLO DOURADO» de Yukio Mishima (O último Samurai do Sec. XX), e «O ROMANCE TEATRAL» de Mikail Bulgakov, o grande escritor russo da era estaliniana.

Estão prestes a vir a público: «O GAVIÃO LOUCO», de Jean Carriére, (Prémio Goncourt-1972) e «CARTA ABERTA ÀS VÍTIMAS DA DESCOLONIZAÇÃO», de Jacques Soustelle. Também está em curso a publicação das obras completas de Almeida Garrett e uma colecção de obras sobre «Administração e Informática».

DL/NACIONAL

O caso da herança Sommer

Continuação da pag. 13

deiros uns aos outros, no sentido de declararem que nada mais têm a receber uns dos outros por motivo da herança, excepto os valores que envio.

V. Ex.as são magistrados e têm prática da vida.

V. Ex.as têm explicação para que herdeiros, sobretudo uma menor como foi a minha constituinte Maria Ana vá mais tarde passar uma declaração a todos os outros herdeiros a dizer que nada mais tem a receber excepto isto que aqui se diz nestas declarações?

V. Ex.as admitem qualquer explicação para que os outros herdeiros escrevam a ela também no mesmo sentido?

São as célebres declarações de 31 de Março de 1948. Lá que se dissesse à cabeça-de-casal, lá que se dissesse ao possuidor dos bens que os racionou: — já não tenho mais nada a receber, estou pago e satisfeito, já nada mais tenho a receber da herança. Não. Aqui são os herdeiros a passar declarações uns aos outros dizendo que não têm mais nada a receber da herança, a não ser aquilo que destas declarações consta.

Porque é que foram passadas estas declarações?

Eu não mostro a minha surpresa só por este facto. A minha surpresa é maior: Porque é que António Champalimaud tem nas suas mãos todas estas declarações inclusivamente aquelas que a ele não foram dirigidas snrs. juízes?

Porque é que António Champalimaud tem na sua mão as declarações que foram dirigidas ao Henrique?

Porque é que António Champalimaud tem na sua mão as declarações que foram dirigidas a Carlos?

Porque é que António Champalimaud tem na sua mão as declarações que foram dirigidas a Maria Ana? E as que foram dirigidas à prima?

Lá que ele tivesse na sua mão as declarações que a ele foram dirigidas, compreende-se!

E realmente uma quitação que ele tem em seu poder para provar de hoje para amanhã que ele tem esses documentos «nada mais me podes pedir a mim».

Mas não. António Champalimaud tem na sua mão estes documentos pertencentes a todos os herdeiros. E tem-nos para apresentar no preciso momento em que é chamado a prestar contas a respeito da herança de seu tio Henrique de Araújo Sommer.

Estes documentos, aliados à carta falsa de 18 de Agosto de 1944, que tantas vezes aqui foi referida, estes documentos aliados àquela carta relativa ao empréstimo a Montez Champalimaud que nunca apareceu o original, todos estes papéis não significam o engano em que ele precisou de manter os seus irmãos a respeito da herança de seu tio Henrique Sommer?

UM ARSENAL DE DOCUMENTOS PARA UMA JUSTIFICAÇÃO CONVINCENTE

A consciência de V. Ex.as há-de notá-lo. Mas, a coisa não fica por aqui, snrs. juízes, a coisa não fica por aqui: António Champalimaud prepara-se ao longo do processo com um tal arsenal de documentos, que realmente qualquer pessoa que não tivesse um conhecimento daquilo que poderia acontecer não os teria guardado, mesmo os documentos que a ale não lhe diziam respeito para vir tentar uma justificação. E uma justificação de tal ordem que levou um homem inteligente, um homem sabedor, um homem competente como é o digno representante do Ministério Público acreditar que os irmãos de António Champalimaud têm a consciência e a convicção que as acções tinham sido transferidas para as tias.

Mas perante este génio, perante todos esses artifícios, não para a entrega, mas artifícios posteriores, bem poderia acontecer, snrs. juízes, que através desses artifícios posteriores ele tivesse conseguido que os irmãos se convencessem até que as acções se transmitiram às tias.

Mas que importância tem isso?

Eles não estão aqui para responderem perante V. Ex.as por terem ficado com as acções do tio Henrique. Quem ficou com elas foi António. António é que tem de provar a V. Ex.as e é que tem perante V.Ex.as de procurar desfazer todo este artificialismo posterior que ele engendra para arranjar uma justificação. A justificação é ele quem a tem de demonstrar, não são os assistentes.

O DOLO INTENSÍSSIMO

Portanto, enquanto se mantiver de pé o inventário que adjudicou as acções aos meus constituintes, António Champalimaud não pode negar perante V. Ex.as que efectivamente procedeu sem dolo, porque esse dolo é intensíssimo como chegou a aventar o digno representate do Ministério Público.

E é intensíssimo em face de toda esta papelada.

Escuso de me preocupar até, srs juízes com a análise que o digno representante do Ministério Público fez da célebre pretensa cópia da pretensa carta que tão profundamente ele analisou.

Porque efectivamente Carlos Champalimaud até podia estar convencido nessa altura em que se lhe atribui a feitura dessa pretensa cópia dessa pretensa carta que efectivamente as acções eram das tias. Porquê?

V. Ex.as não viram aqui as declarações de Henrique e as declarações do Carlos, em que António dizia agora uma coisa logo outra, a respeito das acções para os trazer envolvidos no engano acerca da propriedade dessas acções?

V. Ex.as lembram-se da D. Maria José Azevedo Gomes que contou a V. Ex.as uma cena passada com o pai, em que o Henrique lhe referiu que efectivamente as acções haviam sido deixadas pelas tias e que havia o problema da concentração dessas acções nas mãos deles, por virtude de qualquer casamento que fizessem tanto a irmã como a prima e que até se pensaria em compensá-las com outros bens.

Mas, averiguar o convencimento dos assistentes acerca da propriedade das acções não interessa srs. juízes. Interessa sim, averiguar qual seria o convencimento do António a respeito da propriedade dessas acções.

E eu creio que V. Ex.as não podem deixar de concordar que ele procedeu com dolo, em face da sentença proferida no inventário.

PORTANTO EU PEÇO A CONDENAÇÃO DE ANTÓNIO CHAMPALIMAUD

Seguiu-se o intervalo de cerca de 30 minutos, findo o qual o dr. Rocha Rodrigues, advogado de Henrique Champalimaud solicitou ao Tribunal para começar amanhã as suas alegações que durarão, segundo ele, somente uma sessão.

O Tribunal, depois de consultar o dr. Manuel João da Palma Carlos, um dos advogados de António Champalimaud, deu a sua aquiescência, pelo que o Caso da Herança Sommer, prosseguirá hoje pelas 15.00 horas, como tem vindo a ser habitual.

STAND MODERNO

R. JOÃO SARAIVA, 15 • AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A

O CONCESSIONÁRIO Ford PARA O SERVIR!

VISITE-NOS E CONTE COM A EXTREMA ATENÇÃO DOS NOSSOS VENDEDORES

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Vem aí
o Mercado Comum
-os dois grandes europeus
já cá estão!
Ford Consul
Ford Granada

O Ford Consul é uma força em elegância. Em espaço. Em mecânica avançada. E tem caixa de velocidades assombrosamente suave. O Ford Granada, você sonhou-o — nós fabricámo-lo. Tem tudo. Pneus mais largos. Jantes desportivas. Faróis de nevoeiro. Assentos anatómicos. Ar quente e frio também para quem vai atrás. Incrustrações em madeira. E ambos com travões de disco e servo-freio. Ambos com suspensão independente às quatro rodas para mais aderência, para mais estabilidade, Segurança total. 2 produtos da Ford Alemã. Diga à sua secretária para ligar para o seu concessionário Ford. Marque a hora que mais lhe convier.

Versões: 2 e 4 portas
Station

CEBA-NCK

PAI, COMPRA UM CARRO MUITO MUITO MUITO SEGURO!

Ford à frente!

J. Mendes Coelho, Lda.

O SEU CONCESSIONÁRIO Ford

CONSULTE-NOS

R. GOMES FREIRE, 7 C
TELEF. 53 98 01
LISBOA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A
TELEFS. 3 11 24 3 11 37

DL/DESPORTOS

O rāguebi português de vento em popa

A selecção portuguesa de râguebi está a conhecer uma evidência que só os mais optimistas previriam e que pode ainda alargar-se mais se continuarem a trabalhar como até aqui, no duro e entusiasticamente. Com efeito, após haver batido a Itália, em Coimbra, por 9-6, o «quinze» luso foi à Jugoslávia empatar com o seleccionado local, conquistando o direito à fase seguinte do campeonato da Federação Internacional de Râguebi Amador (F. I. R. A.).

No regresso da sua viagem para Portugal, o grupo treinado por Pedro Cabrita e César Pegado trava um duelo particular e oficializado com a Suíça, que está a despertar enorme entusiasmo entre os adeptos helvéticos da modalidade da bola oval.

O jogo com a Jugoslávia efectuou-se em Markarska e foi arbitrado pelo francês Gerard Chardon. Presenciaram-no quatro mil pessoas, tendo as duas equipas alinhado:

JUGOSLÁVIA — Grubisic; Franceceski, Kovac, Arambasic e Jajcecic; Armanda e Ivanisevic; Karic, Rnjak e Bartolic; Milat e Bjelanovic; Razic, Protega e Staklcic.

PORTUGAL — Nuno Lince; Briz, Spínola, Cardoso, Pinto e Fonseca e Costa (P. Lince); Nobre e Minhoto; Campelo, Gonçalo e Gaspar Ramos (Neto); Raul e Ramos; Vítor Pereira, Duque e Serpa Pimentel.

O resultado final foi um empate de 3-3 e Portugal esteve a ganhar até cinco minutos do fim. Os três pontos portugueses foram obtidos por Nuno Lince, logo aos cinco minutos de jogo, na transformação de um pontapé de penalidade à entrada da área dos 22 metros. O restante período de jogo foi uma luta constante e difícil entre a melhor técnica e noção de jogo dos portugueses e o entusiasmo, a força e a vibração dos jugoslavos. O embate surgiu na transformação de uma penalidade, concretizada por Bartolic e nascida numa falta de Minhoto, dentro da área dos 22 metros.

Resta-nos agora defrontar a Polónia (que anteontem perdeu com a Checoslováquia por 6-16 mas se classificou graças ao triunfo de 23-9 na primeira mão) estando já os dois jogos marcados: 22 de Abril na Polónia e 13 de Maio, em Lisboa. Portugal venceu o Grupo «B» e a Polónia o Grupo «A». O vencedor destes dois jogos entra na fase mais importante da prova, emparceirando com as algumas grandes potências do Râguebi europeu, mais exactamente, a França, Romenia e Espanha.

FUTEBOL

Naufrágio do Barcelona no campeonato espanhol

Madrid, 10 (Por Tomas Arguello, da EFE - Exclusivo da ANI em Portugal) — A surpresa sensacional da vigésima oitava jornada da liga espanhola — entre as várias supresas que se registaram — foi constituida pelo rotundo 4-0 do Vastellon ao Barcelona, conseguido num jogo em que os barcelonistas naugrafaram de tal forma que chegaram ao maior ridículo de que há memória há muito tempo, num campo de futebol.

Quatro golos são demasiado, sobretudo sofridos por um grupo que aspira ao título, sem que sirva de paliativo o facto de o Castellon estar a ser a equipa-revelação da Liga.

O jogo, praticamente, não teve história. Desde o primeiro minuto o Castellon impôs-se a um Barcelona que chegou a actuar com nove defesas e centro campistas que não souberam defender-se nem marcar os seus respectivos pares.

Naugrafaram, essa é a palavra exacta, diante da esmagadora acometida do Castellon. Outra surpresa registou-se no Gijon-Atlético de Madrid. Ganhavam os locais por 2-0, já no segundo tempo, quando se deu a reacção do grupo madrileno, soberba e também esmagadora.

Os restantes resultados não surpreenderam: a Real Sociedad venceu o Corunha (2-0) e o Atlético de Bilbau derrotou o Valência (2-0). Só o Celta cedeu um empate, no seu terreno, ao receber o Granada (0-0).

À medida que o Barcelona ia encaixando os golos, o Atlético de Madrid não só os descontava, como conseguia impor-se, no último minuto, logrando um triunfo (3-2) que lhe dá o máximo de pontos, juntamente com o Espanhol, fácil vencedor de Oviedo.

Mais uma surpresa: o empate, no sábado, do Real Madrid perante o Bétis, o que deixa os madridistas a um ponto do trio do comando.

O Real, preocupado com o jogo de quarta-feira, na Taça dos Campeões Europeus, com o Ajax da Holanda, não conseguiu impor-se ao Bétis, que lutou com desespero e obteve um merecido empate, a um golo.

No comando, escalonados segundo a «goal-average» estão: Espanhol (38 pontos e 8 positivos), Barcelona (38 e 12) a Atlético de Madrid (38 e 12). No fundo da tabela, Burgos (21 pontos e 7 negativos), Corunha, Celta e Betis (22 pontos e 6 negativos) e Oviedo e Gijon (24 e 4).

Como se vê, o campeonato da liga está emotivo, tanto para o título como para a sobrevivência.

A liga prossegue no próximo domingo, dia 15, com os seguintes jogos da 29.ª jornada: Burgos - Real Madrid; Bétis - Espanhol; Oviedo - Atlético de Bilbau; Valência - Real Sociedad; Corunha - Malaga; Saragoça - Celta; Granada - Castellon; Barcelona - Gijon; Atlético de Madrid-Las Palmas.

Amâncio, placado pelo pescoço, é o símbolo do jogo da sua equipa, o Real Madrid: lutou, lutou, mas não conseguiu desfazer o empate com o Bétis, em vésperas do sensacional embate da Taça da Europa, com o Ajax.

AMÉRICA DO SUL

O Paraguai e o Peru empataram a uma bola num encontro internacional de futebol disputado em Assunção perante quinze mil espectadores.

Ao intervalo o Paraguai vencia por 1-0, tento obtido por Maldonado. O golo da igualdade foi marcado por Sotil a dois minutos do termo da partida.

No Brasil, prosseguiram os campeonatos estaduais, com os resultados da quarta jornada.

No Rio de Janeiro: Vasco da Gama-Fluminense 0-0; Bom Sucesso - Campo Grande 2-0; Botafogo - Madureira 3-2.

AGÊNCIA ADPEU PASSAPORTES Av. Liberdade, 166

O PRÓXIMO CONCURSO-Nº 32

SÓ JOGOS DAS I E II DIVISÕES O "PRATO IDEAL" DOS APOSTADORES

De novo o «**Prato ideal**» dos gostadores, que são os jogos das I e II Divisões. Nesta altura da época, em que as posições começaram a definir-se, todos os jogos são difíceis, pois a maioria dos clubes ainda aspira a posição de honra ou luta desesperadamente para fugir às zonas de «**terrenos escorregadio**», onde se pode tropeçar e cair na II Divisão, para uns, ou na III, para outros.

Neste calendário há de tudo um pouco, mas os jogos entre últimos — e há alguns — são os mais dramáticos e aqueles em que se torna mais difícil estabelecer um prognóstico, porque, muitas vezes, alguns clubes vão buscar reservas de energia e coragem e causam as tais surpresas que fazem do TOTOBOLA um divertimento cheio de **suspense** e cada vez com maior interesse e expectativa.

Vejamos os jogos um por um:

1 - CUF (8.º 24) - UNIÃO DE COIMBRA (14.º-15) — Apesar da CUF ser um clube que tem muitas derrotas em casa (nada menos de cinco nos doze jogos que aí disputou!), não parece poder ser o União de Coimbra, em situação muito difícil e com um calendário final que oferece muito más perspectivas a desfeiteá-la. O moral dos rapazes de Coimbra deve ser, infelizmente, muito baixo e não se acredita que possam ganhar qualquer ponto no campo do Lavradio.

2 - BEIRA-MAR (13.º-19) - SPORTING (3.º-29) — O Beira-Mar corre ainda sérios riscos, mas o Sporting, além de ter uma posição, com «**aspirações**» **europeias**», a defender, é um clube que não se perturba fora. Coisa curiosa: O Sporting tem mais derrotas em casa (4) do que fora (3)! Vai ser um jogo difícil e o Beira-Mar, que não pode perder mais pontos em casa, é bem capaz de «**bater o pé**» e não sair derrotado! E jogo para empate.

3 - LEIXÕES (9.º-24) - BELENENSES(2.º-24) — OLeixões é um dos três clubes exactamente do meio da tabela (que não podem **descer**, nem têm aspirações) e, por isso, recebe o Belenenses com total descontracção; por seu turno, o Belenenses, que tem começado a «**oscilar**» neste final de Campeonato, precisa manter a posição prestigiada do segundo lugar, que conquistou e reforçou desde o início do Campeonato. Mas, mesmo assim, acredita-se na vitória do Leixões ou, pelo menos, no empate. A vitória com que eliminou o Benfica, na «Taça», deve ter sido moralizadora.

4 - MONTIJO (10.º-20) - SETÚBAL(4.º-29) — Jogodecisivo, principalmente, para o Vitória, que precisa de arrancar, pelo menos, um ponto para estabilizar as sérias pretensões que tem em relação a participar nas competições europeias. São vizinhos e Setubal irá em peso ao Montijo. O clube visitado, está quase afastado de perigo e por isso, não vai disputar um jogo de «**vida ou morte**». Acredita-se na vitória dos setubalenses ou, pelo menos, na conquista de um ponto.

5 — ATLÉTICO (16.º-11) -PORTO (5.º-28) — Teoricamente, este jogo não deve ter história, porque o Futebol Clube do Porto atravessa uma fase de forma e de euforia, pela maneira como fez frente ao Benfica e, além disso, tem um calendário de final de época que lhe é extremamente favoravel. No entanto, precisa desta vitória para «**caminhar**» mais firme com vista às conpetições europeias; o Atlético, já nada o pode salvar. Vitória, portanto, do Futebol Clube do Porto.

6 - FAMALICÃO (10.º-21) — BRAGA (3.º-29) — O Braga tem sérias pretensões ao segundo lugar da zona Norte, que é aquele que oferece, com a «**liguilla**», possibilidade de ainda subir à I Divisão; o Famalicão ainda está em zona de perigo, pois há nada menos de três clubes com 21 pontos, entre os oito últimos desta zona. Quer isto dizer que é de esperar luta ardorosa de parte a parte, em que o Braga deve levar vantagem, porque é mais importante para ele ganhar do que para o Famalicão perder. Espera-se portanto uma vitória do Braga.

7 - PENAFIEL (14.º-19) — RIOPELE (6.º-25) — Dificilmente o Riopele poderia ainda aspirar ao segundo lugar e isso pode facilitar a vida ao «**ameaçado**» Penafiel, que está apenas a um ponto do penúltimo, mas a dois do décimo. Quer isto dizer que se o Penafiel ganhar sobe consideravelmente e pode afastar-se da «**zona quente**». Vai ser um jogo difícil, mas acredita-se que o Penafiel ganhe um ponto ou vença mesmo o desafio.

8 - COVILHÃ (12.º-21) — VARZIM (2.º-30) — O Varzim, certamente com saudades da I Divisão, conseguiu chegar ao 2.º lugar, mas sente-se perseguido pelo Braga, Fafe e, até, pelo Gil Vicente! E certo, também, que o Covilhã ainda não está livre de perigo. Trata-se de um dos tais em que o prognóstico garantido seria uma «tripla», mas acredita-se que o Varzim, fortemente moralizado pela sua ascensão ao segundo lugar, não vá deixar fugir o «**pássaro que tem na mão**» e que, por isso, ganhe o jogo.

9-UNIÃO DE LAMAS (15.º-18) — SALGUEIROS (13.º-20) — Este é um dos tais jogos em que dois «**desesperado**» vão digladiar-se em favor de terceiros. Lógicamente, o visitado deve ganhar. Se tal suceder, fica em melhor posição, mas ainda no «**vale do Inferno**». Em casos semelhantes, costumam aproveitar outros clubes, porque, muitas vezes, estes jogos terminam com o empate. Desta vez, porém, acredita-se que o União de Lamas ganhe, más não ficariamos de «**boca aberta**» se o Salgueiros obrigasse ao empate.

10 - NAZARENOS (15.º-16) — PORTIMONENSE (5.º-30) — São ténues as esperanças do Portimonense em chegar ao segundo lugar, enquanto que os Nazarenos estão, verdadeiramente, à «**beira do precipício**». Em todo o caso, o Portimonense tem uma boa equipa, que não tem sido favorecida pela sorte, porque sabe jogar ao futebol. Acreditamos abertamente na vitória dos algarvios

11 - MARINHENSE (3.º-33) — UNIÃO DE LEIRIA (4.º-31) — Luta de **gigantes** ambos com largas e justificadas aspirações ao segundo lugar, até porque o Marinhense está com o mesmo número de pontos que o Oriental, que é segundo e joga em casa, contra o último. Quer isto dizer que o Marinhense não pode deixar de ganhar, porque, além do mais, tem a vantagem de jogar em casa, embora de Leiria à Marinha Grande a distância seja bem curta.

12 - PENICHE — (10.º 21) — SINTRENSE (6.º-29) — O Peniche, teoricamente, está afastado de perigo, mas dois pontos seriam, realmente, a tranquilidade; o Sintrense, já a quatro pontos dos dois segundos, deve ter perdido completamente as esperanças de qualquer «**aventura**» na «**liguilla**». De qualquer forma, o Sintrense é uma equipa que não verga facilmente. E de esperar que os visitados consigam a vitória, mas, se cederem um ponto, não seria coisa de espantar...

13 - COVA DA PIEDADE (12.º-19) — SACAVENENSE (13.º-18) Um jogo muito difícil, porque ambas as equipas estão em zona «**pantanosa**» e quem perder, arrisca-se a «**afundar-se**». Em casos destes, valores iguais em situações semelhantes, a vantagem não pode deixar de ser para os visitados, até porque o seu público, seguramente numeroso, vai «**puxar2** pela equipa com estusiasmo e calor. Acredita-se, portanto, na vitória do Cova da Piedade.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS

O sr. A. Mendes, de Sacavém, pede-nos o desdobramento das 5 triplas «italianas».

Apesar de já termos apresentado este sistema voltamos a repeti-lo já que, a partir dele, se podem formar sistemas mais complexos.

As vinte e sete apostas que compõem este desenvolvimento garantem, sempre, quatro resultados certos e há uma percentagem de 11,11 para se conseguirem os cinco acertos.

Portanto, acertando nos «fixos» há a garantia de doze resultados certos.

TRIPLA	1X21X21X21	X21X21X21X	21X21X2
TRIPLA	1X2X2121X1	X2X2121X1X	2X2121X
TRIPLA	1X221XX211	X221XX211X	221XX21
TRIPLA	111XXX2221	11XXX22211	1XXX222
TRIPLA	111111111X	XXXXXXXX22	2222222

O concurso da próxima semana

1 Cuf-União de Coimbra
2 Beira-Mar-Sporting
3 Leixões-Belenenses
4 Montijo-Setúbal
5 Atlético-Porto
6 Famalicão-Braga
7 Penafiel-Riopele
8 Covilhã-Varzim
9 União de Lamas-Sal-
10 Nazarenos-Portimonense
11 Marinhense-União de Leiria
12 Peniche-Sintrense
13 Cova da Piedade-Sacavenense

O concurso n.º 34

de 29 de Abril de 1973

1 Famalicão-Sanjoanense
2 Penafiel-Varzim
3 Lamas-Vilanovense
4 Oliveirense-Académica
5 Nazarenos-Almada
6 Oriental-União Leiria
7 Torres Novas-Sintrense
8 Peniche-Tramagal
9 Cova da Piedade-Sesimbra
10 Lanerossi-Inter
11 Roma-Fiorentina
12 Ternana-Juventus
13 Torino-Lázio

SOBRE FUTEBOL

Brasileiros amadores contra o Sporting

A selecção amadora do Brasil joga 5.ª feira à noite contra o Sporting, no primeiro treino da sua digressão europeia, antes do torneio da Páscoa, em Cannes. Os brasileiros (jogadores até 19 anos) já ganharam por duas vezes o torneio do sul da França e trazem futebolistas de excelentes perspectivas técnicas futuras. O Sporting, por seu turno, aproveita este jogo particular para rodar a equipa que representará o clube no torneio de Roubaix e que é formada pelos melhores juniores e pelos seniores mais jovens: Álvaro Jorge e Espírito Santo.

O jogo principia às 21 e 30 e as entradas são gratuitas. Antes exibem-se os iniciados do Sporting contra o Santa Iria.

O São Paulo venceu a Portuguesa por 1-0 e o Ponte Preta empatou com o Palmeiras, 1-1, no campeonato paulista.

No Santos-Portuguesa, o único tento coube a Eusébio, que recebeu a bola num cruzamento de «rei» Pelé.

Pelé foi atingido por Calegari (da Portuguesa) e saiu do campo em maca. Será hoje submetido a exame médico, para saber a gravidade da pancada que sofreu no joelho esquerdo.

O técnico Otto Glória estreou-se na Portuguesa com uma derrota.

O argentino Helénio Herrera, o treinador de futebol mais bem pago do mundo, foi a noite passada demitido do seu cargo no Clube italiano Roma, onde já se encontrava há cinco épocas.

O presidente do clube (dr. Gaetano Anzalone) declarou que a equipa passaria a ser treinada por António Trebiciani, treinador dos juniores desde 1968.

O Roma sofreu uma longa série de derrotas no Campeonato Italiano e no passado domingo não foi além de um empate no seu jogo contra o Ternana, que se encontra no fundo da tabela. Encontra-se agora na 11.ª posição e em perigo de descer de divisão. Há muito tempo que corriam rumores de que Herrera seria afastado das suas funções.

Durante os seus cinco anos ao serviço do Roma, Herrera foi demitido em 1970, mas, passados dois meses, foi de novo contratado com um salário de 120.000 libras anuais.

No entanto, Helénio deverá estar pouco tempo desempregado pois o Inter Milão, que sob as suas ordens ganhou dois campeonatos mundiais de clubes e esteve presente em três finais europeias, está tentando persuadi-lo a regressar.

O dr. Gaetano Anzalone declarou também que todos os jogadores da equipa foram multados em consequência das suas recentes desapontadoras actuações.

O professor Eduardo Trigo, explicando aos representantes dos orgãos de informação o programa completo dos Jogos Femininos da F.I.S.E.C.

OS JOGOS DA F.I.S.E.C.

Três centenas de jovens num Festival de Juventude

Uma vez mais, Portugal foi encarregado de organizar os jogos da F. I. S. E. C., que decorrerão em Lisboa de 15 a 19 do corrente. Para dar a conhecer o programa oficial, realizou-se ontem à tarde, nas instalações do Centro de Estágio do I. N. E. F., uma reunião com os representantes dos órgãos de informação. Presidiu o professor Eduardo Trigo, tendo estado também presentes a Dra. Maria Emília Castro, professora Maria José Fragoso e, ainda, os professores Nelson Trindade, Silva Marques e Eduardo Cunha além do dr. Vítor Gonçalves.

Foi o professor Eduardo Trigo quem deu a conhecer o programa completo dos jogos, nos quais estão inscritas 110 atletas portuguesas e 226 da Áustria, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Irlanda, Itália e Malta. As modalidades são as seguintes: atletismo, basquetebol, voleibol e natação.

A chegada das representações estrangeiras está prevista para o próximo sábado, ficando todas as delegações instaladas no Centro de Estágio da Cruz Quebrada.

O FUTEBOL NO PALÁCIO DE BELÉM

A Associação de Futebol do Porto, representada pelos dirigentes dr. Luis Guedes (presidente), Manuel Queiroz (tesoureiro) e dr. Avelino Ribeiro (vice-presidente) foi recebida pelo Presidente da República, no palácio de Belém. Motivo da visita: entregar ao almirante Américo Tomás a medalha comemorativa do 60.º aniversário da maior associação futebolística do País.

AMANHÃ ÀS 20 E 10

Ajax-Real Madrid na TV

Para os adeptos do futebol, a RTP fornece amanhã um dos pratos mais «suculentos» do ano, transmitindo directamente o jogo AJAX-REAL MADRID a contar para a meia-final da «Taça dos Campeões Europeus». O encontro principia às 20 e 10 e realiza-se no estádio olímpico de Amesterdão.

Em perspectiva, um sensacional embate de futebol entre o super ofensivo Ajax (bicampeão europeu) e um Real Madrid, velho senhor das competições europeias, muito capaz de montar um sistema defensivo que cause engulhos aos optimistas holandeses.

O mixto Benfica-Coelima nas estradas espanholas

Com chuve, vento e frio, disputou-se a primeira etapa da «Volta ao País Basco», com a participação da equipa portuguesa Benfica-Coelima.

O vencedor foi Julian Cuevas, em 4 horas 49 minutos e 55 segundos (já descontado o abono) para os 163 quilómetros de Eibar a Durango, mas o animador da tirada foi Galdamez (Benfica-Coelima) que andou em fuga quase 50 quilómetros e somou doze pontos em contagens da montanha.

Outras classificações: 14.º, Fernando Mendes, 4-53-25; 28.º, Venceslau Fernandes; 29.º, José Martins; 32.º, José Pereira; 35.º, José Galdamez, todos com o mesmo tempo; 41.º, José Machado, 5-10-25; 42.º, Fernando Dias, m.t.

Prémio da montanha no alto de Muniquietas: 1.º Galdamez, 6 pontos; Alto de Rigoitia: 1.º, Galdamez, 6; Alto de Santo Domingo: 1.º Ocaña, 6.

Geral: Galdamez, 12; Torres, 11; Ocaña, 7 e Oliva, 7.

Classificação por equipas: 1.ª, La Casera, 13-40-25; 2.ª, Kas, 14-30-35; 5.ª, Coelima-Benfica, 14-44-05.

Hoje disputa-se a segunda etapa (que é a mais difícil) de Durango a Nuestra Señora del Oro.

HÓQUEI EM PATINS

Carvalho não joga e o Oeiras perde

No Pavilhão dos Desportos, disputou-se ontem à noite mais uma jornada (a 2.ª) da fase final do «Torneio de Abertura» da Associação de Patinagem de Lisboa, que forneceu os seguintes resultados: Desportivo da Cuf, 8-Oeiras, 3; Cascais, 3-Sporting, 8 e Benfica, 4-P. Arcos, 2. De salientar, a segunda derrota registada pelo Oeiras nesta fase final: decididamente, a falta de Carvalho (lesionado numa mão), é fatal para a equipa. Pelo que ontem nos foi dado ver, se a ausência do jogador enfraquece a turma, a verdade é que lhe tira, igualmente, toda a dureza que a caracteriza.

A próxima jornada terá lugar na 6.ª feira, e compreende os jogos Guf-Benfica, P. Arcos-Cascais e Sporting-Oeiras.

BOA MORADIA

JUNTO À ESTAÇÃO DE S. JOÃO DO ESTORIL

C/ 10 divisões assoalhadas, r/c. e 1.º andar

PREÇO: 1550 CONTOS (MOTIVO URGÊNCIA)

Trata: AGÊNCIA PREDIAL DA MADALENA

Telefones: 86 75 46 87 24 18

A MARCA ALEMÃ N.º 1

SABA

o melhor que há

tv·radio·hifi

A METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, S. A. R. L.

É UMA EMPRESA EM FRANCO PROGRESSO

ESTÁ A AUMENTAR OS SEUS EFECTIVOS DE PESSOAL OFICINAL E ESCRITÓRIO EM LISBOA

SE PROCURA:

— Ordenado compatível

— Estabilidade

— Segurança

— Plano carreira

Inscreva-se no serviço de Pessoal, Avenida Marquês de Tomar, 33-5.º, Dt.º — LISBOA.

CAPITÃO DE MAR-E-GUERRA-AVIADOR ALFREDO FERREIRA DA SILVA

FALECEU

Sua esposa, irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família, participam que foi Deus servido chamá-lo à Sua Divina Presença, e que o funeral se realiza amanhã pelas 11 horas, da sua residência, Avenida Magalhães de Lima, n.º 4-2.º, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA

CAIXA GERAL DE APOSENTAÇÕES

AVISO

Os aposentados dos Correios e Telecomunicações de Portugal e dos Conservadores, Notários e Oficiais de Justiça que recebem as suas pensões directamente da Caixa Geral de Aposentações, em Lisboa, são convidados a comparecer na Rua Tomás Ribeiro, no dia 12 do corrente mês, das 17.30 às 19.30 horas, a fim de lhes ser feita a entrega dos novos modelos de recibos com importâncias actualizadas de harmonia com os acréscimos superiormente determinados e, ainda, dos recibos respeitantes aos aumentos não recebidos em Março.

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	462$	462$	–
Cons 3 %	508$	508$	–
Cons 3 1/2		590$	–
Centenarios	1.325$	1.325$	–
Tes 5 % 57	–	1.011$	–
Tes 5 % 59	–	1.010$	–
Exter 1ª s	–	637$	–
Extern 1ª c	–	639$	–
Extern 3ª s	–	–	–
Extern 3ª c	–	–	–
Caut 3ª s	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	910$	–
C M L 5,3/	–	–	–
C P 5.5 % 67	–	–	940$
C P 5.5 % 68	–	–	–
C P 5.5 % 69	–	910$	–
Corr 5 3/4 %	930$	–	930$
Metr 5 3/4 %	–	–	990$
Tur 5 3/4	–	1.060$	1.070$
C P 63/4	1.010$	1.010$	1.015$

ELÉCTRICAS

G. 5% – 58	–	–	860$
G. 5% 59	–	–	–
G. 5% – 62	–	–	–
G. 5% 63	–	–	–
G. 5% – 64	–	–	–
G. 5% 65	–	–	–
G. 6% – 67	–	–	990$
G. 6% 69	–	980$	–
G. 7%	–	–	1.040$
H. E. A. A. 5%	–	750$	–
H. E. C. 5%	–	750$	–
H. E. C. 6%	–	940$	950$
H. E. D. 5%	–	750$	–
H. E. D. 6%	–	940$	–
H. E. N. P. 5%	–	–	–
H. E. S. E. 5%	–	985$	–
H. E. S. E. 6%	–	940$	–
H. E. Z. 5% – 57	–	750$	–
H. E. Zêz. 6%	–	940$	–
N. Elec. 5%	–	750$	–
N. Elec. 6%	–	–	950$
Termoel. 5%	750$	–	750$
U. E. P. 5% – 60	–	750$	–
U E P 5% – 63	–	750$	–
U. E. P 6%	–	–	–
U. E. P 7%	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	840$	–
A P T 5 % 58	–	860$	–
Lisnave 6 %	–	980$	–
Nitratos 60	–	750$	–
Pet 2ª e 3ª %	–	–	–
Sacor 7 %	–	1.025$	–
Sacor 5 % 54	–	–	–
Sacor 5 % 60	–	–	–
Sid 5 % 2ª	–	–	–
Sid 5 % 3ª	–	–	–
Sid 5 % 4ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	920$
U Fabril 67	–	910$	–
U Fabril 68	–	905$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % 59/60	–	–	–
Moçamb 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %		815$	

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	7.900$	7.850$	8.000$
Algarve	4.250$	4.200$	4.250$
Alentejo	4.500$	4.400$	4.500$
Angola	7.850$	7.850$	7.900$
Borges&Irmão	11.500$	11.300$	11.500$
Crédito Predial	7.050$	7.000$	7.100$
Espirito Santo	18.200$	18.000$	18.200$
Fomento	7.950$	7.950$	8.000$
F.&Burnay	83.000$	82.000$	85.000$
Intercontinental Português	30.000$	30.000$	–
N. Ultramarino-m.	8.900$	8.900$	9.000$
N. Ultramarino-c.	12.900$	12.900$	13.000$
Pinto&SottoMayor	20.500$	20.500$	–
Portugal-n.	5.800$	5.800$	–
Portugal-p.	10.900$	10.800$	10.900$
P. Atlântico	19.000$	19.000$	–
Totta&Açores	11.350$	11.300$	11.400$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	2-4-73	6-4-73	9-4-73
GERAL	335,9	365,4	**378,4**
METROPOL	345,5	376,3	**393,3**
ULTRAM	265,5	285,2	**269,1**

De Seguros

Alentejo	1.210$	1.210$	–
Bonança	–	23.000$	25.000$
Império	54.500$	53.000$	55.000$
Mundial	5.500$	5.500$	–
Soberana	8.200$	–	8.500$
Tranquilidade	–	–	–

Electricas

C P E p	–	–	1.550$
C P E n	–	–	1.550$
E Beiras	2.300$	2.300$	2.350$
G Elec c	540$	–	540$
H E A A	270$	270$	290$
H E N P	385$	380$	–
H E S E	2.000$	1.900$	2.000$
U E P	320$	320$	–

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.600$	–	1.600$
Ag Incomati	2.500$	2.500$	
Ag S T e P	–	–	
Aç Angola	2.300$	2.270$	2.300$
Alg Angola	440$	–	440$
Ang Agric	950$	950$	1.000$
Boror	–		
Boror Com	–	110$	
Buzi	363$	363$	
Cabinda	210$	200$	220$
Com Lobito	1.200$		1.200$
D A T 100	–	2.700$	2.800$
H E Revue	–	500$	–
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–		500$
Sonefe n	–		650$
Sonefe p	680$	660$	700$
Zambézia	195$	–	

Diversas

Ag.Lx.-ant.	1.600$	1.600$	–
Ag Lx. – 34	1.600$	–	1.600$
Ag Lx. – 36	1.500$	–	1.500$
Cel Guadiana	6.100$	6.000$	6.200$
C. Leiria-p.	35.000$	34.900$	35.000$
C. Tejo-p.	64.000$	63.000$	64.000$
F. Ramada	2.300$	2.300$	–
Fornos Eléctricos	650$	–	650$
P. Celulose	8.600$	8.500$	–
Siderurgia-p.	13.200$	13.200$	
Siderurgia-n.	6.500$	–	6.500$
Socel	6.400$	6.400$	6.500$
Cidia	–	–	–
C.U.F.	4.900$	4.800$	4.900$
Intar	800$	790$	800$
Nitratos	2.000$	2.000$	–
Petroquímica	2.000$	1.990$	2.000$
Sacor	6.700$	–	6.700$
Tab. Portugal	–	7.200$	7.500$
Tabaqueira	15.400$	15.400$	–
U. F. Azoto	1.800$	–	1.800$
Empor	–	600$	–
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colónias	3.070$	–	3.070$
Nacional Navegação	–	4.500$	–
Navegação(Col.)	2.500$	–	2.500$
P. Pesca	1.850$	–	1.850$
Matur	7.650$	–	7.650$
R. Marconi	–	3.900$	–
T. A. P.	2.700$	2.680$	2.900$
Compal	1.900$	1.900$	–
Salvor	5.000$	5.000$	–
Penina	5.000$	5.000$	–
Grão-Pará	5.050$		5.050$
Lisnave	18.000$	18.000$	18.200$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	
F. I. D. E. S.	–	242$3	249$7

COTAÇÕES

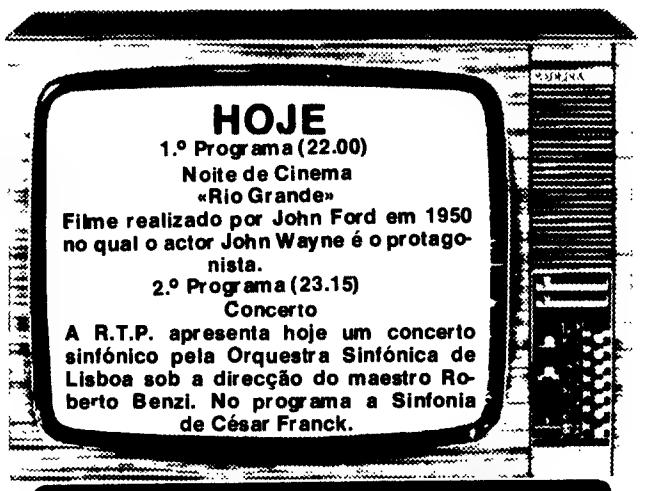
PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	30$00	33$00
Alemanha	Marco	8$75	9$05
América			
Dollars de 1 a 2		24$30	25$10
Dollars de 5 a 20		24$60	25$40
Dollars de 50 a 1000		24$90	25$70
Argentina	Peso Novo	—$—	—$—
Austria	Schiling	1$22	1$28
Bélgica	Franco	$62,5	$65,5
Brasil	Cruzeiro	3$60	4$40
Canadá	Dólar	24$30	25$20
Dinamarca	Coroa	4$00	4$30
Espanha	Peseta	$42	$45
França	Franco	5$40	5$70
Holanda	Florim	8$50	8$80
Inglaterra	Libra	61$50	64$50
Itália	Lira	$04	$044
Marrocos	Dhran	—$—	—$—
Noruega	Coroa	4$10	4$40
Suécia	Coroa	5$45	5$80
Suiça	Franco	7$70	8$05
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	610$00	660$00
Inglaterra	1/2 Libra	620$00	670$00
Ouro fino Barra		70$00	76$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 «Debbie Reynolds»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV educativa — Matemática Moderna
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil «No Campo»
20.00 Dimensão
20.55 Frente a frente
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Rio Grande»
23.45 Telejornal — 4.ª edição
24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Debbie Reynolds»
20.55 O livro à procura do leitor
21.10 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Expedição
22.25 «Os Protectores»
22.50 Tempo internacional
23.15 Concerto e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Gente Miúda»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Portugal no mundo
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV educativa — Iniciação Desportiva
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Vamos jogar no totobola
20.10 Eurovisão — Futebol. Ajax-Real Madrid
21.00 Companheiros Inseparaveis»
22.10 Telejornal — 3.ª edição
22.45 «A Familia Bellamy»
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Gente Miúda»
21.00 Portugal no mundo
21.15 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 2.ª edição
22.00 «Paul Temple»
22.45 Sabe o que é? e fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

NASCER

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	7º
P. DOURADAS	-2º
COIMBRA	7º
PORTALEGRE	4º
LISBOA	10º
FARO	11º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro
Máxima **18º**
Penhas da Saúde
Mínima **6,8º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	12,5º
Atmosfera	10,4º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.48	**3,2 m**	3.03	**1,3 m**
22.16	**3,4 m**	15.29	**1,6 m**
Dia 11			
11.09	**3,2 m**	4.30	**ç1,4 m**
23.36	**3,4 m**	16.56	**1,6 m**
Dia 12			
		5.50	**1,3 m**
12.21	**3,3 m**	18:10	**1,4 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado dos quadrantes norte; possibilidades de aguaceiros nos locais abrigados do interior; acentuado arrefecimento nocturno.

AMANHÃ

NASCER ÀS 7.07
OCASO ÀS 20.09

DIA 10 DIA 17 DIA 25 DIA 2

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Canconetas
16.30 Convívio — Programa da Juventude
18.05 Radio Escolar — Francês
18.30 Programa do serviço de informação Pública das Forças Armadas
19.10 Orquestras e canções
19.30 Recordar é viver — por M.ª Natália Bispo
20.20 Resumo do Programa — Interlúdio
20.30 12.º Episódio do Folhetim «A Passagem»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Que quer ouvir?
21.55 Viagem ao passado; por Judite Navarro
22.10 Vamos ouvir; Verlério Silva
22.30 Jazz
22.30 Jazz
23.05 De um dia para o outro — por Armando Correia
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na Madrugada — por Júlia Maria
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Uma obra duas interpretações — O Quinteto em lá Maior de Mozart
17.05 Srnatina (Maurice Ohana)
17.15 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio Musical — Semana Internacional de Orgão em Nuremberga
18.22 Danças Populares Romenas (B. Bartok)
18.30 Gravações Históricas
19.00 Dança e Ballet, por Pedro Risques Pereira
19.30 Radio Educativa — Auditório zjuvenil
20.20 O Violista Narciso Yepes
20.30 Sinfonia para cordas (Turner)
21.00 Música Coral — O Conjunto «Roger Blanchard» em Canções de França
21.20 Tempo Literário
21.45 Sonata N.º 1, OP. 80 EM FA Menor para Violino e Piano
22.15 O Gosto pela Música — pelo Dr. João de Freitas Branco
22.45 Abertura «Lenda da Fada Melusiana» (Mendelssohn)
23.00 Emissão em Linguas Estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Terça-feira à Noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o Telefone Toca
23.05 Novas de Alegria
23.19 Apenas Música
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 O Nosso Programa
19.04 Vértice
21.02 Boa Noite em FM
22.02 Programa À Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa À Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Rádio Renascença

16.05 Radiorama
18.00 Tri-S.
18.30 Terço e Benção
19.00 Jornal diário
19.30 Pág. 1
21.05 Meditando
21.30 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
23.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª Hora

Emissores Associados de Lisboa

Rádio Voz de Lisboa

das 6 ás 10 e das 14.30 ás 17

Rádio Graça
das 10 ás 12 e das 22 ás 2

Clube Radiofónico de Portugal
das 12 ás 14.30 e das 17 ás 19.30

Rádio Peninsular
das 19.30 ás 22

farmácias de turno

LISBOA

TURNO E-1
Até às 22 horas

ALFAMA
Nacional R. São João da Praça, 26 Tle. 863632
ALTO DE S.JOÃO
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
ALVALADE
Cartaxo Av. da Igreja, 21-C (Tele. 776358)
Nova Lisboa R. Guilherme Suggia, 12 (Tele. 727721)
AREEIRO
João XXI Av. João XXI 16-A (Tele. 726462)
ARROIOS
Nunes Rua Ângela Pinto, 32 (Tele. 497556)
BAIXA
Barral R. Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
BELEM
Ramísio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele. 631699)
BENFICA
Lisboa Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
BOA HORA
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 681958)
CAMPOLIDE
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele. 688857)
CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele 780181)
ESTEFÂNIA
Estefânia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele. 44438)
GRAÇA
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele 862333)
LAPA
Carrasco R. Presidente Arriaga, 39 (Tele. 667460)
LUMIAR
São Tomé Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele. 780704)
MADRAGOA
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele. 661275)
OLIVAIS
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele. 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 72835-720703)
RATO
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele. 661453)
REGO
Universitária Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais Av. Luís bivar (Tele. 44324)

TURNO E-2
Toda a noite

AJUDA
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
ALCÂNTARA
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
ARCO DO CEGO
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
ALVALADE
Brisalia Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
AREEIRO
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
ARROIOS
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas Av. da República, 27-A (Tele. 533688)
BAIRRO ALTO
Viritas Rua da Misericórdia, 135 (Tele. 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele. 311216)
BENFICA
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele. 780627)
CAMPOLIDE
Gomes Rua Rodrigo da fonseca, 101-A (Tele. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas Rua de S Vicente, 31 (Tel 864351)
LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele. 790942)
SANTA CATARINA
Modelar Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tele. 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels. 768343-764629)
XABREGAS
Salter Rua de Zabregas 63-65 (Tele. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Franco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R Conde de Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. João, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299086)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Cristo Rei
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31 - A (Tel. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Pimenta, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 259 (Tel. 2073012)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Tel. 22216)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja 51 (Tel 2218590)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327. Pereiró (de), Rua da Preciosa, 35. Sampaio, Rua de Cedofeita, 636 Saúde Av. Com. G. Guerra, 689 Vaz Teixeira, Sucra, Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125. Costa Lima, Av. da Boavista, 855. Marques de Mendonça, R. do Ameal, 251. Monte Cativo, R. do Monte Cativo, 444. São Jerónimo, R. Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (Tel. 71454); Vilaça, Ld.ª; R. Ferreira Borges, 132 (Tel. 22043, Cruz e Costa, R. A. Vasconcelos, 71-A (Tel. 22715)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
1.ª semana
Technicolor Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor O CASO VALACHI com Charles Bronson e Lino Ventura. Realização de Terence Young

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Um filme de António Pedro Vasconcelos «PERDIDO POR CEM ..» com José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo C 14 anos)
Panavision color CANTINFLAS em «D QUIXOTE» Cavalga de novo Sessão clássica - Amanhã 18.30 H (Grupo D 18 anos) Um novo padrão de cinema de hoje! «MORTE EM VENEZA» Luchino Visconti, cinematizado Thomas Mann com Dirk Bogard, Silvana Mangano e Mark Burns Panavision Technicolor (Metro Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D- 18 anos) 4.ª Semana Um filme de René Allio «Os CAMISARDOS. Quem são? Porque entram? Em nome de quê? (Metro Alameda)

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss «A GRANDE VALSA» Com Horst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision--Metrocolor

MUNDIAL (Tel 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
2.ª semana de enchentes Richard Burton, Romy Schneider e Alain Dejon na recente obra prima de Joseph Losey «O ASSASSINATO DE TROTSKY» um dos mais discutidos e apaixonantes do nosso século. À noite o filme é exibido sem qualquer interrupção.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
A mais poderosa obra prima de John Huston. «CIDADE VISCOSA»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45 2.ª semana
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Panavision. A última palavra sobre o amor... «SEGUE-ME QUERIDO». Topol-Mia Farrow.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
«QUE GATINHA.. Re-NHAU-NHAU» Um filme de Abel Levitow

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
2.ª semana
O VAMPIRO NEGRO. William Marshall. Denise Nicholas.

VOX (Tel 720808)
Hoje ESTREIA às 21.45
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor
Um filme de Claude Chabrol «A CASA DOS DESEJOS Jean Paul Belmondo, Mia Farrow.
Hoje às 15.15 e 18.30
(Grupo D 18 anos)
Ultimas exibições do filme «O PADRINHO»

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.14, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Colorido As seduções libertinas e o amor conugal O filme de E.RIC Rohmer «O AMOR ÀS 3 DA TARDE» Snack-bar, «Pub Flag» O melhor encontro gastronómico.

RESTELO (Tel 610375)
21.30
(Grupo D - 18 anos)
Em continuação de estreia 14.ª Semana «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Woody Allen, Diane Keaton e Tony Roberts

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Eastmancolor «OS MALUCOS DO ESTÁDIO» Les Charlots - Paul Preboist Martine Keely

ROMA (Tel. 717480)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hiel e Bud Spencer.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
«O TÚMULO DO TERROR» em complemento «DUAS RAPARIGAS EM LONDRES»

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
Technicolor. Um filme incomparavel «O HOMEM DAS MULHERES» com Jerry Lewis

AVIZ (Telef 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana
Romina Power e Al Bano em «MELODIA INCOMPLETA»

POLITEAMA (Tel 326303)
15.15 18.15 e 21.45
(Grupo D 10 anos)
Terence Hill e Bud Spencer «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» Pancadaria e explosões de alegria Vale tudo.

BERNA (Tel. 776098)
Hoje ESTREIA 21.45
(Grupo B 10 anos)
Technicolor. Gigantesco! «O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO» Charlton Heston e James Stewart
Hoje às 15.15 e 18.30 H Ultimas exibições do filme «NA GUERRA NEM TUDO É GUERRA
(Grupo D 18 anos)

ROYAL (Tel 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B 10 anos)
Cantinflas em «OS TRÊS MOSQUETEIROS» Em complemento «TEMPESTADE NA FRONTEIRA»

CASINO (Tel 2642/164949)
17.00 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
«DRÁCULA 72»

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
Em 3.ª semana
Um filme superior «ROMA DE FELLINI»

ODEON (Tel 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.45 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo nunca! Somos britânicos»

MARIS VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh papá, pobre papá»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os Amigos»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Grande Conquistador»

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«A maior proeza do Oeste»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Carne de primeira»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Mulheres sem marido»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Os Rivais»

MAYER
21.30 (18 anos)
«Verdade amarga»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Despertar para a vida»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Psico»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (14 anos)
«A Grande odisseia»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Quando as mulheres querem»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Amar sem amor»

Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
Perseguição»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Dois irmãos num lugar chamado Trinitá»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«O Sinal de Django»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Drácula 72»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«O Violino no telhado»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Teresa Raquim»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (14 anos)
«Homens de ferro»

SINTRA
Carlos Alberto
21.30 (18 anos)
«O Gosto da Vingança»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Trinitá Cow-boy insolente» e «Que noite rapazes»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tristana, amor cruel»

JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«Os Alegres Dias de Pompeia»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Prémio»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Borsalino»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Concerto para uma pistola solista».

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Um principe nas lonas»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Caso Valachi»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Em nome do povo italiano»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«César e Rosalie»

COIMBRA

AVENIDA
21.00 (14 anos)
«Os Centauros»

GIL VICENTE
21.00 (14 anos)
Festival Internacional de coros Universitários

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Grande Conquistador»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Os Sete Magníficos»

BARS BOITES restaurantes típicos

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Beatriz Ferreira, Constança Baptista e Julieta. Tocam: Carvalhinho, Júlio Gomes e Pedro Machado. Encerra ao Domingo. Consumo obrigatório 70$00. **Rua da Barroca, 133. Telef. 369706.**

CACO — Dancing com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa João Queiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama. Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264945.**

EL CIDE — Dancing com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo). **Telef. 560538.**

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Dois aviões abatidos e um desaparecido na Guiné

BISSAU, 10 (L.) — Segundo informações colhidas junto do comando-chefe das Forças Armadas na Guiné, pouco depois de ter levantado voo da pista guidage, um avião da Força Aérea que procedia á evacuação de civis para o hospital de Bissau, despenhou-se no solo. Desconhecem-se ainda as causas do acidente no qual pareceram todos os ocupantes, incluindo o piloto furriel miliciano aviador João Manuel Baltazar Silva. No decorrer das buscas realizadas para localizar o aparelho, um dos aviões nelas empenhado-um T--6, pilotado pelo major aviador Rolando Frederico Mantovani Borges Filipe, foi atingido por um foguetão terra-ar, em consequência do que explodiu, morrendo o piloto.

O major Rolando Filipe tinha 33 anos era natural de Lisboa e prestava serviço na Guiné desde Outubro de 1972.

O furriel Miliciano João Baltasar Silva tinha 22 anos, era natural de Lisboa e prestava serviço na Guiné também desde 1972.

AVIÃO DESAPARECIDO

Independentemente da notícia divulgada sobre dois aviões militares, o comando-chefe das Forças Armadas na Guiné informou que outro avião D. O.-27 da Força Aérea, quando se encontrava em missão de reconhecimento, perdeu o contacto com a torre de «controle», não mais o tendo reatado.

Este facto registou-se no dia 7 e decorrem buscas para localização do aparelho.

Previdência: alterações ao subsídio por morte

Em diploma emanado do Ministério das Corporações e Previdência Social, foram estabelecidos novos critérios para atribuições do subsídio por morte concedido pelas Caixas de Previdência para acudir às necessidades mais prementes dos familiares, provocadas pela morte do trabalhador. Aquele diploma entrará em vigor a partir do dia 1 de Janeiro do próximo ano, com as seguintes alterações: redução do prazo de garantia de três anos para seis meses; eliminação do prazo de garantia em caso de morte provocada por acidente; actualização do subsídio por morte. Por outro lado, procede-se à equipação com o regime praticado pelo Estado em caso de falecimento dos seus servidores.

Emissão de obrigações do Tesouro no valor de três milhões de contos

Foi autorizado pelo Governo a emissão de um empréstimo interno, amortizável, denominado «Obrigações do Tesouro, 5 por cento, 1973 — III Plano de Fomento» até à importância total nominal de três milhões de contos. O empréstimo, cujo serviço fica a cargo da Junta do Crédito Público, desdobrar-se-á em séries de cem mil contos cada. A representação do empréstimo far-se-á em títulos de cupão de uma e dez obrigações, do valor nominal de mil escudos cada uma, ou em certificados de dívida inscrita correspondentes a qualquer número de títulos.

Dois empréstimos semelhantes foram já emitidos em 1969 e em 1971, no valor total de três milhões e meio de contos, destinando-se igualmente ao III Plano de Fomento, para o qual foi previsto o contributo de 16 milhões de contos por parte do Orçamento Geral do Estado.

Julgamento no Porto

PORTO — As dependências do Tribunal de Polícia registaram um movimento verdadeiramente desusado devido ao julgamento de três jovens estudantes (intervenientes manifestações de sábado) acusados de desobedecerem às autoridades.

Os três jovens estudantes estão implicados nas manifestações que se realizaram junto da universidade do Porto.

O estudante António Júlio de Sá Silva, de 26 anos, solteiro, morador no Largo da Senhora-a-Branca, em Braga, foi o primeiro a sér julgado, pelo juiz dr. Miguel Montenegro.

«Estava junto do meu carro, estacionado nas proximidades do café Âncora d'Oiro. O sr. guarda mandou-me retirar. Tentei justificar que estava ali à espera da minha irmã. Houve correrias de várias pessoas e deixei de ser ouvido.» — Assim se justificou o réu.

Ouvido o guarda captor e dado que os depoimentos foram escritos, o juiz ditou para os autos que ele fazia parte de uma força policial destacada para o local, a fim de manter a ordem, pois havia informação de que um grupo de alguns pretendia fazer exames na universidade e estava sendo impedido por um ou mais grupos de estudantes. O declarante viu várias pessoas paradas junto do aludido café, entre as quais o réu. Foi ordenada a dispersão pelo comandante da força policial e todos obedeceram, à excepção do réu, que se manteve no local.

Entretanto, o réu foi aconselhado a retirar-se, mas afirmou que não saia, pois estava junto do seu carro, não referindo contudo, que estava à espera da irmã, o que só veio a fazer no comando da P.S.P...

Depuseram seguidamente mais dois guardas da mesma corporação que afirmaram ter ouvido o guarda que deteve o réu aconselhá-lo a retirar-se do local.

Entretanto, interveio o defensor oficioso e afirmou que os «guardas são máquinas... recebem ordens».

Na leitura da sentença, aquele magistrado disse não se ter provado que o réu tivesse conhecido do significado do ajuntamento no local, uma vez que o local da sua residência é em Braga. Entretanto, a actuação do réu foi considerada de desobediência, pelo que foi condenado em 20 dias de prisão, substituídos por multa à razão de 30 escudos diários, em 250 escudos de imposto de justiça, em 100 escudos de procuradorias, e em 100 escudos para o defensor oficioso, dr. Amadeu Morais.

Atendendo, porém, ao bom comportamento do réu e dado que chegou recentemente da Guiné, a pena foi-lhe suspensa pelo espaço de dois anos.

O delegado do Ministério Público interpôs recurso, tendo feito o mesmo o defensor oficioso.

Seguiu-se o julgamento de mais dois estudantes acusados no mesmo processo de terem igualmente desobedecido a agentes da P.S.P. São eles: Cândida Maria de Felício e Fernando Rodrigues Martins, respectivamente de 18 e 23 anos, moradores na Vila da Maia em Matosinhos.

Depôs o guarda participante, dizendo que a ré lhe desobedeceu, sentando-se na berma do passeio. Quando ele a mandou retirar-se. E que o réu se agarrou à antena de um automóvel, negando-se terminantemente a entrar para o carro celular, quando foi ordenada a sua saída de junto da multidão, ao que ele se negou.

Devido ao adiantado da hora (20 horas) o julgamento ficou suspenso.

Recusado o Sindicato único

PORTO, 10 — A fim de apreciarem um projecto para a criação de um organismo único que englobasse, a nível nacional, todos os sindicalizados reuniram-se, no Sindicato Nacional das Profissionais de Escritório do Distrito do Porto; as direcções dos núcleos de actividade e núcleos profissionais para resolverem qual a atitude a tomar sobre o problema.

Aquela proposta fora apresentada pelo presidente da direcção do Sindicato dos Profissionais de Escritório de Lisboa.

Da reunião resultou a reacção enérgica à proposta de um sindicato a nível nacional, ou seja um Sindicato único.

MORREU NO BRASIL UM PORTUGUÊS DE 157 ANOS

RIO DE JANEIRO, 10 — (FP) — José Francisco Helio da Silva morreu vítima de crise cardíaca com 157 anos. Era o mais idoso dos portugueses residentes no Brasil. Vivia na localidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, de onde nunca saira desde que em Setembro de 1880 chegara ao Brasil.

Plano de estudo das Escolas Normais no Seminário da Páscoa

Prosseguiu hoje em Sesimbra e sob a presidência do eng. Adelino Amaro da Costa, subdirector do GEP (Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação Nacional), o Seminário da Páscoa que se destina à preparação de formadores de professores e terminará no dia 20.

Foi apresentada uma comunicação pelo dr. J. Owen, do departamento da Educação do Reino Unido, subordinada ao tema «Desenvolvimento curricular — o papel da escola». Começou por aludir à experiência desenvolvida em Inglaterra e no País de Gales no sector da reorganização das escolas, acentuando que essa experiência se centrou na eliminação da necessidade de selecção de alunos para os diferentes tipos de escolas secundárias e na questão de saber com que idade se deveria proceder à transição da educação primária para a secundária.

Frisou, em dado passo, que «a intimidade do professor na sua aula anda, em Inglaterra, muito ligada à ideia generalizada sobre a autonomia das escolas».

Mais adiante, e na linha das suas considerações, salientou que «desde a introdução de grandes ideias sobre o desenvolvimento curricular no meio inglês, há dez ou quinze anos, deu-se uma melhor atenção ao professor individual, como criador da inovação ou como fomentador sistemático de ideias».

O dr. Almeida Costa, na comunicação que em seguida apresentou: «Algumas observações sobre a elaboração de um plano de estudo», ocupou-se da possível metodologia de elaboração de um plano de estudos para as Escolas Normais Superiores.

O orador apontou alguns objectivos que considerou fundamentais na formação dos professores deste ciclo, nomeadamente, contribuír para a formação integral da sua personalidade e o desenvolvimento das atitudes vocacionais e de reflexão críticas exigidas pelas funções educativas.

Na parte final da sua comunicação, o dr. Almeida Costa transmitiu uma tentativa de elaboração de um plano de estudos para as Escolas Normais Superiores, efectuada no Gabinete de Estudos e Planeamento do M.E.N.

Na sessão de ontem, o prof. Richard Schmuck, catedrático da Universidade de Oregon, América do Norte, abordou o tema «Organização do processo de ensino por áreas, individualizado, avaliação», tendo incitado todos os participantes a darem plena liberdade às suas ideias criadoras, na procura de métodos inovadores.

DOIS FERIDOS NA ESTRADA

PORTO, 10 — Esta madrugada, despistou-se, no Monte dos Burgos, o automóvel conduzido pelo sr. Mário Lino da Cunha Marques Barbosa, casado, de 27 anos, Rua Particular D. Afonso Henriques, 34, em Rio Tinto, que era acompanhado pela sr.ª D. Maria de Lourdes Alves Negrão Garcia, de 28 anos, Rua Silva Brinco, 681, empregados comerciais.

Recolheram ambos ao Hospital de Santo António, com traumatismos cranianos.

O CARDEAL LARRAONA VISITA PORTUGAL

Chega amanhã a Lisboa, vindo de Roma, o cardeal Arcadio Larraona, camerlengo da Santa Sé, que vem presidir à inauguração do novo edifício do seminário dos Carvalhos (Porto), a convite dos Missionários do Coração de Maria que dirigem a instituição.

É a sexta vez que o cardeal visita o nosso país. Em 1963 quando veio presidir à peregrinação de Fátima, foi portador da Grande Cruz da Ordem de São Silvestre, que entregou solenemente ao prof. Adriano Moreira.

NOTAS POLÍTICAS

SECRETÁRIO DA SAÚDE NO DISTRITO DE SETÚBAL

O secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Jorge Assis dos Santos, deslocou-se ontem ao distrito de Setúbal, tendo visitado esta cidade e a vila do Barreiro.

Ao princípio da manhã, aquele membro do Governo visitou o Hospital de Nossa Senhora do Rosário, no Barreiro cujo director lhe fez sentir a necessidade de ampliação das instalações, demasiado exíguas para atender às necessidades do populoso concelho. Dirigiu-se em seguida, aos postos clínicos da Caixa de Previdência da C.U.F. e da Caixa Distrital de Previdência e Abono de Família e depois ao ponto de uso exclusivo das classes ferroviárias.

Mais tarde, o dr. Jorge Assis dos Santos presidiu a uma reunião do Conselho de Coordenação da Acção Médico-Social de Setúbal, em que participaram entidades locais ligadas à Saúde e Assistência. Após o almoço, visitou o hospital daquela cidade e os terrenos onde vai ser construída a Escola de Enfermagem e a Direcção Distrital de Saúde, passando ainda pelos dispensários de Saúde Materno-Infantis e pelo Posto de Profilaxia da Cegueira.

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

O secretário de Estado da Agricultura, prof. Mendes Ferrão, acompanhado de especialistas do seu departamento, segue hoje para Paris, onde vai participar na reunião do Comité dos Ministros da Agricultura da O.C.D.E.

EXONERADOS

Por despacho do Secretário de Estado da Instrução e Cultura foram exonerados, a seu pedido, dos lugares de chefe de Gabinete e secretário daquela entidade, o juiz de direito Adriano Filipe de Sanches Afonso e o licenciado António Manuel de Castro e Solla Moniz, respectivamente.

Viagens apolo 73
BRASIL
LONDRES
VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO
Part das todas as 5 Feiras durante todo o ano
PREÇOS A PARTIR DE 2.990,00
Estadia com pequeno almoço VISITA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO
MARCUS & HARTING, LDA.
A AGÊNCIA DE VIAGENS MAIS CENTRAL DE LISBOA
LISBOA ROSSIO, 50 TEL 369271
FARO R. CONSELHEIRO BIVAR, 69 TEL 24034

LONDRES
10 DIAS
DESDE
ESC. 2.490$
PARTIDAS:
22 ABRIL E 2 MAIO
INCLUINDO:
TRANSPORTES EM AVIÃO A JACTO IDA E VOLTA * ALOJAMENTO E PEQUENO ALMOÇO * ASSISTÊNCIA E TRANSFER'S DE CHEGADA E PARTIDA * VISITA DA CIDADE COM GUIA
PARTIDAS SEMANAIS DURANTE O VERÃO E NOS FERIADOS DE JUNHO
CONSULTE-NOS
NORTUR / PM TURISMO
PORTO - Rua José Falcão, 82 - Telef. 27587
LISBOA - Rua Barata Salgueiro 8 - Telef 58722

A crise agrícola

A expressão «mal-estar agrícola» ou «campesino» já adquiriu foro de cidade no vocabulário político. Todos aqueles que, a qualquer título __ homens políticos, teóricos, jornalistas... __, se debruçam sobre a vida social do País fazem-lhe frequentes e abundantes referências. Em várias ocasiões, a imprensa de grande informação tem introduzido esta fórmula nas suas parangonas. Contudo, não é certo que o seu emprego implique a exacta percepção das dimensões do fenómeno designado: e assim, o emprego do termo «crise» parece preferível para caracterizar a situação.

Contrariamente às visões superficiais, este mal-estar não constitui, de modo algum, novidade. Uma tese muito espalhada vê no camponês um ser necessariamente conservador da ordem estabelecida e, o que é mais, muito individualista para aceitar os processos e o santo-e-senha da revolta colectiva: o homem do campo seria deste modo o objecto, quase passivo, duma evolução que se desenrolaria, se não necessariamente contra ele, pelo menos sem o seu concurso. Que admiráveis variações de espírito, tão perfeitamente conservador, se não teceram sobre a eterna ordem dos campos!

JEAN MEYNAUD __ em «Factores de Crise na Agricultura»

OS E. U. A.: a política externa e as reservas naturais

A crescente intervenção económica, política e militar dos E.U.A. em múltiplos países dos diversos continentes, em que a astúcia diplomática ou a força efectiva de pressão dos americanos conseguiu para si uma posição de predomínio, tem colocado largas camadas de leitores perante a perplexa situação da dúvida, da ignorância ou ainda, o que é pior, da justificação ideológica, nem sempre conscientemente fraudulenta.

Diversas (mas inter-relacionadas) são as razões que levam a administração americana a interferir nos conflitos de ordem regional ou até nacional de muitos países.

Uma delas (decerto não a mais forte) está relacionada com as reservas naturais internas dos E.U.A. Se em alguns casos, nomeadamente no que diz respeito a produtos agrícolas, a América se tem mantido quase que auto-suficiente, noutros, já o panorama se não afigura tão sorridente tendo em vista as condições de expansão económica a médio prazo, determinadas, parcialmente pelo menos, pelas reservas de certos produtos básicos para a indústria, como seja o caso das matérias-primas minerais. O que a seguir se apresenta não é mais do que uma vista de olhos, por um problema obviamente mais complexo e com determinações sociais historicamente explicáveis.

A desactualização de alguns dos números que se apresentam, pensamos não alterar o fundamental das questões, isto é a relação entre o nível das reservas naturais internas americanas e aspectos da política externa desenvolvida pela administração dos E.U.A.

1 __ Os E.U.A. são os primeiros produtores do mundo de carvão, de petróleo, de ferro, de cobre, de zinco, de chumbo,

Continua na pagina seis.

A agricultura — alguns problemas

Variantes do problema agrícola __ Sérgio Fonseca
Caça e Floresta __ José Hipólito Raposo
O «Puzzle» Monetário (4) __ Francisco Corrêa Guedes

PÁGINAS CENTRAIS

Actividades económicas

A Bolsa e a Actividade Económica __ Rui Teixeira Fialho
Uma Siderurgia no Porto... até Março de 1975

PÁGINA OITO

A Pasta e o Papel

PÁGINA TRÊS

N.º 52
10 DE ABRIL
DE 1973

Economia

Registo Comentário

Da agricultura à agricultura passando pelas remodelações ministeriais e pelos tribunais

Nas pequenas «tréguas» consentidas pelos problemas monetários é de procurar tratar de outros assuntos, fazer registo-comentário sem sentir que estamos submergidos pelas moedas, mesmo quando o esforço é sempre no sentido de mostrar que as chamadas crises monetárias não são mais do que reflexos de uma crise de fundo, de sistema, de relações económicas.

Pois esta semana parece possível deixar um pouco de ressalva os problemas monetários, com a certeza de que a eles breve voltaremos, e impõe-se a presença de um outro tema que, aliás, também justificaria alguma coisa do que foi escrito sobre as «crises monetárias». Trata-se da **agricultura**, nó, estrangulamento, ou actividade que não marcha ao ritmo das outras actividades ou sectores. E também em relação à agricultura se poderia dizer que o que existe não será bem uma crise da agricultura, mas os «reflexos agrícolas» de uma situação de crise económica, na articulação dos sectores e actividades, nas suas «transferências» de capital e pessoas.

Ao nível da Comunidade Económica Europeia, a agricultura, a construção da «Europa verde», tem sido problema sempre presente e as políticas que se têm procurado seguir têm esbarrado com uma dificuldade de superar problemas estruturais, o que as tem tornado ineficazes. Tão ineficazes que, neste momento, se atravessa mais um período de crise e com aspectos que não são nada agradáveis, se bem que muito significativos.

Quem leu, nos seus tempos de juventude, as «Vinhas da Ira» não poderá esquecer as extraordinárias páginas de Steinbeck, em que se confrontava uma situação de carência e miséria com a destruição de fruta em quantidades enormes, para manter um preço «remunerador» para os capitais investidos... Recordar essas páginas, a propósito do Mercado Comum, é que se pode considerar estranho ou significativo. Na verdade, o problema do leite e da manteiga na «Comunidade» tem oscilado entre abundância e carência, em termos de mercado, com muito mais tendência para que seja a abundância na oferta que crie os graves problemas. Espera-se que as actuais 400 mil toneladas, que atingirão talvez o dobro até ao fim do ano, encontrem escoamento que não seja aquele já referido numa frase que não podemos deixar de considerar dramática: «destruir custa menos caro» (sub-título em «jornal d'Europe»).

Claro que, ao registarmos esta frase e ao «dramatizá-la», o fazemos em termos e perspectivas bem diferentes daquelas que levam a afirmar as políticas «menos caras», independentemente dos chamados custos sociais. Aliás, também esta expressão __ custos sociais __ pouco mais faz do que anotar um certo «custo» em nada alterando a perspectiva social que não avança para além de «contabilidades».

O que importaria, para a análise das políticas «comunitárias face à agricultura, é tornar claro que, não obstante a várias vezes afirmada responsabilidade das «estruturas defeituosas»; e apesar das políticas e planos Mansholt (propondo «radicais alterações de dimensão de unidades de produção e exploração), não se passa da procura de «atamancar» os problemas através de uma política que se pode resumir em fixação de preços e atribuição de subsídios aos produtores. Para o actual momento, com a situação de crise a afirmar-se, ainda é o problema da fixação dos preços para a campanha de 1973-74 que se avizinha, e que terá a função de remediar alguma coisa. A «garantia» dos preços e a procura de mercados de escoamento provocará o confronto dos vários interesses de grupos económicos e nacionais.

Ainda a respeito deste problema dos excedentes e dos «stocks» preocupantes não se passe sem anotar que, durante a última semana, se falou de que os países socialistas talvez os viessem a escoar, por preços baixos, compensados no produtor através de subsídios. Teríamos, assim, uma expressão de uma política comercial de «coexistência pacífica», que se vem fortalecendo e, em relação à qual a agricultura «europeia» não se mostra nada estranha. Aparece, deste modo, a situação curiosa de ser um sector normalmente conservador que, por dificuldades de escoamento vem dar uma achega para um desanuviamento que as trocas comerciais facilitam e estimulam. Diga-se, entretanto, que no plano da concorrência dentro do Mercado Comum e seus anexos, o problema agrícola não se apresenta muito pacífico e um país como Portugal bem o sente e sentirá, pois de produção agrícola e preços concorrenciais estará a C.E.E. um pouco «farta», sobretudo quando as questões estruturais de propriedade e exploração serão agravadas pela soma algébrica de novos membros ou pelo alargamento de zonas de comércio livre.

Embora pareça pouco ou nada ter a ver com as actividades económicas, aconteceram duas coisas que merecem aqui ser referidas, a nosso juízo; pela certeza de que aqui têm lugar.

Um caso é o da substituição ministerial do dr. Costa André que tinha passado de um subsecretariado, e depois de um secretariado, do Ministério das Finanças, para um secretariado no Ministério da Educação. Ficou então bem entendido que a «reforma do ensino» teria de ter indispensável apoio técnico no plano administrativo-financeiro, e que o dr. Costa André seria o garante de uma administração e política financeira e orçamental de exequibilidade. A actual saída, e substituição por

Continua na pagina quatro

UM LIVRO POR SEMANA

L'INFLATION

DISCOURS PRONONCÉS EN SEPTEMBRE 1790 à la TRIBUNE DE L'ASSEMBLÉE CONSTITUANTE

PAR

MIRABEAU, LA GALISSONNIÈRE, BEAUMETZ DU PONT DE NEMOURS, L'ABBÉ MAURY, MONTESQUIOU, L'ÉVÊQUE D'AUTUN (Talleyrand)

POUR OU CONTRE LES ASSIGNATS

Domaines nationaux
Assignat de dix livres, payable au porteur
Série 10 12756me

AUX EDITIONS LAVILLE
20bis rue Demours, PARIS 17me
M C M X X V I

A apresentação deste livro como o livro para esta secção, esta semana, não acontece por simples «curiosidade» bibliográfica.

Vimo-lo numa montra de uma livraria e começámos por pensar em o comprar só por esse aspecto de «curiosidade». Depois, começámos a folheá-lo, e agora estamos a inventar tempo para o ler de tal modo nos parece interessante e ... útil.

Mais reforça esta nossa ideia de utilidade — talvez de actualidade — o facto de ter sido editado em 1926, num período de pré-crise, se é que tem algum sentido a distinção de uma etapa **preambular**.

No seu «**avant-propos**» começa-se por escrever que «as necessidades de emissão intensiva de papel-moeda de curso forçado, em qualquer época e qualquer que seja o Estado, sempre correspondeu a períodos de crises financeiras e económicas, rarefazendo o numerário metálico e obrigando ao recurso a expedientes que a ironia das palavras classifica meios de «fortuna». Mais adiante define-se o que são «assignats», «título hipotecário realizável com a maior das facilidades e o mínimo de formalidades», destinado a pagar dívidas do Estado e constituindo direitos de propriedade realizáveis à vista sobre venda de bens nacionais.

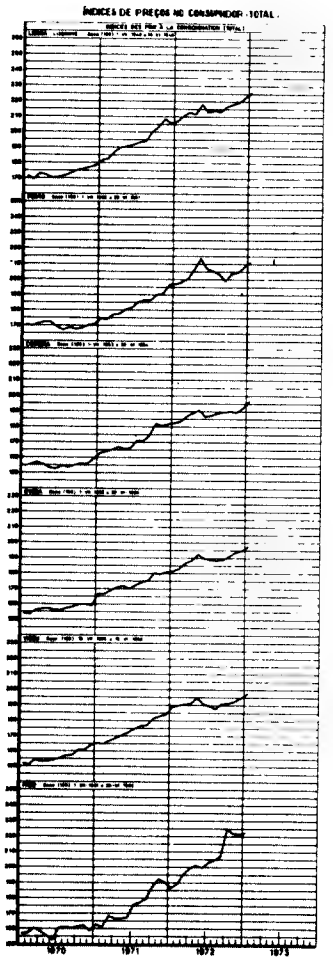
Os trabalhos vão desde «efeito dos assignats sobre o preço do pão» (por um **Ami du Peuple**, aliás, Dufont de Nemours) até opiniões isoladas sobre a forma de liquidação da dívida pública.

A inflação. A idade que ela tem, o que ela sempre foi, e como ela tem tomado novas e complexas formas.

S.R.

Instituto Nacional de Estatística

Nº 1 Janeiro de 1973



Nos bastidores do aparelho

Circuito da alimentação

Por ser menos restrito e de menor melindre, mais se cura e se comenta o esquema da distribuição do que a fonte, a origem alimentadora que há-de animar todo o complexo.

E absolutamente natural que assim seja: as **causas** são visíveis a simples olho nu; as **origens** tem de ser detectadas e encaminhadas criteriosamente, para obstar a perdas e nefastos desvios, sector por sector.

Parecendo-nos de muita actualidade, vamos fisicamente experimentar o que se processa no sector do azeite e óleos alimentares, num país bastante semelhante ao nosso em múltiplos aspectos: a Grécia.

Porque o auditor deve à objectividade e justeza, a primeira das suas obrigações, vai este lavrar breve resenha da evolução recente neste campo do seu país, evolução que mercê de esforços conjugados logrou equacionar e esclarecer o imbróglio.

Um ou dois meses antes da viragem 1972/1973, bem poucos dentro do determinativo oficial, ou do executivo da comercialização, receavam problemas no abastecimento público de azeites e óleos comestíveis. Portugal dispunha até de excessos de banha e toucinho, sem dúvida a atenuar quaisquer interrogações de escassez de gorduras. O clima apresentava tal segurança que, a disputa azeite-óleos parecia aconselhar estes últimos a desenvolverem campanhas publicitárias, para não recuarem no agrado dos consumidores e aumentarem os seus fans. O resultado destas campanhas é de tal monta que, compulsando elementos publicados no tocante à Península Ibérica, verificamos serem investidos muitos mais milhares de contos apenas numa só — única — campanha publicitária em Portugal, do que em Espanha. No cômputo total de gastos publicitários, mesmo proporcionalmente ao número de habitantes, a Espanha já então nos leva a palma.

Assim, o determinativo oficial legislou a continuidade de um azeite de preço social e, a liberalização de um azeite pretendido excepcionalmente, para estímulo e vantagem económica do produtor.

Mas, o homem põe e Deus dispõe. Vários factores conjurados alteraram os dados iniciais quanto às previsões da colheita, dos quais o menor não foi o tempo.Chuvadas consecutivas, e copiosas, vieram atrasar no todo a colheita da azeitona, impedindo o escalonamento da mesma por regiões, para progressiva utilização da parca mão-de-obra existente. As ervas que rebentaram nos olivais, em face das condições climatéricas favoráveis, vieram camuflar muita azeitona caída no solo. Por sua vez, a azeitona permanecendo tempo a mais na oliveira, acabou por originar mais acidez no azeite obtido.

Logo a lavoura viu escapar-se-lhe a possibilidade de realizar dinheiro, pela incapacidade de fabricar azeite caro por via da azeitona prejudicada quanto à qualidade. Outrossim, o comércio ante a limitação do preço a observar da venda ao público de 26/26$50 cada litro de azeite engarrafado, só oferecia ao produtor preço compatível com este, portanto inferior ao do próprio custo do azeite fabricado pela lavoura, pelo que esta abandonou larga percentagem de azeitona nas árvores.

Outros elementos vieram concorrer para agravar o problema: a inflação, o aumento substancial de consumos, o desaparecimento do óleo de amendoim por compras maciças efectuadas nas bolsas dos mercados mundiais, pela Rússia e pela China.

A frente do executivo da comercialização apercebendo-se do facto, logo no início de 1973 denunciou o facto às entidades respectivas. Contudo ao administrativo não parecia de tanta acuidade o problema. O comércio responsável continuou insistindo e, proclamando a necessidade de importar azeite, embora sem saber de onde, por ser geral a falta, e não existirem reservas.

Outro fenómeno dos nossos dias, quiçá curioso. O poder de consumo tem aumentado de tal sorte por toda a parte que, absorve os excedentes dos países de maior produção. Há 10/15 anos, quando faltava uma subsistência, logo a mesma era oferecida por outro país produtor, a preços tremendamente baixos. Tão baixos que ficava a dúvida entre produzir caro, ou importar barato.

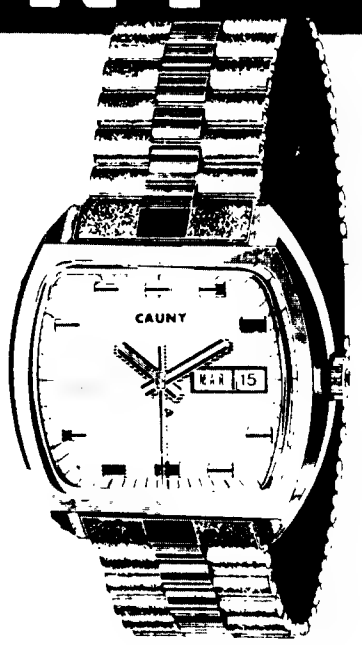
Mas, a Espanha encorajando a oleicultura, dispondo de existência de 1971, com boa safra em 1972, revelou-se como único país capaz de colmatar as nossas necessidades. Deslumbrou-se a mesma Espanha com o senhorio do mercado e tanto dinheiro pediu pelo azeite que, lhe foi demonstrada a inviabilidade da operação desejada de parte a parte.

Restaria como solução a famigerada mistura de óleo com azeite de tão triste memória para as entidades oficiais, ou a esterificação das gorduras, à semelhança do que sucede em Espanha, cerca de Sevilha, onde a mesma não será legal mas é tolerada.

Comércio é comércio! Se o Diário do Governo sai todos os dias, também as ideias oscilam diariamente e, o apurado sentido comercial da Espanha veio ao de cima, aconselhando a moderação de lucros que se pretendiam chorudos, para lucros razoáveis, de forma a conseguir-se estabilizar o abastecimento do azeite no mercado portugues, sem o pânico da insegurança do dia de amanhã. 3 000 000 de litros foram o resultado da gestação das negociações havidas. Estas três mil toneladas representam o coeficiente tranquilizante adquirido. Não tardam a chegar ao consumo público.

JOSÉ ALVES

CAUNY



AUTOMATICO
CALENDARIO
DIA E DATA
ANTICHOC

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

Garantido 1 ano

EXPOSIÇÃO DE APARELHAGEM
DE
AQUECIMENTO ELÉCTRICO
CONVITE
EXPO — SHERATON FRIPORTUS 73

Convidamos todos os distribuidores de aparelhagem de aquecimento e Imprensa, a visitarem a mostra da nossa linha 73 no Hotel Sheraton, Sala de Ouro, no próximo dia 25 de Abril, pelas 18.30 horas.
Teremos o prazer de sortear, entre os gerentes das empresas portadores de convite numerado, um relógio Ómega Quartzo.
Forneceremos convite às empresas que o solicitarem para:
FRIPORTUS, Frigoríficos de Portugal, SARL — Apartado 22 — Águeda.
Durante a mostra, será oferecido um cocktail.

FRIPORTUS — Frigoríficos de Portugal, SARL
ÁGUEDA

APOIO À HABITAÇÃO PRÓPRIA
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
UM BANCO VOLTADO AO FUTURO

Actividades económicas

A pasta e o papel

. Por despacho ministerial de 7 de Março foi concedida à empresa Celulose do Tejo, S.A.R.L. a autorização para actividade industrial nos termos que reproduzimos abaixo.

A publicação deste despacho no último Boletim da Direcção-Geral dos Serviços Industriais (de 4 de Abril) relembra o problema grave que neste momento se atravessa quanto à fabricação de papel. Passando por sobre o «caso Abelheira», com todas as suas implicações sociais e políticas, resultantes de um «jogo de empresas», é um facto que o mercado tem dificuldades de estabelecer o equilíbrio uma vez que a oferta não satisfaz a procura. E por demais notório que a actividade de exportação apresenta crescente interesse para as empresas industriais produtoras de pasta para papel, daí resultando que não se fabrica papel, pelo menos por forma a abastecer satisfatoriamente o mercado. E um problema grave para a Imprensa e as editoras, até porque quando escasseia um produto as «regras do jogo» do mercado levam a que os preços subam, mais do que a subida geral, por pressão mais forte da procura. A situação parece tanto mais de merecer atenção quanto pode ser reveladora de uma certa descoordenação que leva a que a vantagem da exportação crie problemas de fornecimentos internos, e pressões altistas sobre os preços, numa situação já claramente inflacionista.

Registe-se que, este ano de 1972, a exportação de pastas químicas para o fabrico de papel atingiu quase 1800 mil contos, com 535,1 para o Reino Unido, 364,5 para a França, 211,4 para a Itália, 193,9 para a Espanha e 184,6 para a R.F.A..

Celulose do Tejo, S.A.R.L. — autorizada a poder utilizar madeira de eucalipto na laboração da unidade de pasta celulósica que explora, no concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, mediante o cumprimento das seguintes condições:

1.ª Executar o plano de arborização apresentado;

2.ª Só poder iniciar a utilização de madeira de eucalipto depois de fazer prova idónea, junto da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, de que se encontra garantida a execução do plano de florestação referido na condição 1.ª;

3.ª Não poder exceder a madeira de eucalipto a utilizar anualmente mais de 30 por cento da totalidade do material lenhoso laborado;

4.ª Apresentar trimestralmente à Direcção-Geral dos Serviços Industriais os consumos reais, por espécies, das madeiras laboradas;

5.ª Apresentar anualmente ao Instituto dos Produtos Florestais, para apreciação e controlo, os dados referentes à execução do plano de florestação;

6.ª Prestar, no prazo de sessenta dias e nos termos do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 46 666, de 24 de Novembro de 1965, uma caução de 5000 contos, que poderá, a meio da concretização do plano de florestação, ser, a pedido da requerente, reduzida a metade.

B. S. n.º 379, de 4 de Abril de 1973.

BF 15-73

EXPORTAR
verbo com futuro

Com futuro, mas que pode conjugar-se
em qualquer tempo. Mesmo no presente.
E em português.
Como já o demonstraram empresas nacionais especializadas no fabrico
de equipamento de telecomunicações.
Depois de conquistada a preferência de mercados estrangeiros,
mercê da alta qualidade dos materiais produzidos,
houve, em certos casos, que recorrer ao apoio
de uma das nossas modalidades de financiamento:
o crédito à exportação.
Facultámos os recursos
para executar as encomendas
e conceder as facilidades de pagamento
pretendidas pelo cliente.
E continuaremos a fazê-lo em casos semelhantes.
Este é apenas um exemplo do nosso apoio
à exportação nacional.
Consulte-nos.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

AVEIRO BEIRA BRAGA BRAGANÇA COIMBRA EVORA FARO LISBOA LOURENÇO MARQUES LUANDA NOVA LISBOA PORTO SANTAREM SETUBAL VILA REAL VISEU

A agricultura nas condições vigentes não pode de forma alguma comparar-se em força económica com os outros sectores da vida nacional, não porque lhe falte algum «saber e arte» muito especial, impossível de ser alcançado pela massa cinzenta que nela trabalha. «É uma questão básica de oportunidades e condições. As pessoas e os bens envolvidos no sector primário, são capazes, se para isso se criarem os alicerces económicos e culturais de desenvolvimento», mesmo nos lugares mais recônditos do litoral ou do interior. O desenvolvimento regional terá uma palavra a dizer se tiver como princípios a igualdade de direitos de cidadãos e de regiões, não favorecendo uns em detrimento de outros.

AGRICULTURA

ALGUNS PROBLEMAS

Variantes do problema agrícola

Tem vindo a atribuir-se à Lavoura a grande responsabilidade nas dificuldades evolutivas nacionais imputando-se-lhe o que deveria, por uma questão de justiça, ser distribuído por todos os sectores.

É a Lavoura que aguenta com estabilização dos preços não se vendo por isso a inflação desenfreada perder os ímptos na corrida. Os produtos fornecidos pela Lavoura são de primeira necessidade pelo que são essenciais para a manutenção em estabilidade das parcas economias familiares.

Conseguir-se-á manter a carestia de vida à custa do sector com maiores dificuldades? O que é que pesará mais numa economia familiar, a renda de casa ou a alimentação? O comer ou o vestir, o calçar ou estudar? Teria muito interesse um inquérito que se realizasse sobre este tema.

Se tudo o que a Lavoura gasta tem sofrido aumento como será possível produzir sem agravamento os seus preços? Será que aumentando a rendibilidade se atingirá tal meta? Saber como aumentar a rendibilidade, das culturas usuais, das raças presentes e quais as novas culturas e raças a introduzir, seria um trabalho de valor inestimável a oferecer à Lavoura nacional.

A falta de garantias de que determinada cultura dará resultado económico leva os agricultores a uma certa renitência, compreensível, pois que as economias das pequenas, médias e até das grandes empresas, não dão para experiências, que por força poderão ser desastrosas, nem para andar ao sabor de preços voluveis ou da desorganização de mercados.

O Plano de Fomento deveria exercer um papel activador na motivação duma experimentação com novas técnicas e culturas e nao perdendo energias com subsídios que vão mantendo uma ideia errónea das verdadeiras e mais profundas causas. Num trabalho desta natureza teria que haver um esforço síncrono e sério dos diversos organismos oficiais e particulares montando uma rede de experimentação nacional que atingisse os diversos solos-clima ou até solos-microclima numa fase de aproveitamento máximo das nossas potencialidades.

Aliado a este esforço científico teria que se fazer uma divulgação, canalizando para cada região os assuntos de maior interesse fazendo-os compreender pelos preocupados na resolução desses problemas. A melhor divulgação que se pode dar a uma cultura não é mais que lhe garantir um mercado compensador mas uma coisa não anula a outra.

A sensibilização das populações rurais devia fazer-se de uma forma constante e aberta, com a perseverança necessária para não serem interpretadas como demagógicas as actuações junto da população.

Apesar de já termos criticado, construtivamente, a Formação Profissional Agrícola a nível de Cursos de Iniciação, de Cursos de Empresários e de Telepromoção Agrária constatamos com tristeza que os problemas negativos então levantados ainda vigoram.

Sobre este problema e outros, focados ao longo deste despretensioso escrito, viremos, nos próximos números, focar alguns pontos que julgamos oportunos.

SÉRGIO FONSECA

Registo Comentário

DA AGRICULTURA À AGRICULTURA

Continuação da primeira página

um outro governante vindo do próprio Ministério e sem qualquer especial qualificação próxima da do dr. Costa André leva a pôr a questão da «reforma do ensino», no plano orçamental e de actividade com fortes condicionantes de selecção de investimentos.

Ainda como registo, fica a confirmação — muito pessoal — de que os «economistas» — no sentido de técnicos saídos de uma escola — estão um pouco na «mó de baixo» na Administração Pública, tal tem sido a sua dispensa e substituição por universitários de outras especializações, particularmente jurídico-políticas.

Outro caso que estimamos de adequada referência é a evolução da parte final do julgamento da «herança Sommer». É evidente a repercussão de tal processo nas actividades económicas, e o modo como o «acusador público» fez as suas alegações e o relevo dado pela informação geral a essa pouco usual posição do Ministério Público podem levar a pensar que as actividades económicas portuguesas vão ter, dentro em pouco, dirigindo próxima e directamente o que tem gerido à distância e por interpostas pessoas, um empresário português da dimensão de António Champalimaud.

Talvez embalados por estas considerações de que não temos dúvidas quanto à certeza do lugar em que estão mas que poderão parecer, a alguns, um pouco na margem do económico, vamos voltar aos problemas agrícolas, e destas vez localizados, no nosso País, e mais concretamente em Aveiro.

Um acontecimento da importância do 3.º Congresso da Oposição Democrática, acabado de realizar em Aveiro, não pode deixar de merecer uma referência.

Quanto aos aspectos económicos eles não podem deixar de estar largamente presentes numa reunião que se quis fundamentalmente de diagnóstico da situação social portuguesa.

Por isso mesmo, as teses e comunicações relativas à 1.ª secção, versando temas de desenvolvimento económico e social tocaram verdadeiros, reais, decisivos problemas dessa situação. No campo da agricultura a algumas teses e conclusões nos viremos a referir com maior largueza, mas parece poder dizer-se que mais uma vez se tornou claro que o problema da agricultura portuguesa é um problema de fundo, de estruturas de propriedade e de exploração, de articulação em todo um processo de desenvolvimento económico planeado à escala global, tendo em conta não só as relações inter-sectoriais mas também as graves assimetrias regionais — que a emigração agravou — e, portanto, as relações inter-regionais.

Como entretanto dispúnhamos de duas colaborações muito válidas sobre os problemas relacionados com a agricultura, dedicamos significativa parte do nosso espaço a essas colaborações que visam questões da agricultura, agradecendo aos nossos colaboradores habituais, José Hipólito Raposo e Sérgio Fonseca a mais esta contribuição.

De qualquer modo, e para terminar este régisto-comentário ligando-o ao tema por que o iniciámos, tal como na «Europa», as políticas de «sustentação» de preços no produtor e de subsídios de compensação não serão nunca mais do que soluções precárias.

J. R.

Caça e floresta

O facto das duas palavras andarem frequentemente associadas na legislação, em tabuletas de coutadas e também porque há caça nas florestas, levou muita gente erradamente a ligar uma à outra.

Por outro lado, o facto de haver zonas onde não há senão a possibilidade de exploração através de caça, levou a associar-se coutada a terreno inculto e criminisamente desaproveitado.

Ora, as nossas melhores zonas de caça desportiva ou seja das espécies que é fácil multiplicar com interesse cinegético, como são, por exemplo, a perdiz e a codorniz — mas especialmente a primeira — não são zonas florestais mas sim zonas de cultura de cereais.

As melhores regiões cerealíferas do Alentejo são também das melhores zonas de criação de perdiz que têm uma preferência pelo seu ambiente.

A caça é assim um complemento da produção agrícola. Até se tentou dar como causa dos bons anos de caça os bons anos de seara, havendo firmas de adubos que faziam a sua propaganda com essa razão. Qualquer má seara chega para alimentação de muita perdiz porque ela não é constituída só pelos grãos que caem. A razão do paralelismo deve-se em nosso entender aos anos secos favoráveis igualmente às searas e à caça. Mas a quantidade de caça pode aumentar muito, não com a suspensão dessa cultura ou sua intensidade — as perdizes sabem adaptar-se bem ao andamento das folhas de cultura — ou ao contrário, com o seu aumento fora da capacidade dos solos, mas sim com alguns cuidados que só através do agricultor interessado serão possíveis e sem diminuir a riqueza agrícola.

A monda química por exemplo, hoje indispensável, se não mata as perdizes, é ideia corrente de que as esteriliza e diminui a criação. Haveria por isso de contar com a pressão interessada dos agricultores para que se encontrem produtos sem esse efeito ou com ele muito atenuado.

Antigamente quando se gadanhavam fenos à mão, nas propriedades onde havia interesse em defender a caça, era fácil deixar bocados de erva por cortar à roda dos ninhos de perdiz tardios. Hoje com a gadanha mecânica e o piso dos tractores é necessário observar bem a época da criação de perdizes — precoce ou tardia — para com ela se coordenarem os trabalhos agrícolas. A perdiz (ao contrário do coelho e da lebre) não faz dano às culturas a não ser comendo grãos de sementeira que encontra no chão. Por isso é necessário na sementeira contar com alguns mais para a caça e empregar desinfectantes que não lhe façam mal.

É necessário também proporcionar-lhe alguns abrigos — poucos que sejam — sobretudo contra os animais daninhos porque dos homens tem pouco medo. Já vimos ninhos de perdizes feitos tranquilamente nas balsas entre a estrada, uma horta e pomar de intenso trabalho e o caminho-de-ferro.

O coelho e as outras espécies são mais tímidos e a agricultura intensa e ou a aproximidade dos homens afasta-os mais. É necessário também criar bebedouros para as perdizes em zonas muito carecidas de água. Tudo isto pode ser feito pelos agricultores se tiverem um mínimo de interesse pela caça quando a paga não for apenas terem as propriedade e as culturas pisadas por caçadores.

Mas pode fazer-se muito mais. O interesse pela caça e a subida do seu valor pode justificar muitos outros cuidados nas zonas de cultura agrícola onde é — e poderá ser cada vez mais — um valioso complemento da produção agrícola.

Entre os cuidados está o extermínio dos animais inimigos da caça desportiva. Desde aqueles que constituem os inimigos naturais (que também são caça, do grupo dos carnívoros) passando pelos gatos e cães vadios até às aves de rapina e às cobras, lagartos e ratos.

Já se faz isso em algumas coutadas embora empiricamente sem a perfeição da técnica dos agrónomos alemães e norte-europeus que estabelecem a proporção entre as espécies inimigas. Estas são necessárias para eliminar as epidemias e obstar a uma excessiva multiplicação.

Assim se a eliminação por exemplo de cobras e lagartos apenas numa determinada propriedade pode aumentar as perdizes, (embora o seu efeito em número e a proporção entre a despesa seja discutível por comparação com outras onde o trabalho não se faz) feita numa região aumentava o ataque das aves de rapina às perdizes por falta de outro alimento, exigindo por sua vez uma destruição proporcional destas que nunca poderia ir à quase exterminação pelo desequilíbrio que provocava em todas as esecies.

Aumentando o **valor da caça** aumenta também a possibilidade de mais cuidados caros para a sua multiplicação que pode ir até ao requinte, por exemplo, ainda quanto às perdizes, de eliminar os machos a mais durante o defeso porque perturbam a criação.

Também se pode ir para o povoamento e a multiplicação em semi-cativeiro.

Queremos aqui destacar o papel estudioso e divulgado de muitos caçadores desportivos com meios económicos que a experiência do lavrador-caçador e o homem prático do campo completaram, que não se tem limitado apenas a matar muita caça como se julga.

Aliás o número de peças que se podem abater numa coutada depende da sua produção anual que o interesse da sua continuidade limitará necessariamente e o número de peças por caçador, depende da sua habilidade, da facilidade e principalmente do seu poder económico para pagar a despesa da caça produzida ou alugada.

No capítulo da caça, complemento da exploração, temos ainda as matas. Neste caso procuram-se criar principalmente nas matas europeias aquelas espécies que pelo seu tamanho ou índole são incompatíveis com as áreas agrícolas e de intenso povoamento humano.

Mas as nossas mata e sobretudo aquelas que ultimamente se planataram à base de exóticas, pinhais e eucaliptais, não favorecem nen huma espécie de caça. Apenas os carnívoros, lobos e raposas lá se abrigam mas à falta de espécies naturais abundantes para se alimentarem que as matas próprias das nossas regiões favoreciam, tornaram-nas espécies muito daninhas que atacam rebanhos e galinheiros dos agricultores das serras despertando o desejo de extremio, constituindo por isso difícilmente caça desportiva.

As nossas matas naturais do interior à base de **quercus** (sobreiro, azinheira, carvalho e castanheiro) são as únicas que, com os seus frutos, sub-bosque natural e tipos de ervas que admitem nos vales e clareiras favorecem o desen-

Continua na página seis

O "PUZZLE" MONETÁRIO — 4

Por FRANCISCO CORRÊA GUEDES

26 — Quem conheça, mesmo que rudimentarmente, uma bolsa de mercadorias, sabe o que significa a compra de produtos a prazo. Uma pessoa deseja uma partida de trigo, por exemplo, não imediatamente mas para daí a algum tempo, digamos três meses. Ela pode adquiri-la na bolsa, a um preço que não é aquele a que está cotado o trigo nesse dia, mas sim outro que resulta da procura e oferta de trigo a três meses, manifestada nesse dia. Quando o contrato é fechado o comprador sabe quanto terá que pagar daí a três meses quando receber o cereal. Quando chegar o dia marcado, seja qual for o preço do trigo nesse dia, o preço a pagar é o que se fixou no contrato fechado três meses antes.

27 — Nos países mais importantes, os mercados de câmbio funcionam exactamente do modo que acabamos de descrever. As moedas podem comprar-se ou vender-se a prazo: o seu preço a «prazo» é conhecido hoje e a transação só é fisicamente realizada no dia fixado no prazo.

Vamos supor que existia este mercado em Portugal (o que não acontece) e raciocinar em escudos para tornar as coisas mais simples.

Suponhamos que se dispõe de 1000 contos para pôr a «render» e que os bancos portugueses ofereciam 5% /ano aos depósitos a prazo enquanto os bancos ingleses oferecem 6%, valendo(para facilitar as contas) 1 libra, 50 escudos. Será interessante converter os escudos em libras.

1000 contos = 20.000 libras

e colocá-los num banco inglês. Ao fim de um ano, temos

20.000 + 6% × 20.000 = 21.200 libras

e reconvertendo a escudos obtemos 1060 contos (como era evidente) enquanto que, deixando o dinheiro em Portugal apenas terriamos obtido 1050 contos.

28 — Mas sabemos já que a libra pode «flutuar» em relação ao escudo de 2% a −2% acima e abaixo do valor paritário. Então pode acontecer que apesar de as taxas de juro serem mais altas em Inglaterra, a operação deixe de ser lucrativa e ocasione uma perda.

Suponha-se que, ao reconverter as 21.200 libras e escudos, a libra valha somente 49$40 porque entretanto, a sua cotação baixou. Nesse caso obteriamos somente 1047 contos e teria sido um mau negócio levar o dinheiro de Portugal onde, sem alações se teriam obtido 1050 contos.

29 — Se existir um preço da «libra a prazo» o interessado pode imediatamente calcular se a operação lhe vale a pena. Se assim for, comprará as libras a pronto, e , no mesmo momento vende-las-á (acrescentadas do rendimento a prazo. O seu negócio é completamente seguro.

Generalizando, pode assentar-se que o capital só será atraído um país com um juro mais baixo para um país com um juro mais alto, se a diferença entre as taxas de juro, exceder a diferença entre as taxas de câmbio a prazo e a pronto.

30 — Ora a taxa a prazo resulta de uma procura a prazo confrontada com uma oferta a prazo. Na bolsa de mercadorias muitas vendas de trigo a prazo e poucas compras de trigo a prazo, fazem descer o «preço a prazo». Então quando se fazem muitos negócios como o indicado acima, as vendas a prazo da moeda em que se fez a aplicação, deprimem o seu «preço» (a taxa de câmbio) a prazo até anular o diferencial — até que o que se ganha em juro é equilibrado pelo que se perde no câmbio.

31 — Então, o país que pretende «defender» a sua moeda elevando as taxas de juro, poderá, a partir de certa altura ter que intervir em socorro dessa medida, «comprando» a sua própria moeda a prazo (e com isso vendendo «divisas» estrangeiras) de modo a restabelecer o diferencial que torna o negócio vantajoso para os aplicadores.

Com isso pode tornar a «cura» pior do que a doença, pois as reservas que ganha temporariamente pode perde-las em maior quantidade algum tempo depois.

32 — Já se começa a vislumbrar o que seja a «guerra das taxas de juro», com vários países, uns por uma razão, outros por outra, a elevarem sucessivamente o preço do dinheiro. Veremos como os EUA entraram «em pleno» nesta guerra a partir de 1966, embora antes tivessem geito alguns bombardeamentos experimentais. Mas o que verdadeiramente representa o «vai-vem» enlouquecido de capitais, não pode ser exactamente compreendido sem travarmos conhecimento com os eurodólares, donde por fim chegamos.

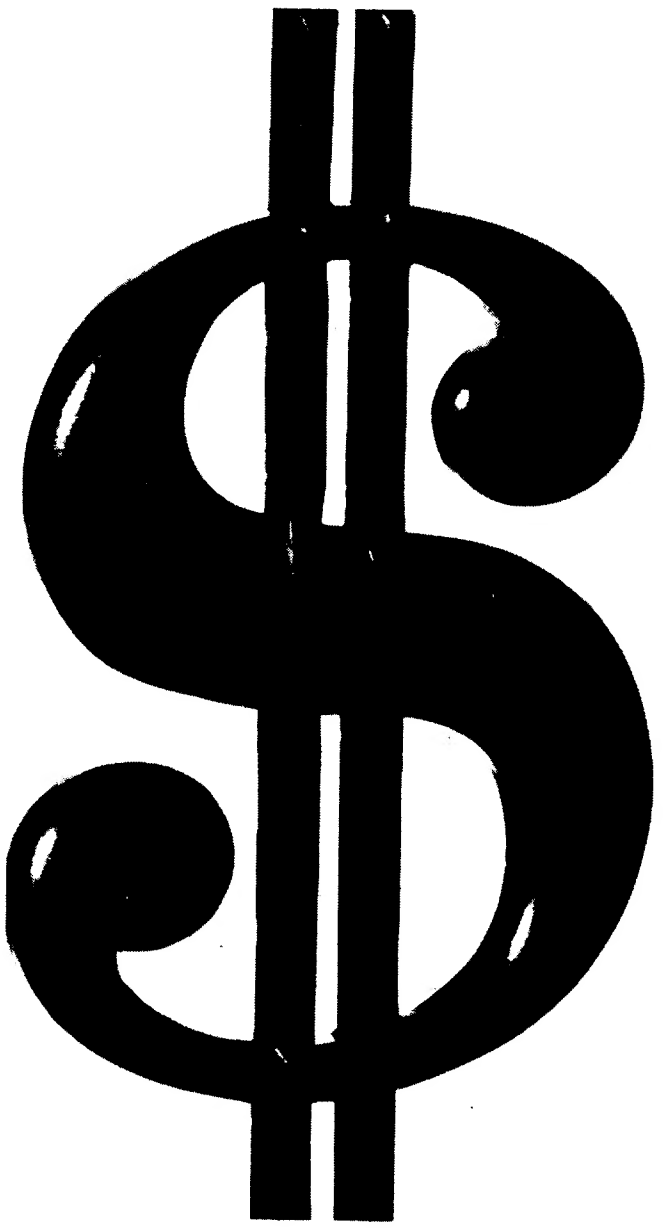
33 — Existe toda a espécie de ideias bizarras acerca do eurodólar. O caso limite era o de um senhor que pensava que eram notas de dólar carimbadas a negro com a palavra EURO.

Aproveitamos uma frase de Alexandre Swoboda que diz que o eurodólar é um enorme potencial de lucros para o banqueiro uma, senão a principal razão por que estes ou os seus agentes são entusiastas pelas suas «virtudes»), uma fonte de frustrações para o estatístico, uma amargura para as autoridades monetárias um jogo fascinante e misterioso para o leigo.

34 — Se eu, cidadão português, tiver a sorte de possuir uma boa soma de dólares que recebi, por exemplo, como resultado de uma exportação que fiz, posso escolher dois caminhos, se não precisar de os converter em escudos. Posso, primeiro, depositá-los num banco americano. Nesta hipótese os meus dólares continuam a ser dólares «tout'cout», possuídos por um não americano. Mas posso «emprestá-los» em Londres a um banco que opera em eurodólares fazendo um depósito a prazo» (que pode ir de 1 dia a 5 anos). Agora, o meu depósito é um depósito eurodólar.

35 — A grande confusão no apreendimento do fenómeno reside em que, por seu lado, o banco inglês, que responde pelos meus dólares os tem em conta aberta num banco em Nova York.

O que qualifica o dólar «como eurodólar» é o facto de que ele é utilizado pelo banco inglês para por sua vez o colocar num interessado em obter empréstimo. A denominação «euro», de resto, não é feliz, e melhor seria «mundo dólar», pois existem bancos especializados no mercado da Europa (Singapura e Bahamas têm hoje, por exemplo, grande actividade), os detentores são de todas as nacionalidades, inclusivé americanos, e os



utilizadores são de todas as nacionalidades, sobretudo americanos.

36 — Porquê e como se desenvolveu este especial mercado?

O ponto de partida é a existência de volumosos depósitos dólar pertencentes a não americanos, em bancos americanos. Esses depósitos de não americanos de harmonia com regulamentos internos americanos não podiam ser remunerados quando o «prazo de depósito fosse inferior a um mês, e, quando fosse superior, tínhamos limites máximos que os bancos não podiam exceder.

Por volta de 1957/58 aconteceram quase simultaneamente duas coisas. Em primeiro lugar o Banco de Inglaterra pediu aos bancos ingleses a maior moderação na concessão de empréstimos a estrangeiros (lembrar os problemas ingleses atrás falados) e, a seguir, intensificaram-se rumores de que o Governo americano, em face das dificuldades da balança de pagamentos, iria começar a pôr obstáculos ao repatriamento de capitais.

37 — Alguns bancos ingleses tiveram então a boa ideia de oferecer por depósitos em dólares que lhes fossem confiados juros maiores que os pagos pelos bancos americanos, limitados, como acabámos de ver, pelos regulamentos internos.

Tanto bastou para que possuidores de grandes importâncias em dólares — sobretudo, parece, pertencentes a países do Leste europeu — transferissem as suas contas dólar para esses bancos ingleses.

38 — Mas para que exista «mercado» é preciso que apareçam interessados em utilizar os dólares, pagando um juro superior aquele que os bancos pagam aos seus depositantes.

Este juro não poderia, porém, ser superior aquele que os próprios bancos americanos pediam, porque então os pedidos de empréstimo se dirigiam a estes e não aos bancos ingleses. Assim, o «chão» e o «tecto» das taxas de juro eurodólar estariam entre as americanas, em princípio, e a «margem» de negócio para os bancos era muito reduzida. Só que, respeitando a somas muitíssimo elevadas, mesmo uma pequena margem é bastante para fazer lucros enormes.

39 — A rapidez na concessão dos créditos (um telefonema), o seu elevadíssimo montante, o sigilo absoluto sobre depositantes e utilizadores tornam-no um mercado de eleições para grandes empresas necessitadas de somas muito elevadas, grupos internacionais, etc.

40 — Desde 1958 as principais moedas podem converter-se livremente umas nas outras. Isto permite ao eruodólar a possibilidade de inutilizar quase por completo as políticas monetárias restritivas nacionais. Um Governo «aperta» o crédito, coarta a liquidez dos bancos comerciais. Estes, com a maior facilidade vão ao euromercado obter por esse lado as possibilidades que o Banco Central restringiu por outro.

41 — Podemos inventariar os inconvenientes por que o mercado do eurofólar é responsável:

— Favorecimento da inflação mundial como sequência da expansão descontrolada do crédito internacional.

— Possibilidade de recurso com finalidades de encobrir «deficits» retardando os ajustamentos indispensáveis.

— Grandes pressões sobre as reservas monetárias de cada país consequência de fluxos grandes e muito rápidos que se formam e desfazem, e muito especialmente possibilidade de financiamento ilimitado para finalidades «especulativas» originando as grandes vagas que resultam em crises irreversíveis.

— Ineficacia das políticas monetárias nacionais, ao permitir o acesso dos bancos a «fontes de liquidez» estranhas aos Bancos Centrais.

— Transmissão e influência total das condições internas dos Estados Unidos ao resto e sobre o resto do mundo.

42 — Com tantos inconvenientes quem lhe aponta as vantagens e quais vantagens? Evidentemente os banqueiros e sua gente fazem um coro de louvores às virtudes desse mercado garantindo que se não fossee ele, o comércio internacional não seria o que é, mas outra coisa muito pior e muito mais pequena. Como o mercado é, por definição e excelência «território aberto» aonde se colhem lucros cujo volume provoca vertigem, ocorre perguntar se à força de se repetir uma coisa em que se quer acreditar porque nos convém, não acabamos mesmo por, sinceramente, acreditar nela.

43 — O grande argumento é o da necessidade de «liquidez internacional» para funcionamento regular e expansão acelerada do comércio.

Como ainda se não conseguiu determinar claramente qual é a liquidez desejável para dado volume de comércio, parece difícil dizer que a existente seja muita, pouca ou bastante.

Além disso a liquidez necessária está dependente da liberdade possível entre taxas de câmbio. Taxas mais flutuantes exigirão certamente menor liquidez. O argumento parece escasso, mas não devemos deixar de dizer que é ponto muito controvertido e está-se longe de uma conclusão.

— De resto, vale a pena aqui abrir um parêntesis, para referir que o tão falado problema de liquidos tem várias portas falsas. Uma delas é, com certeza, o chamado «crédito à exportação», uma liquidez cara mas cada vez mais usada, por iniciativa dos governos. Quem normalmente tem pago a conta, elevada, desse particular tipo de liquidos, são, claro está, os países subdesenvolvidos que vêem crescer cada vez mais os seus serviços da dívida.

44 — Outro ponto bastante controvertido, mas que hoje parece ser aceite pela maior parte dos entendidos «é o de que por cada» «eurodolar de facto» apareçam vários eurodólares criados, segundo um mecanismo bastante semelhante aquele, em que a partir de um dado volume de depósitos bancários iniciais, numa economia doméstica, o conjunto dos bancos «cria» um múltiplo de depósitos derivados. É absolutamente certo que isso sucede, mas «quantos» eurodólares derivados há por cada eurodólar primário, não é questão pacífica.

Em todo o caso só assim se explicam os 75 milhões de dólares que existem na Europa.

45 — Aqui temos pois, no «eurodólar» (existem outras euromoedas, eurofrancos e sobretudo euromarcos, mas pouco representam ao pé do eurodólar) uma razão muito importante para ficar com os dólares em vez de os converter. Eles representam uma fonte de rendimentos. Veremos, no capítulo seguinte que são os próprios bancos americanos que recorrem ao mercado eurodólar quando a autoridade monetária americana procura restringir a liquidez bancária. De tal maneira que para tornar as coisas mais práticas os bancos americanos instalaram as suas agências na Europa, e têm hoje grande senão a maior fonte do negócio.

ÚLCERAS
DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL
Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional
PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º E., Porto

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS ★ REGULAVEIS ★ REPARAVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 360156/7/8 — LISBOA

O Ministro da Defesa Francês promove acordo entre empresas

O Ministro da defesa francês promoveu um encontro entre as empresas Crouzet, Sagem, SFENA e SFIN de que resultou um acordo em que aqueles se comprometem a unir esforços no dominio do equipamento de pilotagem e de navegação aérea para aviões e helicópteros civis e militares.

A coordenação das suas actividades será uma das tarefas principais a desenvolver.

Como vai longe o tempo da não intervenção estatal na actividade económica...

SATÉLITE EUROPEU

Dois consórcios, Cosmos e Mesh, vão construir o satélite europeu Méteosat.

Do primeiro, fazem parte MBB, Aérospatiale, Siemens, Etca, Sat, Selenia, GecMarconi, Space e Defense Systems. Do segundo, Matra, Érno, AEG-Telefunken, Saab e Wawker-Siddeley.

Claro que as eternas rivais alemãs, Siemens e AER, não podiam estar no mesmo grupo.

CAÇA E FLORESTA

Continuação da página cinco

volvimento, não só de toda a fauna natural miúda, mas até dos herbívoros de grande porte como os javalis. Tal como os porcos alentejanos, seus próximos parentes necessitam da bolota, da lande ou de castanha e da erva tenra para reforçar as épocas da criação e das gramas e das sementes de gramínes e leguminosas nas outras épocas, que o pinheiro e o eucalipto dificilmente deixam vegetar.

Se estas espécies têm interesse económico indiscutível, em cerca de metade da faixa litoral do nosso Continente, impõe-se, até pelo aspecto ecológico, e da conservação do solo, que em encostas, em solos demasiado inclinados, nas cabeceiras das curvas de água e junto destas, a plantação de espécies naturais. O seu interesse económico é pequeno mas há esses aspectos a considerar.

Sob a perspectiva da caça só estas últimas zonas poderão ter interesse. As outras não o têm a não ser que o aumento da densidade da caça se consiga por processos artificiais caros.

Ora se o interesse da caça continua a existir nas zonas agrícolas, volta-se agora para as zonas onde as espécies exóticas não têm crescimento de molde a justificar economicamente a sua plantação e com solos demasiado magros e impróprios para a agricultura (Vd. «DL» Dois Milhões de Hectares de Recompensa em 13-2-73 e Dificuldades da arborização de 20-2-73) que abrangem vastas zonas do Alentejo interior, Algarve, Beiras e Trás-os-Montes.

Nestas zonas a caça deixaria de ser um complemento para passar a ser uma base económica e o rendimento principal.

As frmações de xistos, esqueléticos como são, infelizmente para a agricultura, a maioria desses solos, são em contrapartida, felizmente para perdizes, um solo de sua preferência o que não acontece já com as formações arenosas que não predominam e que teriam que ter outras espécies de caça como base.

Como temos vindo a insistir, a caça pode multiplicar-se muito nesses solos se o seu valor cinegético pagar o reforço de alimentação através de pequenas sementeiras e os cuidados da desmoita e limpeza do solo que são indispensáveis à perdiz para que encontre alimentação nas sementes de gramíneas e leguminosas e se defenda das raposas e gatos bravos que preferem esses abrigos.

Quando a carta de solos indica vastas zonas impróprias para a agricultura, trata-se de um indicativo de ordem geral a completar com observações locais. Essa carta não abrange manchas inferiores a cinco hectares, onde em muitoscasos há solos bons onde se pode estabelecer uma pequena agricultura complementar de outra exploração, que ao mesmo temmpo proporciona equilíbrio ecológico e protege dos incêndios. É também não é impossível encontrar manchas que se podem cultivar economicamente por tractores não já para colher a semente mas para alimentar a caça.

Ora essas sementeiras e essas desmoitas se a caça as pagar, são largamente favoráveis à sementeira (tendo em vista a carestia e a incerteza da plantação nesses solos) das espécies naturais que por si só não pagam essa mobilização de terreno e principalmente essa desmoita. A caça ao contrário do gado, não prejudica essas sementeiras que por isso deveriam ser impostas nas futuras coutadas durante o regime de transição de que falámos em artigo anterior (Vd. Caça e Demagogia «DL»).

Essa imposição não poderia ser taxativa, nem abranger as pequenas manchas de solo com aptidão agrícola. Deveria ser inculcada nos proprietários ou desfrutadores das coutadas até para interesse futuro em outros tipos de caça que essa arborização possibilita.

Se o crescimento dessas espécies de árvores naturais é pequeno, a sua multiplicação já com alguns benefícios em poucos anos e muitos para as próximas gerações não pode ser indiferente à nação.

Precisamos de muita habilidade para canalizar a terra — e outras actividades — em aplicações reprodutivas, o dinheiro que abunda em muitos sectores por razões de desequilíbrio económico que não nos temos cansado de mostrar.

21-3-73

OS E.U.A.

A POLÍTICA EXTERNA E AS RESERVAS NATURAIS

Continuação da página um

e bauxite. Pelo contrário, são obrigados a importar o estanho, o manganés, o níquel, o crómio e alguns outros metais de pequena tonelagem.

2 — Se quanto ao carvão as reservas parecem ser praticamente inesgotáveis (o futuro da extracção americana está assegurado, ao ritmo de 600 milhões de toneladas por ano, durante sete mil anos e a produção desde 1957 diminuiu e cifrou-se, em média, em pouco menos de 400 milhões por ano) já quanto a alguns dos outros produtos de que os E.U.A. são o 1.º produtor mundial, o panorama se não revela tão animador.

3 — O ferro, extraído desde os primórdios da industrialização americana, enfrentou uma crise temporária que os E.U.A. resolveram através do domínio de importantes jazigos no Canadá (distrito de Ungawa) e na Venezuela (Cerro Bolívar e El Pao no Baixo Orenoco). Estando a extracção deste minério, tradicionalmente centrada sobre os jazigos da zona dos Grandes Lagos e vertente oeste dos montes Apalaches, até aos anos cinquenta 80 a 85 por cento do minério americano foi exigido a esta região. Em 1938, nas vésperas da guerra, as reservas em minério estimavam-se em cerca de 2 milhares de milhões de toneladas. O esforço de guerra americano veio contribuir para o seu esgotamento parcial; em meados dos anos sessenta já só existiam 1250 milhões de toneladas, fazendo face a uma produção que nunca cessou de crescer. Houve, entretanto que explorar as «Taconites» do Minnesota, minério de mais baixo teor, e proceder a uma exploração das possibilidades dos Apalaches (no Alabama, nos montes Adirondack, etc).

A situação de esgotamento é localizada nesta zona. Os americanos possuem, e podem valer-se de reservas muito importantes nas Montanhas Rochosas. Mas a alta de custo na exploração dos jazigos de montanha — de maior profundidade, e de grande afastamento em relação aos centros siderúrgicos tradicionais (Milwaukee, Chicago, Toledo, Detroit, Cleveland, Akron, Youngstown e sobretudo Pittsburg) — ou talvez preocupações de ordem «estratégica» terão levado os dirigentes americanos, e os grandes «trusts» de ferro, a preferirem a importação de ferro do Canadá e da Venezuela. Estes dois países fornecem, desde 1958, pelo menos 20 milhões de toneladas por ano para uma produção anual da ordem dos 80 milhões de toneladas. Atingiram os 100 milhões em 1966.

No Canadá, a força dos interesses americanos bem como a proximidade geográfica, impuseram uma estabilidade de relações, que a ultimamente pretendida autonomia da administração canadiana, nomeadamente quanto à política externa não parece desmentir.

Na Venezuela, as assimetrias sociais são já mais extremadas pelo que os interesses americanos não estão decerto tão garantidos. Não é alheia a este facto toda a «ajuda» económica e cultural americana que se traduz, por exemplo, na construção da espectacular Caracas no meio da estagnada selva venezuelana. Aliás a penetração do capital americano faz-se ao nível de praticamente todas as riquezas minerais e agrícolas da Venezuela, que são, como é óbvio as suas principais exportações.

4 — A s reservas de petróleo no solo dos E.U.A. não garantem mais do que 15 a 25 anuidades de exploração ao ritmo actual de extracção. Dado o facto desta indústria se interligar muito fortemente com a indústria automóvel e de esta última temer (porque o conhece) o facto de estar para breve o esgotamento das reservas americanas (centradas sobre a vertente oriental das Montanhas Rochosas e golfo do México) poderá, eventualmente, estar na base das «preocupações» dos industriais da Ford e da G. M., com a poluição e que se traduz na acelerada investigação que ultimamente tem sido feita sobre a possibilidade de construir automóveis eléctricos!.

Esta indústria é servida, essencialmente, pelos interesses poderosos de cinco companhias: a Standard Oil of New Jersey, a Standard Oil of California, a Gulf Oil, a Texas Oil e a Socony Vacuum. Estas puderam, dado o seu potencial técnico e financeiro (que deriva das ligações entre as companhias e os grandes «trusts» financeiros americanos), conjuntamente com a administração federal, resolver, pelo menos a médio prazo, os problemas decorrentes do esgotamento interno, pela penetração nas férteis zonas petrolíferas do Médio Oriente, entre outras.

Assim extraem 35 por cento do petróleo produzido no mundo e controlam 46 por cento das reservas conhecidas fora dos E.U.A.

A instabilidade política do Médio-Oriente e o declínio do prestígio americano junto a muitos países árabes (devido ao apoio incondicional prestado pelos americanos a Israel) leva a que as companhias sintam os seus interesses na região em constante perigo. De qualquer modo, as exigências (quanto a lucros, investimentos, etc.) dos Governos árabes têm levado à persistente queda das altas taxas de lucro, até agora obtidas. Outro tanto acontece na Pérsia, onde a presença económica da União Soviética veio retirar aos «trusts» americanos a possibilidade de «ditarem a lei» ou, ao menos, «darem as cartas».

Estas, e outras razões, estarão na base das modificações, que a administração americana, levou a cabo no que diz respeito à Africa Austral. Uma intensa prospecção das faixas litorais, bem como das orlas marítimas, precedeu a sólida instalação americana, na qual cabe salientar o lugar da Gulf Oil.

5 — Os jazigos de minério de cobre de Montana (Anaconda), do Utah, do Arizona, etc. e os do Michigan (Keeweenaw) estão longe de poder responder à actual procura. Reservas actuais calculadas para 30 ou 40 anos, ao ritmo anual verificado.

Assim, o estabelecimento foi assegurado pelo dominio de jazigos no exterior, durante os últimos anos. A sociedade Anaconda Cooper («trust» Guggenheim-Morgan) possuía 83,3 e 98,5 por cento das duas maiores sociedades chilenas e poderosos interesses no México e no Canadá.

A guerra do Vietname veio obrigar a um novo aumento da produção.

Nos anos sessenta, o interesse que os jazigos de cobre congoleses despertaram, levou a administração federal às mais diversas formas de pressão e intervenção em favor das companhias americanas. A concorrência, por vezes declarada, entre a Union Minière du Haut Katanga e as companhias americanas esteve muitas vezes na base dos sucessivos conflitos político-militares do Congo. A situação veio a resolver-se, só parcialmente a favor dos americanos, dado que, entretanto, o Japão adquirira posições consideráveis na região. Ultimamente, devido à questão rodesiana e ao apoio que a República Popular da China prestou ao Governo zambiano, bem como à influência que aquele país exerce na Tânzania, vastos recursos de minério parecem deslocar-se do controlo americano. E isto sucede justamente quando o Governo Popular do presidente chileno Salvador Allende chama à nação a posse das riquezas minerais, anteriormente dominadas pela Anaconda que, como se sabe, prontamente reagiu.

6 — Os recursos em bauxite, chumbo e zinco são também bastante limitados, e a falta de recursos próprios obriga os Estados Unidos à «importação», falta da qual veriam a sua posição cimeira, como produtores, gravemente comprometida.

A bauxite vem da Guiana, da Jamaica e do Mediterrâneo; o estanho vem da Bolívia e da Malásia. O primeiro destes países parece «tropeçar» em contínuos obstáculos sempre que pretende emancipar-se da tutela do poderoso vizinho do Norte. A Malásia foi dos poucos países da Indochina em que o desfecho do conflito vietnamita não parece ter comprometido a posição americana.

7 — Quanto às matérias-primas de origem vegetal, os americanos só não obtêm fornecimento interno, de um número relativamente pequeno de produtos. Mas, destes, tem interesse salientar a borracha e o café.

O primeiro destes produtos vem essencialmente da Indonésia, do Bornéu, Malásia, Birmânia e também do Brasil. A substituição de Sukarno por Suharto na Indonésia ajudou a garantir (até à data) a posição americana. Mesmo que esta venha a encontrar-se em perigo, bem como a posição na Malásia, na Birmânia e no Bornéu (o que ainda permanece por provar...), como consequência a médio prazo de uma «multiplicação» política no Extremo Oriente, ainda assim os americanos controlariam vastas regiões do Amazonas.

8 — Pelo que fica dito, não será pelo esgotamento das reservas naturais internas que a economia dos E.U.A. virá a perigar, nem parece possível, de imediato, uma redefinição das relações entre os E.U.A. e os múltiplos países, em que aquele país detém posição preponderante.

Contudo, e neste momento isso basta, a relação (titular) que anunciamos fica expressa.

RUI GUIMARÃES

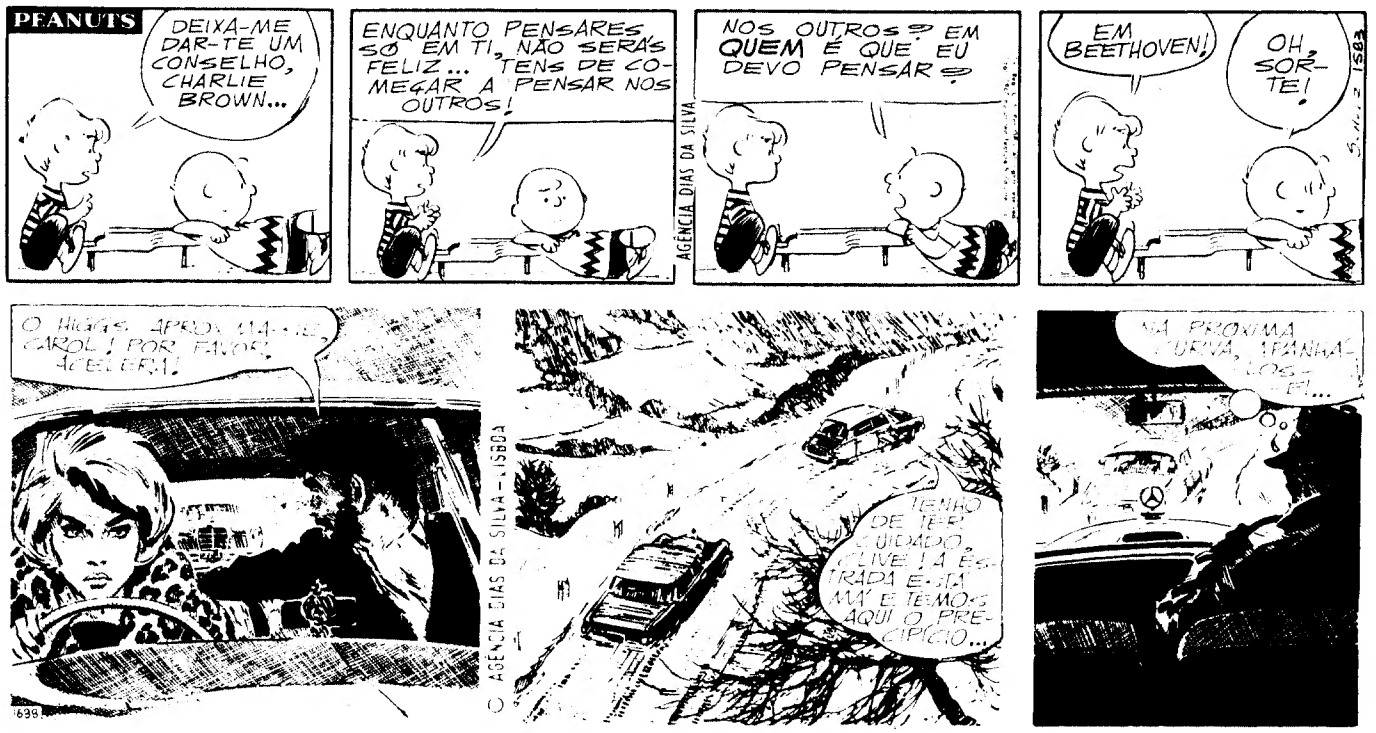
SENSACIONAL...

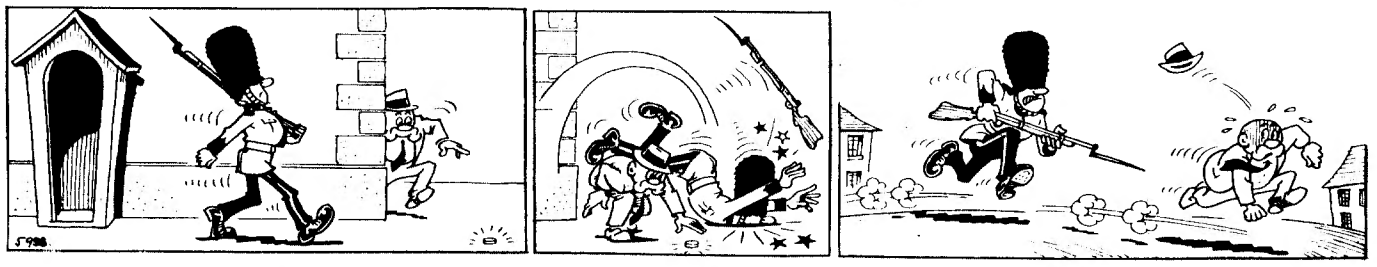
Encaradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigoríficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

Mercado de Electrodomésticos

AV. DUQUE LOULÉ, 77

De Copérnico mais esta gravura, mais esta lembrança. Água-forte de autor desconhecido do final do século XVI

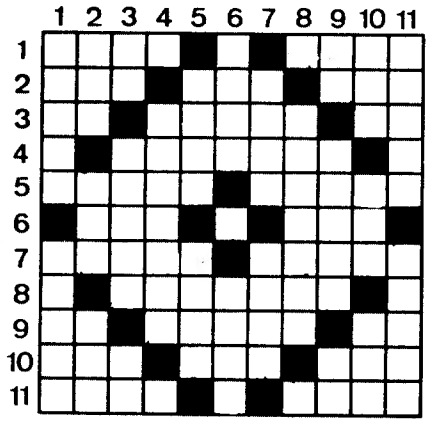




Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10394



HORIZONTAIS:

1 O mesmo que telim. Escarneçam.
2 Prefixo que designa ar. Cabelos brancos. Tanto.
3 Despido. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Senhor.
4 Vestimenta rústica.
5 Letra grega. Que é do ar.
6 Genro de Maomé. Vai para fora.
7 Árvore da América. Combinai.
8 Pises.
9 Quantum satis (Inv.º). Esmurrou. O mesmo que bétele.
10 Cidade da Alemanha. Freguesia do concelho de Penafiel. Ente.
11 Simples. Rosto.

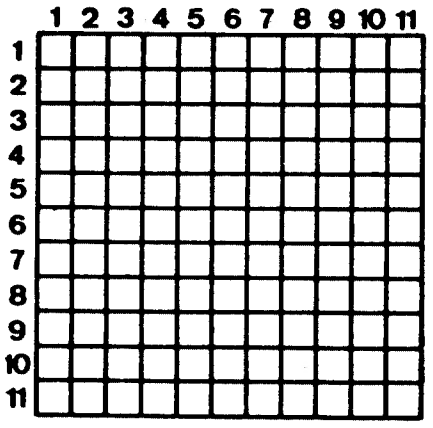
VERTICAIS:

1 Tal. Queimam.
2 Adivinhou. Oceano. Pronome relativo.
3 Caminhar. Carimbam. Érbio (s. q).
4 Encantadoras.
5 Leito. Serra de Portugal.
6 Preposição. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
7 Cura. Anéis.
8 Disse tolices.
9 Item. Lavrais. Apelido.
10 Duna na Suécia. Ena! Preposição.
11 Interjeição designativa de reprovação ou vingança. Rio de França.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6550



HORIZONTAIS:

1 Letra do alfabeto árabe. Terçado. Crómio (s.q).
2 Ilha do estado da Baía. Mediana. Imperatriz bizantina filha de Constantino VIII.
3 Colarinho. Cidade da Colômbia.
4 Atacariam.
5 Costumara. Receava.
6 Feche as asas para descer mais depressa.
7 Vira ão. Aqui.
8 Vês. Liguei. Nome de astro.
9 Estimais. Malhado de preto e branco (cavalo).
10 Reprovação (fig). A fibra de certas palmeiras.
11 Induzirias.

VERTICAIS:

1 Povo antigo da Ásia. Inunda.
2 Velho. Mover os remos.
3 Ilha do mar Báltico. Ir para fora.
4 Rio da Suiça. Sufixo que designa pequenez.
5 Amónio (s q). Pelos de certos animais. Empregas.
6 Palavra inglesa que significa melhor e que serve para designar uma carta de jogar que tem a figura dum jogral.
7 Rádio (s q). Preposição. Palmeira da Amazónia.
8 Greda branca. Oceano.
9 Cavaleiro da milícia russa. Cidade e porto de Marrocos.
10 Pegai. Gastava.
11 Bruma. Aleias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10393

HORIZONTAIS:

1 Atra. Acampa.
2 CAiram. Seis.
3 Oco. Rum. Sai.
4 Ra. Crua. ML.
5 Adil. Adis. O.
6 Avia. Odre.
7 Aero. Asso.
8 Ra. MEDO. Ti.
9 Qna. Ari. Sir.
10 Coro. Escala.
11 Assoes. Oscos.

VERTICAIS:

1 Açora. Traça.
2 Traçada. Anos.
3 Rio. Ivã. Sra.
4 Ar. Liem. Oó.
5 Arc. Area. É.
6 Amura. Odres.
7 MUDO. Ois.
8 As. Aida. Co.
9 Mês. Srs. Sãs.
10 Piam. Estilo.
11 Asilo. Oiras.

PROVÉRBIO: O medo é mudo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6549

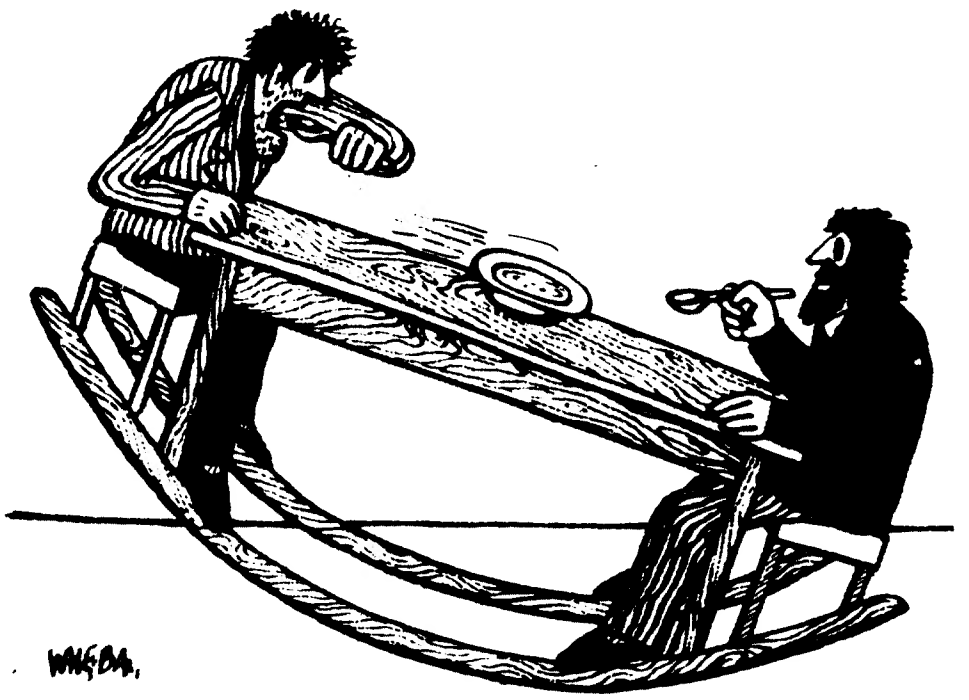
HORIZONTAIS:

1 Remas. Posta.
2 Aleta. Alais.
3 Matar. Ratas.
4 Pie. Até. ara.
5 Ásia. Asas.
6 Grato.
7 Tala. Sora.
8 Apa. Uai! Mês.
9 Nucas. Afina.
10 Tarro. Ratar.
11 Arais. Azola.

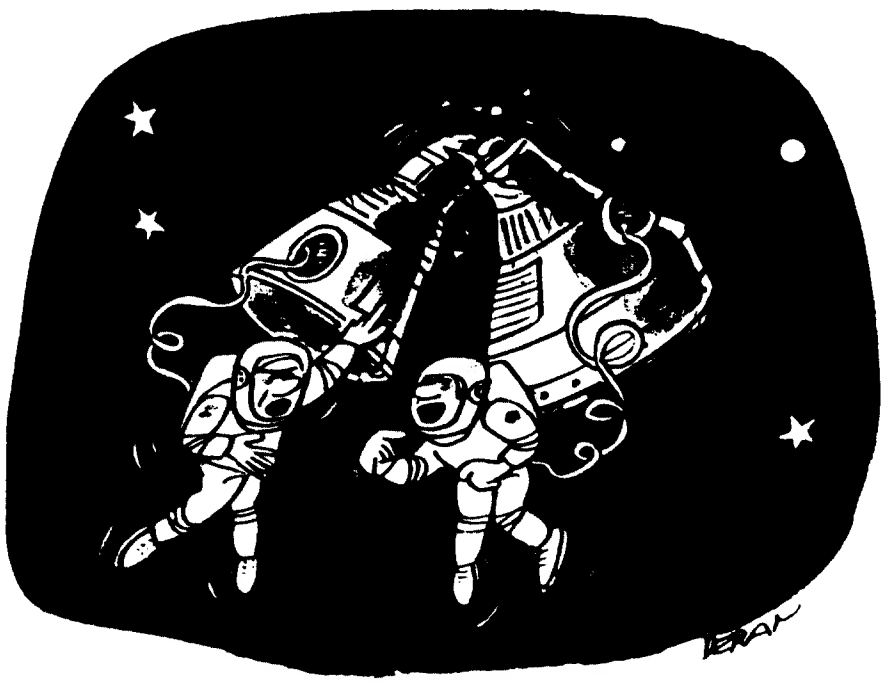
VERTICAIS:

1 Rampa. Tantã.
2 Elais. Apuar.
3 Metei. Lacra.
4 Ata. Agá. Ari.
5 Sara Usos.
6 Trava.
7 Pare. Iara.
8 Olá. Aos. Faz.
9 Satãs. Omito.
10 Tiara. Renal.
11 Assas. Asara.

A NECESSIDADE AGUÇA O ENGENHO



O «ENGENHO» AGUÇA A «NECESSIDADE»



Actividades económicas

A BOLSA E A ACTIVIDADE ECONÓMICA

Os negócios bolsistas constituem objecto de interesse desmesurado para os portugueses da década de setenta. Tais negócios consistem na compra e venda de papeis de crédito — acções e obrigações — emitidos pelas sociedades anónimas. As «mais-valias» propiciadas, no momento presente, pelo comércio de papéis, levam os detentores de economias a responder às chamadas das sociedades, anónimas, divulgadas através de anúncios publicados nos diários, para aumentos de capital social. Tentaremos diagnosticar a realidade financeira portuguesa, após a descrição do conhecido «barómetro de Harvard».

O economista estado-unidense Persons publicou, em 1919, um estudo sobre os métodos de previsão da conjuntura económica das terras do «tio Sam». Como é do conhecimento geral, a actividade económica num país capitalista, em que os meios de produção — terras e fábricas — são objecto de apropriação individual, sofre, no seu fluir, mutações derivadas do grau de utilização da capacidade produtiva, mutações essas que apresentam altos e baixos com carácter periódico, denominados ciclos económicos. Persone intentou prognosticar a fase cíclica dos negócios, com base em três índices, relativos aos preços médios das acções, obrigações e mercadorias por grosso.

Vejamos a relacionação entre a fluência da actividade económica e a evolução dos índices.

Em épocas de optimismo sobre o curso dos negócios, prevêem-se lucros crescentes, ora como a propriedade de acções proporciona participação proporcional nos lucros, assiste-se a uma procura viva pela sua compra, que conduz ao incremento das cotações. Anote-se que o «capitalismo do Far-West», nos anos vinte, não se caracterizava pela ingerência tecnocrática na administração empresarial. As expectativas sobre lucros futuros induziam os empresários a intensificar não só o capital fixo, v. g. ampliando e montando fábricas, como a incrementar o capital circulante, com relevo para os materiais necessários ao processo produtivo.

Com o acréscimo na procura de mercadorias sobem os preços e eleva-se o índice de preços por grosso. A montagem de fábricas e a compra de mercadorias, necessárias ao processo produtivo, impõem o recurso ao crédito bancário.

A afluência de pedidos de dinheiro, aos bancos, permite-lhes a elevação da taxa de empréstimo. O aumento na taxa de juro colide com a cotação das obrigações pois proporcionam rendimentos fixos.

O processo descrito caracteriza-se por a subida no índice de cotação de acções ser acompanhado pela descida no índice do preço médio das obrigações. A elevação na taxa de juro passa a colidir com o optimismo sobre a rentabilidade dos investimentos futuros. Assim, baixam as aquisições de acções e reduzem-se as encomendas de matérias-primas.

Noutros termos, a descida, primeiro, na cotação das acções e, depois, no preço das mercadorias é um indício de recessão económica.

A quebra na actividade económica gera a concentração do dinheiro nos cofres dos bancos que são forçados a baixar a taxa de juro, para obter juros a fim de satisfazer a responsabilidade para com os depositantes. Com a descida na taxa de juro, eleva-se a cotação das obrigações.

Considerada regular a evolução descrita nos mecanismos do mercado financeiro e monetário, podiam-se extrair, da sua evolução, previsões sobre o curso cíclico dos negócios.

No capítulo factual, o «barómetro de Harvard» publicado em 1919 foi fiel intérprete do fluir da vida económica norte-americana no período 1921-1924, porém foi desmentido para o quinquénio decorrente de 1924 a 1929.

Em 1929, o índice de cotação das acções era crescente, sendo as expectativas mercantis optimistas; porém, em Novembro, caiu abruptamente a cotação das acções da Bolsa de Nova Iorque. O colapso na bolsa desencadeou, de início, ligeira quebra na produção, que baixou, progressivamente, até 1932.

A crise económica conduziu ao desemprego 15 milhões de pessoas norte-americanas, cerca de um terço da gente que trabalhava, e motivou, na Grã-Bretanha, a marcha da fome sobre Londres.

Retomando o «barómetro de Harvard», diremos que foi abandonado, como instrumento de previsão económica, no entanto teve o mérito de evidenciar a importância da cotação das acções na actividade económica capitalista, como o comprovou a crise gerada com o colapso das acções na Bolsa.

A importância da valorização das acções no mercado de capitais portugueses tem sido, a meu juizo, uma lacuna das análises económicas; pretendemos, tão-só lançar lenha no fogo.

RUI TEIXEIRA FIALHO

330 milhões de dólares é o que teriam «encaixado», e somente em alguns dias, quem especula com as moedas, durante a última desvalorização do dólar. Para eles, quanto maiores as desordens mais copiosos os ganhos. Por isso terão razões para se felicitar pelos últimos «arranjos» monetários. Frutuosas perspectivas se lhes abriram.

NO DIÁRIO DO GOVERNO

Na III Série do Diário do Governo, de 30 de Março, mais uma vez se refere a firma «Sir Robert McAlpine and Sons (Midlands), Ltd.», também já neste suplemento várias vezes referida por fazer parte do consórcio Brisa, a quem foi adjudicada a construção das auto-estradas.

Desta vez, anota-se uma alteração do nome da companhia e, noutra local transcreve-se uma deliberação de uma assembleia geral de 1936, com a curiosidade (histórica) de registar uma operação em que a empresa reduziu o seu capital de 250 mil libras para 100 mil libras por restituição de 2/5 do capital pago, subdivisão de cada acção em duas, e aumento de capital para as mesmas anteriores 250 mil libras, através da criação de 150 mil novas acções de uma libra que ficaram, assim, com maioria e dispondo cada do valor nominal de 1 libra contra 4 xelins de cada uma das cutras 500 mil. Operação complicada, mas onde se pode vislumbrar uma «transferência de poder», em 1936.

ALVARÁS CONCEDIDOS E CANCELADOS

. No mês de Novembro de 1972, o Conselho Superior de Obras Públicas e Transportes, do Ministério das Obras Públicas, concedeu 38 novos alvarás a 11 empreiteiros. Destes empreiteiros, um recebeu a concessão de 19 alvarás, enquanto 2 receberam 4 e 3 receberam 2.

No mesmo mês foi suspenso um alvará e foram cancelados 42 a pedido de empreiteiros. Destes pedidos de cancelamento, 36 foram-no por uma única empresa (Construções Técnicas, Ld.ª e os outros 6 por um outro empreiteiro (Sociedade de Empreiteiros de Lafões, Ld.ª).

ATÉ MARÇO DE 1975

UMA SIDERURGIA NO PORTO

No Boletim Semanal da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, de 28 de Março último, vem transcrito o despacho do ministro da Economia de 7 do mesmo mês, em que, nos termos de um decreto-lei de Dezembro de 1972, autoriza a Siderurgia Nacional S.A.R.L., a instalar um estabelecimento industrial siderúrgico, compreendendo aciaria e laminagem.

Essa nova instalação concretizará a execução do plano de expansão correspondente à parte I da fase III do empreendimento e será localizada no distrito do Porto.

Nesse despacho definem-se as condições em que é feita a autorização, citando a legislação e obrigações decorrentes, e determinando o prazo de vinte e quatro meses para que a instalação esteja concluida, o que quererá dizer que, até Março de 1975, o Porto terá, no seu distrito, uma «siderurgia».

Além disso, a Siderurgia Nacional fica obrigada a «ceder aos construtores nacionais de turbinas hidráulicas ou de qualquer outro equipamento pesado e em condições semelhantes às agora praticadas na fábrica do Seixal instalações para fundição de peças pesadas com utilização do forno eléctrico», e também a «não praticar qualquer discriminação entre essas entidades, no que respeita a preços, prazos ou outras condições de venda, nos fornecimentos do material em fusão necessário ao funcionamento daquelas instalações».

Saint-Gobain adquire firmas alemãs de contadores

A Saint-Gobain-Pont-à Mousson adquiriu posição maioritária em duas firmas alemãs fabricantes de contadores: G. Kromschroder e H. Meineche.

A primeira destas sociedades alemãs tem participação em várias sociedades na Alemanha e no estrangeiro, nomeadamente NV Kromos e Inbema-Regulo, nos Países Baixos, Kromschroder de México SA, no México Gas und Wassermesserfabrik AG, na Suiça, e SA Kromoschroder, em Espanha.

A Saint-Gobain já possuia na Alemanha duas importantes firmas (Elster und Co e Polux Gmbh) que se fundiram no inicio de 1972.

A Saint-Gobain dedica-se aos sectores da construção (vidros, fibras, amianto, refractários), canalização e mecânica, embalagem, empresas e serviços.

Alguns números: — Volume de vendas (1972) — 13 000 milhões de francos; — Lucros (1971) — 195 milhões de francos; — Capital e Reservas — 4 205 milhões de francos (cerca de 23 milhões de contos); — Empresas associadas e subsidiárias — 75; — Total de empresas c/ ligações — 150; — Fábricas em França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos, Espanha, Itália, Suíça, Noruega, Suécia, Canadá, E. U. A., México, Argentina, Brasil e Venezuela.

A Saint-Gobain detém uma participação minoritária na Companhia Vidreira Nacional (COVINA).

ASSOCIAÇÃO BP-ENI PARA A PRODUÇÃO DE PROTEÍNAS A PARTIR DO PETRÓLEO

A BP associou-se com a firma italiana ENI, pertencente ao grupo estatal italiano ENI, para a construção da maior fábrica do mundo produtora de proteínas destinadas à alimentaçao de animais.

A nova unidade será instalada na Sardenha e terá uma capacidade de produção de 100 000 toneladas/ano.

COTAÇÃO E RENDIMENTO DE ACÇÕES NA BOLSA DE LISBOA

Informações — N.º 63 — Abril de 1973 — Gabinete de Estudos Económicos — Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

ACÇÕES	CAPITAL (milhares de escudos)	RESERVAS (milhares de escudos)	VALOR NOMINAL	COTAÇÕES EXTREMAS 1972 MÁX.	COTAÇÕES EXTREMAS 1972 MÍN.	COTAÇÕES EXTREMAS 1973 MÁX.	COTAÇÕES EXTREMAS 1973 MÍN.	COTAÇÃO EM 16/3/73	DIVIDENDO LÍQUIDO 1971 REGIST. OU NOMINATIV.	DIVIDENDO LÍQUIDO 1971 SIMPLES	TAXA DE RENDIMENTO REGIST. OU NOMINATIV.	TAXA DE RENDIMENTO SIMPLES
BANCOS												
Agricultura	332 500	213 500	500	6 300	2 425	6 300	4 030	6 300	28850	21927	0,45	0,34
Alentejo	240 000	260 350	150	2 200	1 020	2 650	1 950	2 495	10848	7879	0,42	0,31
Algarve	50 000	27 471	100	3 100	1 100	3 300	2 800	2 980	4837	3826	0,15	0,11
Angola	425 000	545 329	1 000	4 700	3 500	6 000	4 070	5 570	87872	65446	1,57	1,18
Borges & Irmão	700 000	804 702	1 000	10 000	5 600	8 700	6 150	8 350	52863	39928	0,63	0,47
Crédito Predial	550 000	504 200	500	6 960	4 550	6 250	4 950	5 800	52863	39928	0,91	0,68
Espírito Santo	800 000	550 000	1 000	16 200	8 000	17 400	15 000	16 550	72838	54803	0,44	0,33
Fernandes de Magalhães	350 000	162 000	1 000	—	—	—	—	** 7 350	—	—	—	—
Fomento Nacional	1 500 000	884 000	1 000	6 400	3 180	5 900	4 500	5 400	50443	37864	0,93	0,70
Fonsecas & Burnay	321 440	678 560	4 000	85 000	30 000	75 000	65 500	(C) 79 000	385896	288906	0,49	0,36
Intercontinental	370 000	199 850	1 000	—	—	—	—	** 29 000	—	—	—	—
Nacional Ultramarino	1 000 000	491 283	1 000	7 300	4 500	11 550	7 150	11 000	59894	44873	0,54	0,41
» » (N)			1 000	6 200	4 000	8 230	6 500	• 8 000	57876	—	0,72	—
Pinto de Magalhães	420 000	159 000	1 000	—	—	—	—	** 8 850	—	—	—	—
Pinto & Sotto Mayor	1 200 000	700 000	1 000	—	—	19 950	13 800	18 630	43886	32973	0,24	0,18
Portugal	193 560	212 139	1 000	7 000	5 000	9 600	6 700	9 000	78896	58894	0,88	0,65
» (N)			1 000	5 950	4 300	5 700	4 550	• 5 350	78846	—	1,43	—
Português do Atlântico	758 000	811 899	1 000	14 500	7 250	16 700	14 100	16 400	87872	65446	0,53	0,40
Totta & Açores	900 000	308 500	1 000	7 000	5 130	9 460	6 800	9 460	52963	39928	0,56	0,42
SEGUROS												
Alentejo	30 000	10 428	50	810	140	800	355	(C) 660	—	—	—	—
Bonança	40 000	149 735	500	49 000	10 000	25 300	14 000	(C) 25 000	65880	49410	0,26	0,20
Comércio e Indústria	10 000	130 806	500	54 000	37 000	50 000	45 000	(E) 50 000	(D) 210852	157812	0,42	0,31
Império	100 000	339 861	1 000	40 000	10 000	47 000	35 000	(C) 43 500	78894	58892	0,18	0,14
Mundial	40 000	48 744	100	3 350	1 000	3 000	1 980	2 810	—	—	—	—
Nacional (N)	27 500	123 925	1 000	23 560	6 200	17 500	16 000	(E) 16 500	(D)* 41853	—	0,25	—
Segres	10 000	62 441	800	26 000	5 600	25 300	18 500	24 000	42810	31842	0,18	0,13
Soberana	30 000	32 513	500	4 570	1 760	9 000	3 240	7 800	13815	9882	0,17	0,13
Tranquilidade	230 000	301 740	500	—	—	—	—	** 15 000	1 491824	1 112894	—	—
Ultramarina	20 000	265 684	2 000	44 000	40 000	88 000	82 000	(C) 90 000	(D) 464891	346897	0,52	0,39
ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE												
Águas de Lisboa 1934	50 000	650 515	100	700	410	880	640	(E) 860	21848	16814	2,50	1,88
» » » » (N)			100	460	395	860	800	(E) 800	• 21827	—	2,66	—
Água do Luso	14 994	2 568	180	4 500	2 400	5 000	4 100	(E) 5 000	—	—	—	—
Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas	130 000	66 275	500	5 000	2 600	—	—	** 2 700	39421	29926	—	—
C.º Portug. de Electricidade	5 700 000	364 258	1 000	1 180	1 090	1 250	1 118	1 165	70817	52837	6,02	4,50
» » » » (N)			1 000	1 185	1 060	1 200	1 080	(C) 1 165	• 69861	—	5,98	—
Eléctrica das Beiras	150 000	120 685	1 000	1 850	1 700	1 850	1 790	1 810	87835	65819	4,83	3,60
Gás e Electricidade	797 076	97 268	175	379	315	363	331	346	15435	11845	4,44	3,31
H. E. Alto Alentejo	484 000	88 500	100	199	152	180	165	166	** 8877	6854	5,28	3,94
Chenop	430 000	290 295	100	255	230	295	250	(E) 275	14874	11800	5,36	4,00
União Eléctrica Portuguesa	500 000	141 689	100	210	156	184	176	179	8877	6854	4,90	3,65

(A) Regist. Metrópole e no Ultramar (B) Regist. Ultramar (C) Comprador (D) Dividendo de 1970 (E) Última cot. efect. em 1973 (N) Nominativa * Dividendo acções nominativas ** Mercado livre (Cautelas)